

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ALINE DE CASTRO LEMOS

**GÊNERO E CIÊNCIA NA FICÇÃO CIENTÍFICA DE
BERILO NEVES**

Belo Horizonte

2014

ALINE DE CASTRO LEMOS

**GÊNERO E CIÊNCIA NA FICÇÃO CIENTÍFICA DE
BERILO NEVES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Linha de pesquisa: História e Culturas Políticas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Horta Duarte

Belo Horizonte

2014

112 Lemos, Aline de Castro
L557g Gênero e ciência na ficção científica de Berilo Neves
2014 [manuscrito] / Aline de Castro Lemos. - 2014.
111 f. : il.
Orientadora: Regina Horta Duarte.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Neves, Berilo, 1901-1974. 2. História - Teses. 3. Ficção científica - Teses. 4. Ciência - Teses. I. Duarte, Regina Horta, 1963-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida pela aluna **Aline de Castro Lemos**, intitulada "**Gênero e ciência na ficção científica de Berilo Neves**", no dia 10 de abril de 2014 e **aprovada**, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Regina Horta Duarte - Orientadora
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Maria Margaret Lopes
Universidade Estadual de Campinas

Profa. Dra. Ana Carolina Vimieiro Gomes
Universidade Federal de Minas Gerais

Para minha irmã Ellen.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não teria sido possível sem o apoio das pessoas brilhantes e queridas que me cercaram durante os dois últimos anos. Cada uma delas me ofereceu motivação e inspiração nos momentos em que mais precisei. As linhas deste trabalho estão imbuídas do meu carinho e gratidão por elas.

Agradeço o amor e apoio incondicional de minha família, em especial de meus pais e meus queridos irmãos Ellen e Eder.

Agradeço à professora Regina Horta Duarte, que me inspira desde a época da graduação, pela orientação do meu trabalho. Obrigada sobretudo pela confiança e carinho que sempre me dedicou.

Às professoras Ana Carolina Vimieiro e Anny Jacqueline Torres, por terem acompanhado e enriquecido minha pesquisa. Suas críticas e boa vontade foram fundamentais em meu percurso.

Aos meus amigos do curso de História, companheiros de percurso ou de corredores da Fafich, em especial Eliza, Gabriel Amato, Gabriel Nascimento, Guilherme, Igor, Raissa, Taciana, Thiago Lenine e Thiago Prates. Obrigada pelos debates aguerridos, angústias compartilhadas e bagunças generalizadas. Principalmente, obrigada por sua amizade sincera.

Às minhas amigas Flávia, Karen e Natália. Obrigada por compartilharem as discussões e experiências de suas áreas e as noites na balada, às vezes ao mesmo tempo.

Aos meus irmãos por escolha, com quem compartilho desde sempre mais do que poderia expressar nessas breves linhas. Raquel, sua amizade me move. Vitor, em tudo o que faço há um algo seu.

Obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa propõe-se a analisar o diálogo da literatura de Berilo Neves, considerado o primeiro autor a dedicar-se sistematicamente à ficção científica no Brasil, com os debates sobre a modernização do país e, em especial, sobre a questão da mulher nas décadas de 1920 e 1930 no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que as especulações de Neves sobre temas científicos expressavam certo entendimento sobre as possibilidades e consequências das práticas científicas de sua época, realizavam uma sátira da sociedade que lhe era contemporânea, tendo o comportamento feminino como seu alvo preferido. Por meio de uma linguagem própria da ficção científica, o autor mobilizou e elaborou representações sobre a ciência e a mulher, principalmente sobre o lugar de uma e outra em um processo de transformação social. A pesquisa se propõe, dessa forma, a confrontar o seguinte problema: em que medida os escritos de Neves articulam as ambiguidades, tensões e contradições de uma experiência das transformações em curso naquela sociedade, em especial nas relações entre os gêneros? As fontes consultadas abrangem primordialmente os contos de ficção científica de Neves, mas compreendem também outros textos escritos pelo autor e material reunido em periódicos da época que dê conta da sua repercussão e dos debates relacionados. Sua análise permitiu a compreensão de que seus escritos têm um efeito ambíguo que combina maravilhamento e desconfiança em relação aos empreendimentos científicos, mas compartilham com seu tempo uma linguagem e pressupostos científicos definidores de identidades e papéis sociais de gênero, bem como o desejo por uma modernização que preserve valores tradicionais. Os aspectos plurais e contraditórios de seus escritos diziam respeito a uma sensibilidade de uma experiência de profundas transformações sociais e tecnológicas. Essa sensibilidade foi, também, um dos motivos da enorme repercussão de sua obra e dos múltiplos posicionamentos e compreensões da mesma por seus contemporâneos.

Palavras-chave: ficção científica; gênero; história da ciência; Berilo Neves.

ABSTRACT

This research proposes to analyze the dialogue between Berilo Neves' – considered to be the first author to systematically dedicate himself to science fiction in Brazil – literature and the debates about country's modernization and, in particular, about women's issue at 1920 and 1930 decades at Rio de Janeiro. While Neves' speculations about scientific themes expressed certain understanding on the possibilities and consequences of his time's scientific practices, they satirized his contemporary society, the feminine behavior being his favorite target. By means of a science fiction specific language, the author mobilized and elaborated representations about science and women, particularly about the places of one and another in a social change process. The research proposes, thus, to confront the following problem: in which way Neves' writings articulate the ambiguities, tensions and contradictoriness of an experience of the changes going on in that society, especially in gender relations? The consulted sources cover primarily Neves' science fiction tales, but comprehend also other text by him and contemporary journal material which account on his repercussion and related debates. Its analysis allowed the understanding that his writings have an ambiguous effect that combines wonder and suspicion towards scientific endeavors, but share with his time scientific language and assumptions which define gender roles and identities, as well as the desire for a traditional values preserving modernization. The plural and contradictory aspects of his writings regard to the sensibility of an experience of profound social and technological changes. That sensibility was also one of the reasons of the enormous repercussion of his work and the multiple opinions and understandings around it by his contemporary.

Key-words: science fiction; gender; science history; Berilo Neves.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – As maravilhas da sciencia – o homem mecânico. *A Noite*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1931, p. 7..... 15
- Figura 2 – NEVES, Berilo. *A costela de Adão*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1930. 43
- Figura 3 – NEVES, Berilo. *A costela de Adão*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932. 46
- Figura 4 – NEVES, Berilo. *Século XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1934. 46
- Figura 5 – NEVES, Berilo. Emoção, curiosa doença cerebral. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1934. p. 14. 84
- Figura 6 – Foto de Neves veiculada no mesmo *Jornal das moças*, acompanhando crítica elogiosa que o trata como colaborador do periódico. Berilo Neves. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1934. p. 36. 84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 SONHOS CIENTÍFICOS: FICÇÃO CIENTÍFICA E CIÊNCIA NO BRASIL DOS ANOS 1920-1930	15
1.1 Literatura de ficção científica como fonte de pesquisa histórica	18
1.2 A ficção científica de Berilo Neves, ciência e modernização	29
2 FILHAS DE EVA: A QUESTÃO DA MULHER E A CIÊNCIA	43
2.1 Berilo Neves e a questão da mulher	47
2.2 Gênero e ciência em discursos sobre mulheres	65
3 AMOR E REPRODUÇÃO: A FICÇÃO CIENTÍFICA E A UTILIDADE DAS MULHERES	76
3.1 O amor-doença	76
3.2 A reprodução artificial	89
CONCLUSÃO	102
FONTES	108
BIBLIOGRAFIA	112

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe-se a analisar o diálogo da literatura de Berilo Neves, considerado o primeiro autor a dedicar-se sistematicamente à ficção científica no Brasil, com os debates sobre a modernização do país e, em especial, sobre a questão da mulher nas décadas de 1920 e 1930 no Rio de Janeiro. Por meio de uma linguagem própria da ficção científica, o autor mobilizou e elaborou representações sobre a ciência e a mulher, principalmente sobre o lugar de uma e outra em um processo de transformação social. A pesquisa se propõe, dessa forma, a investigar em que medida os escritos de Neves articulam as ambiguidades, tensões e contradições de uma experiência das transformações em curso naquela sociedade, em especial nas relações entre os gêneros.

A repercussão de seus escritos e a variedade dos temas abordados nos mesmos, em consonância com os debates da época, foi o que levou a sua escolha como fonte da pesquisa. O interesse principal e fio condutor do presente trabalho consistem nos contos de ficção científica escritos por Neves. De modo auxiliar, as fontes compreendem também outros textos escritos pelo autor e material reunido em periódicos da época que dê conta da sua repercussão e dos debates relacionados. A pesquisa está concentrada nas publicações entre 1927 e 1938, período de maior produtividade e repercussão dos escritos de Neves desse gênero. Gostaria, inicialmente, de detalhar os periódicos consultados e as coletâneas do escritor lançadas na forma de livro, as principais fontes consultadas.

Os principais livros a fornecerem subsídios para a pesquisa foram a 6ª edição de *A Costela de Adão* (1929) e a edição original de *Seculo XXI* (1934). Ambos reúnem 30 contos publicados anteriormente em periódicos, quase todos de literatura fantástica. Ao menos dois terços dessas histórias podem ser considerados ficção científica nos critérios aqui adotados, que serão elucidados ao longo da dissertação. A temática geral que perpassa os livros é o universo feminino, frequentemente retratado em oposição à razão científica. Adicionalmente, foram explorados também alguns escritos de *Cimento Armado* (1936), livro menos focado na temática.¹

Muitos de seus contos foram localizados em sua publicação original nos periódicos, junto a histórias que não alcançaram a republicação nas coletâneas. A partir

¹ NEVES, Berilo. *A costela de Adão*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932; NEVES, Berilo. *Seculo XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1934; NEVES, Berilo. *Cimento armado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1936.

do banco de dados da Hemeroteca Digital Brasileira, mantida pela Biblioteca Nacional,² foi possível localizar em diversos periódicos cariocas esses e outros escritos de Neves, bem como referências a respeito do autor.

Os principais periódicos em que constam textos de sua autoria são *A Noite* e *O Paiz*. *A Noite* é considerado um dos primeiros jornais populares do Rio de Janeiro, lançado a preços baixos, com circulação diária e grandes tiragens. Desde 1929, Neves foi personagem constante de suas páginas, mencionado na coluna social e nas críticas literárias, mas principalmente por sua própria contribuição ao jornal. Suas publicações abundam no *A Noite Ilustrada* ou *A Noite Suplemento* no período de 1930 a 1938, enquanto no jornal principal seu período de maior atividade foi o ano de 1932, em que assinava uma coluna humorística. *O Paiz* também deu ampla divulgação aos seus livros na forma de propagandas e críticas. Jornal diário de ampla circulação, contou também com contribuições frequentes e abundantes de Neves durante os anos de 1927 a 1930. Após esse período o jornal foi fechado, retornando suas atividades em 1933 e 1934, quando há menções a Neves, mas não publicações suas.

Com menos frequência, também foram localizados seus escritos em outros periódicos. Em *Revista da Semana*, semanário ilustrado com enfoque político, as menções e/ou textos de Neves ocorrem principalmente entre 1927 e 1934. Por sua vez, o

Correio da Manhã, jornal identificado com a classe média do Rio de Janeiro e com uma linha editorial liberal e independente, referiu-se a Neves críticas literárias ou colunas sociais entre 1929 e 1937, publicando esporadicamente seus contos. Em *Fon-fon*, revista fundada em 1907 que tratava principalmente dos costumes e notícias do cotidiano, não foi possível verificar exaustivamente as colaborações de Neves, mas foram identificados alguns textos. Já *Jornal das Moças*, revista semanal destinada ao público feminino, conta com comentários de leitoras e críticas sobre Neves desde 1928, mas as contribuições do escritor concentram-se no período de 1934 a 1939.³

Menciono ainda *Gazeta de notícias*, periódico que contou com contribuições de Neves desde 1924, principalmente na seção “Vida Religiosa”. Ao longo da década de

² A Hemeroteca Digital Brasileira pode ser acessada em <<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. As informações sobre os periódicos também foram encontradas no portal, com exceção do contrário afirmado.

³ ALMEIDA, Nukácia M. Araújo de. *Revistas Femininas e Educação da Mulher: o Jornal das Moças*. Anais do 13º Congresso de Leitura do Brasil. 5. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf> Acesso em jul. 2013.

1920 esses textos vão se tornando mais raros, mas ainda assim as menções ao autor continuaram, na forma de coluna social e outros escritos esporádicos. Por fim, foram consultados também *A Manhã*, *Eu sei tudo*, *O Imparcial*, *A Batalha* e *Folha da Manhã*.

Nascido no Vale do Parnaíba no Piauí, Berilo Neves (1901-1974) mudou-se para o Rio de Janeiro em 1924 e, desde então, começou a atuar como jornalista na cidade. Logo estaria colaborando regularmente em periódicos de grande circulação, como *Jornal do Commercio* e *Careta*, além das publicações já mencionadas. Seus primeiros escritos publicados eram quase sempre de cunho religioso, mas ao longo da década de 1920 voltaram-se para temas cotidianos e literatura ficcional, sendo possível encontrar suas contribuições nos jornais na forma de crônicas, aforismos, piadas, reportagens e contos. Pelo menos desde 1927 escrevia contos fantásticos, muitos dos quais reunidos em seu *A Costela de Adão* (1929), que teve no mínimo sete edições esgotadas. Publicou oito livros, a maioria na forma de coletâneas ou com material similar a suas publicações nos periódicos, e foi traduzido para o polonês e possivelmente para inglês e espanhol.⁴

Sua inserção nos meios intelectuais parece ter sido ampla, indo além dos círculos jornalísticos e literários. O parnaibano cursou a Faculdade de Medicina da Bahia, havendo controvérsias sobre a conclusão da sua graduação como farmacêutico. De qualquer forma, veio a ser membro da Associação Brasileira de Farmacêuticos e atuou no Corpo de Saúde do Exército, além de lecionar no Colégio Militar do Rio de Janeiro. São constantes as menções ao escritor em colunas sociais dos meios intelectuais, bem como referências a sua atuação em instituições como o Touring Club do Brasil e a Associação Brasileira de Imprensa, nas quais alcançaria cargos de direção. Somando-se a essa visibilidade nas páginas dos jornais, a leitura de seus contos ou outras palestras era feita

⁴ Sobre a biografia e trajetória profissional de Neves, ver: Berilo Neves. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 mar. 1974, p. 2; SILVA, Helio. Semanographo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 26 ago. 1934, p. 8; As obras de Berilo Neves vertidas para o polonez. *A Noite*, Rio de Janeiro, 7 set. 1936, p. 2. Suas publicações mais antigas localizadas por mim pertencem a seção “Vida Religiosa” em: NEVES, Berilo. Pela ordem e pela pátria. *Gazeta de notícias*, Rio de Janeiro, 9 jul. 1924, p. 6. O conto de ficção científica mais antigo localizado é NEVES, Berilo. O succo do “yagé”. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 10 set. 1927, p. 1. A seguir, listo sua bibliografia completa: NEVES, Berilo. *A costela de Adão*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1929; NEVES, Berilo. *A mulher e o diabo*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1931; NEVES, Berilo. *Pampas e Cochilhas*. Porto Alegre: Livraria O Globo, 1932; NEVES, Berilo. *Lingua de trapo: aforismos e paradoxos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1934; NEVES, Berilo. *Seculo XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1934; NEVES, Berilo. *Cimento armado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1936; NEVES, Berilo. *Caminhos de Damasco: Crônicas e Fantasias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1939; NEVES, Berilo. *Eça de Queirós: romântico ou naturalista*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

com regularidade na Rádio Sociedade Mayrink Veiga, pelo menos no período entre 1929 e 1932.⁵

De modo geral, pode-se pensar que Berilo Neves foi uma figura conhecida e comentada por certo público – o dos jornais mencionados, principalmente – na segunda metade da década de 1920 e na década de 1930. Corroboram essa ideia não apenas a sua presença nessas páginas e ondas sonoras, mas as críticas que apontam o sucesso de vendas e apostam na carreira do jovem escritor, as eventuais correspondências de leitores e, o que é mais curioso, as suas menções pontuais em textos de terceiros. Mesmo quando o assunto sequer está relacionado diretamente ao escritor ou seus textos, estes atuam como uma referência compartilhada. É assim que piadas sobre mulheres são livremente atribuídas ao autor, ou ser “um Berilo Neves” significa alguma coisa no contexto dessas piadas – tal assunto será abordado com mais atenção posteriormente.⁶

Para Fabiana Pereira, o sucesso de Neves atraiu pelo menos dois escritores para o gênero da ficção científica no Brasil. Gomes Netto publicou duas coletâneas incluindo contos de ficção científica em 1932 e 1934, enquanto Epaminondas Martins, que havia escrito críticas literárias elogiosas sobre os escritos de Neves, lançou em 1934 uma fábula interplanetária envolvendo um robô. O autor também participou de congressos literários e

⁵ Neves é referido como tendo abandonado a Faculdade de Medicina em CAMPOS, Humberto de. Vida Literária. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1929, p. 2; Berilo Neves. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 mar. 1929, p. 2; mas aparece como farmacêutico em FERNANDES, Carlos D. Autores e livros. *O Paiz*, 20 mar. 1929, p. 1; ou até mesmo como químico, em MARTINS, Epaminondas. Ler e comentar. *Correio da Manhã – Suplemento*. Rio de Janeiro, 10 jan 1932, p. 1. Sobre a atuação de Neves nesses vários meios, foram consultadas também as seguintes referências: Associação Brasileira de Pharmaceuticos. *Diario Nacional*, São Paulo, 1 dez. 1929, p. 5; Hontem, hoje, amanhã. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1938, p. 12; As referências sobre a ABI e o Touring Club do Brasil são abundantes em diversos periódicos, mas concentram-se na década de 1930 em *Correio da Manhã* e, principalmente, *A Noite*, a exemplo de: O mez do Touring Club: A sessão commemorativa de hontem, á noite, na séde da Associação Brasileira de Imprensa. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 out. 1931, p. 3; Touring Club do Brasil. *A Noite*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1932, p. 2. Por fim, as programações da rádio eram veiculadas em *A Noite*, a exemplo de: Sem fio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 29 out. 1931, p. 4.

⁶ Seu primeiro livro, *A Costela de Adão*, recebeu críticas positivas de ao menos onze veículos: *O Paiz*, *Revista da Semana*, *A Noite*, *Correio Paulistano*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias*, *A Manhã*, *Critica*, *Diário Nacional*, *Diario Carioca* e *Jornal das moças*. Exemplos de correspondências de leitores podem ser encontrados em NEVES, Berilo. Carta a uma leitora. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 15 set. 1936, p. 12; BRANCA, Irma. Pacifico agitador Berilo Neves. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1936, p. 8. Algumas foram posteriormente reproduzidas nas reedições de *A Costela de Adão*, como a carta de Maria Eugenia Celso veiculada em: CELSO, Maria Eugenia. “A costella de Adão”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 jan. 1930, p. 4. O uso do seu nome como referencial pode ser observado, entre outros, em: Fabricação de mulheres. *Eu sei tudo*, Rio de Janeiro, out. 1937, p. 27; STAR. Ella não é uma mulher como as outras. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 25 set. 1938, p. 12.

foi tema de palestras, embora nessas ocasiões pareça ter sido reforçada sua atuação como humorista.⁷

A ampla repercussão dos escritos de Neves não é o único motivo de interesse dessa pesquisa. Sua obra dialogou com os debates que permearam a sociedade que lhe era contemporânea, marcada pelas pluralidades e complexidades da vivência em um contexto de profundas transformações. Ao mesmo tempo, o fazia por meio de um gênero literário em construção. Valendo-se da fantasia e da linguagem científica, Neves pôde mobilizar representações em discussão na ordem do dia e especular sobre as questões de seu tempo.

Afinado com as questões científicas de seu tempo, o escritor dialogava com os discursos médicos e científicos de modo geral, em um contexto valorização da ciência e do cientista em projetos políticos de modernização na sociedade. Observo ainda que o principal tema de seus escritos era a mulher, quase sempre confrontada com o progresso e ciência. Seus escritos dialogavam com os discursos de cientistas e outros intelectuais que debatiam e determinavam o comportamento feminino e o lugar da mulher na sociedade, em um momento em que as transformações nas relações entre os gêneros geravam acaloradas disputas. Nesse sentido, argumentarei que os escritos de Neves assumem caráter político, na medida em que elaboravam, reforçavam ou refutavam representações em meio a esses debates.

O primeiro capítulo é dedicado a uma investigação inicial da FC em relação aos discursos científicos. Em um primeiro momento, será explicitado e justificado o uso da FC como categoria analítica para o objeto de estudo, bem como introduzirei algumas de suas manifestações no Brasil no início do século XX. A seguir, será explorada a ligação dos escritos de Neves com as transformações científicas e tecnológicas em sua época, sobretudo em relação à mobilização política de conhecimentos científicos por projetos políticos de modernização. Pretendo ressaltar as implicações de seus escritos no entrecruzamento desses debates, diante de uma ideia de ciência promissora e com lugar privilegiado nos projetos de transformação da sociedade, mas também fonte de incertezas e tensões.

⁷ PEREIRA, Fabiana da Camara Gonçalves. *Fantástica margem: o cânone e a ficção científica brasileira*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras). PUC-RIO, Rio de Janeiro, p. 30; Uma conferência sobre humorismo. *Diário Nacional*, São Paulo, 28 mai. 1932, p. 4; Conferência do escriptor Berilo Neves. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 mai. 1932.

O segundo capítulo foca em como não apenas a transformação da cidade, como também a do papel social da mulher teve lugar na obra de Neves. O escritor ficou conhecido por ironizar o comportamento feminino, ao mesmo tempo em que circulava em meios feministas. Atento para o fato de que o que a princípio poderia parecer contraditório está relacionado às complexidades de um contexto de grandes debates sobre a mulher moderna por parte de diferentes vozes. Como argumento, sua recepção favorável por parte de mulheres não impediu que o autor reforçasse os estereótipos da mulher emocional e restrita ao mundo privado em contraposição a um ideal de racionalidade pública e científica. Essa divisão, reforçada historicamente por discursos científicos, será contemplada em um segundo momento, no qual estarei interessada na ciência mobilizada por Neves para fundamentar seus discursos sobre a mulher.

Por fim, o terceiro capítulo destina-se a uma análise mais minuciosa de algumas das alegorias na ficção científica do escritor. Nos enredos sobre o amor patológico e a reprodução artificial, Neves imagina cenários em que homens tomam controle, por meio da ciência, de campos associados pelo próprio autor ao feminino e à atuação privilegiada da mulher. Nesses textos, se entrecruzam os discursos sobre a modernização científica e as transformações nas relações entre gêneros, permeados por tensões e disputas, e nesse sentido são privilegiados para a reflexão proposta.

No entrecruzamento entre diferentes áreas do conhecimento historiográfico, esta pesquisa propõe fazer dialogar gênero, literatura e ciência. Sua motivação inicial partia do interesse por um tipo de literatura marginalizado em relação ao cânone literário brasileiro, a ficção científica, e por suas possíveis conotações políticas em determinados contextos. Como contribuição, pretende abrir espaço para a exploração das práticas literárias de FC no Brasil, pouco exercida pela academia e principalmente pela historiografia. Rejeitando a interpretação dessa ou de qualquer outra forma de literatura como ficção alienada e indiferente a seu contexto histórico, pretende considerar as formas de contribuição singulares à FC para a investigação do mesmo.

O modo com esse gênero mobiliza os discursos científicos tornou inevitável a aproximação com a história das ciências, embora a pesquisa não estivesse voltada para um objeto tradicional da historiografia das ciências, ou partisse de uma abordagem própria deste campo investigativo. E ainda que as questões de gênero fossem inicialmente um interesse secundário ou complementar do projeto, a pesquisa se encaminhou cada vez

mais para valorizá-las ao longo de seu percurso, uma demanda surgida na própria análise dos textos de Neves. Atentar para o tratamento dado às figuras femininas e a relação da obra de Berilo com as mulheres de modo geral revelou-se indispensável na pesquisa, considerando ainda que o autor mobilizou intensamente os discursos científicos para tal. Esse talvez seja o aspecto que mais expresse as ambiguidades, inquietações e controvérsias de sua experiência em uma sociedade em transformação. Tal enfoque possibilitou, aqui, um diálogo entre a história das ciências e a das relações de gênero, campo promissor ainda a ser desbravado.

1 SONHOS CIENTÍFICOS: FICÇÃO CIENTÍFICA E CIÊNCIA NO BRASIL DOS ANOS 1920-1930

Em abril de 1931, o jornal carioca de grande tiragem *A Noite* publicou uma eufórica e curiosa notícia. Sob o título de “As maravilhas da sciencia – o homem mecânico”, tratava do invento, por um engenheiro norte-americano, de um homem de aço movido a eletricidade e capaz de compreender e obedecer a instruções humanas. A chamada “maravilha mecânica” aparecia na gravura que acompanhava a notícia sendo auscultado por uma jovem. A moça, ao mesmo tempo em que oferece contraste a sua aparência rígida e metálica, indica com o gesto a sua condição de “vivo”. (Figura 1)

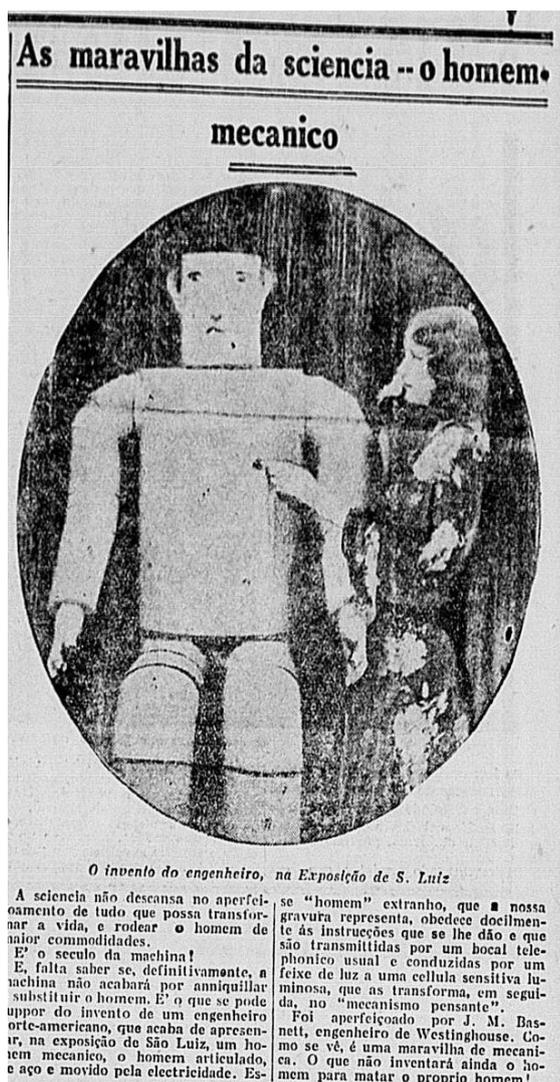


Figura 1 – As maravilhas da sciencia – o homem mecânico. *A Noite*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1931, p. 7.

A notícia se referia a uma das criações da norte-americana Westinghouse Electric Corporation, responsável pelos primeiros robôs usados para realizar tarefas, desde 1927. Pela tecnologia descrita, provavelmente tratava-se do chamado Telelux, capaz de responder a perguntas e comandos simples e a realizar algumas tarefas domésticas.⁸ *A Noite*, porém, não dá detalhes sobre o modelo ou as capacidades do homem mecânico, sem precisar o quando ou o como da novidade – com a ressalva de uma breve, mas interessada explicação do funcionamento da tecnologia.

Pelas poucas e vagas informações disponibilizadas em tão extraordinária reportagem, seria possível ao leitor de hoje imaginar que se tratava de uma farsa, ou ao menos uma peça de ficção científica. De fato, assim como a ficção, a notícia de *A Noite* mobilizava um imaginário científico, ou formas de representação da ciência que estavam implicadas com noções, valores e expectativas acerca da mesma.⁹ Ela reforça sobretudo o sentimento de deslumbramento diante da ciência e suas possibilidades, em um misto de maravilha e temor:

A ciência não descansa no aperfeiçoamento de tudo que possa transformar a vida, e rodear o homem de maiores comodidades.

É o século da máquina!

E, falta saber se, definitivamente, a máquina não acabará por aniquilar e substituir o homem.¹⁰

A tensão entre comodidade e aniquilamento contida na reportagem expressa bem a multiplicidade de reações provocadas pelas transformações por que a sociedade passava no começo do século XX, com grande impacto na sensibilidade urbana:

Nas últimas décadas do século XIX e nas duas primeiras do XX, inúmeros inventos surgem, se aprimoram ou se difundem, trazendo uma série de modificações nos hábitos cotidianos, no comportamento social e na percepção do mundo: novos meios de locomoção (balões, aeroplanos, transatlânticos, trens, automóveis, motocicletas, bondes a tração elétrica, elevadores), novos aparelhos de transmissão (rádio, telégrafo, telefone), novas técnicas de

⁸ The Robots of Westinghouse. Disponível em: <<http://history-computer.com/Dreamers/Elektro.html>>. Acesso em nov. 2013; 1929 – Telelux Robot. Disponível em: <<http://cyberneticzoo.com/robots/1929-telelux-american>>. Acesso em nov. 2013. O termo robô se refere a uma máquina criada por seres humanos para realizar tarefas e foi usado pela primeira vez em *R.U.R. - Rossum's Universal Robots* (1922), peça do checo Karel Capek. Ver: MANN, George (org.). *The mammoth encyclopedia of science fiction*. New York: Carroll & Graf, 2001, p. 505.

⁹ OLIVEIRA, Bernardo Jefferson: Cinema e imaginário científico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13 (suplemento), p. 133-50, outubro 2006, p. 148.

¹⁰ As maravilhas da ciência – o homem mecânico. *A Noite*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1931, p. 7.

reprodução de textos, imagens e sons (máquina de escrever, fotografia, cinematógrafo, fonógrafo, gramofone), novas descobertas que vinham facilitar os trabalhos domésticos – todos devidamente reclamizados –, aliados à expansão progressiva da eletricidade, alteram profundamente o modo de viver, sobretudo nas grandes cidades.¹¹

Flora Sussekind fala do impacto de tais transformações na literatura brasileira entre o final do século XIX e os anos 1920, defendendo que o horizonte tecnológico foi um preponderante interlocutor para a produção literária da época, com implicações na própria técnica literária. A sedução tecnológica e imaginação direcionada ao futuro estão presentes em “O dia de um homem em 1920”, escrito por João do Rio em 1910 e permeado por inventos como trens subterrâneos, despertadores elétricos, aeroplanos, jornal falante, entre outros. A autora aponta ainda que essa relação foi permeada por hesitações e resistências diversas da parte dos escritores da época, a exemplo de Olavo Bilac e suas críticas ao jornalismo, aos gêneros textuais a ele associados e às novas tecnologias da imprensa. Ao mesmo tempo em que publicava nesse meio, Bilac acusava-o de simples, inferior e ligeiro, enquanto destinava uma linguagem muito mais rebuscada aos seus outros textos, considerados artísticos. A dificuldade dos escritores de lidarem com a máquina de escrever – no fundo, uma nova forma de se relacionar com a palavra e a escrita – também dizia respeito a essa nova sensibilidade. Uma sensibilidade “em sintonia com o império da imagem, do instante e da técnica como mediações todopoderosas no modo de se vivenciar a paisagem urbana, o tempo e uma subjetividade sob constante ameaça de desaparecimento.”¹²

O que proponho neste capítulo é analisar algumas dessas relações entre as transformações tecnológicas e científicas e a literatura, sob o prisma da ficção científica de Neves. A relação de seus contos com a ciência de seu tempo foi notada também por seus críticos, como aponta um deles em 1929:

Mesmo quando esses sonhos do futuro atingem o absurdo e o fantástico, o inacreditável para nossa época, sente-se no autor o senso científico. [...]. Observe-se que o sr. Berilo Neves, em várias das suas novelas, apenas retocou, com a sua opulência imaginativa e os recursos literários do narrador e do animador de cenas e figuras, sonhos, por assim dizer, científicos, que constituem, já hoje, ideias fixas dos loucos geniais, dos alquimistas da nossa

¹¹ FABRIS, Mariarosaria. Cinema: da modernidade ao modernismo. In: FABRIS, Annateresa (org). *Modernidade e modernismos no Brasil*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010, p. 89.

¹² SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 16.

época que, metidos em laboratórios moderníssimos, perseguem ideias prodigiosas como, por exemplo, o ‘homem mecânico’.¹³

Como ficou marcado na leitura do crítico, o próprio Berilo Neves – que publicou regularmente em *A Noite* durante o período aproximado de 1932 a 1938 – já havia mobilizado a imagem do homem mecânico em alguns de seus contos.¹⁴ É bem possível que a comunicação entre notícia e literatura não tenha passado despercebida por seus leitores contemporâneos.

Assim como a notícia referida, a ficção científica permite entrever atitudes e ansiedades com relação à tecnologia e às transformações de seu tempo. Pode-se pensar que, no cerne de suas elaborações, está o “falta saber se” levantado na notícia do homem mecânico. São dessas questões que trata o presente capítulo. Em primeiro lugar, gostaria de me debruçar sobre a FC como categoria analítica e em suas manifestações no Brasil do início do século XX, de forma a justificar e potencializar a categorização de escritos de Berilo Neves como tal. Em seguida, alguns de seus contos serão abordados em sua relação com a ciência de sua época, de modo a observar que tanto a euforia e o deslumbramento quanto as ansiedades e incertezas a respeito do futuro expressas em *A Noite* são compartilhadas ali.

1.1 Literatura de ficção científica como fonte de pesquisa histórica

Merecem atenção as implicações de eleger como fontes um corpo de textos de FC – e até mesmo de denominá-los como tal –, sobretudo considerando-se que esse gênero tem sido pouco privilegiado como foco de investigação acadêmica historiográfica. Gostaria de argumentar que a análise dessa literatura, considerando sua linguagem e trajetória próprias, possui uma contribuição própria para a compreensão das relações histórico-sociais em que foi criada. Para isso, é fundamental explorar a história e crítica

¹³ O movimento intelectual (crítica e informação literaria). *Diario Carioca*, 25 mai. 1929, p. 4.

¹⁴ A imagem aparece em alguns de seus contos e será referida ao longo dessa dissertação, mas cabe observar que um deles foi de fato publicado com esse título, posteriormente republicado com outro título: NEVES, Berilo. O homem mecânico. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1927, p. 1; NEVES, Berilo. O homem mecânico. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1928, p. 9; NEVES, Berilo. O Sr. Carlos Autogenico. In: NEVES, 1932, p. 123.

desse gênero, esforço que fornecerá subsídio para compreender o que significa classificar os escritos de Neves como FC e qual é a sua potencial contribuição.

O surgimento da FC é objeto de polêmica entre seus críticos e estudiosos. Adam Roberts aponta que textos tão antigos quanto *Epopéia de Gilgamesh* foram considerados exemplares do gênero, por seus elementos fantásticos ou próprios da ficção científica – podendo-se acrescentar também *Na superfície do disco lunar* de Plutarco e *Uma história verdadeira* de Luciano de Samósata.¹⁵ Trata-se de uma abordagem que privilegia a FC como fator em comum entre uma ampla variedade de textos provenientes dos mais diversos contextos históricos e culturais.

Para os objetivos desta dissertação, porém, pretendo partir de uma abordagem menos generalizante e mais histórica. Este ponto de vista preza por uma localização mais precisa e recente do surgimento do gênero, interpretado como uma resposta artística de linguagem própria a determinados contextos históricos. No Brasil, o historiador Ciro Flamarion Cardoso optou por tal compreensão, justificada por três pressupostos centrais atribuídos a FC:

1) como ela nasceu primeiro como gênero literário ficcional, supôs a fixação do romance moderno (já bem estruturado ao terminar o século XVIII) e do conto, teorizado por exemplo por Edgar Allan Poe no início do século XIX: isto, sendo um fator muito geral de qualquer literatura ficcional, não precisa ser discutido aqui;

2) a ciência como horizonte de plausibilidade, legitimador de uma visão de mundo nova: a Revolução Científica começa no século XVII, mas demora a influir generalizadamente nas formas de percepção do mundo e das coisas, o que se dá sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII e tem seu auge no século XIX e na primeira metade do século XX;

3) em função das revoluções sociais, em especial após 1789, mas também do influxo da revolução científica, há uma mudança radical na percepção do tempo, tanto natural quanto social, bem como uma historicização da sociedade e do próprio universo (mediante a geologia histórica, a teoria da evolução, certas teorias cosmológicas etc.), destruindo as visões cíclicas e trazendo a convicção de que o presente difere do passado e de que o futuro, por sua vez, será diferente do presente.¹⁶

¹⁵ ROBERTS, Adam. *Science fiction*. New York: Routledge, 2006, p. 37; SILVA, Alexander Meireles. *Admirável mundo novo da República Velha: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX*. 2008. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). UFRJ, Rio de Janeiro, p. 22.

¹⁶ CARDOSO, Ciro Flamarion. Ficção científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado?. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13 (suplemento), p. 17-37, outubro 2006, p. 21.

Alguns estudiosos discordam de Cardoso ao incluir no rol da FC textos do século XVII, a exemplo das aventuras interplanetárias escritas por Johann Kepler. A maioria, porém, aponta *Frankenstein ou o Moderno Prometeu* (1818) de Mary Shelley (1797-1851) como marco inicial do gênero.¹⁷ Em favor dessa interpretação, argumenta-se que nenhum daqueles textos anteriores teve tanto impacto sobre a literatura de FC vindoura quanto o da escritora britânica. Sua narrativa articulava uma percepção de ruptura da ciência com a natureza, trazendo à tona um dos temas mais recorrentes da FC: a ideia de que progresso e catástrofe são indissociáveis. Considera-se também que a influência de Shelley esteja ligada à da própria tradição Romântica e mais especificamente Gótica, por meio de suas noções de imaginação – o não ordinário, fantástico – e sublime – o senso de maravilha e assombro.

Para Roberts, porém, apenas a partir do século XIX a FC passa a existir como uma categoria própria, com destaque para as obras do francês Jules Verne (1828-1905) e o britânico Herbert George Wells (1866-1946). Mesmo para estes autores, os tropos góticos continuaram sendo uma grande influência, mas trouxeram, como aponta Roberto Causo, a inovação da especulação lógica e científica em sua ficção.¹⁸

Em 1862, Verne assinou um contrato com o editor Pierre-Jules Hetzel, que daria origem a um projeto editorial de grande sucesso, *As viagens extraordinárias*. Privilegiando temas de exploração, Verne publicou *Viagem ao centro da terra* (1864), *Vinte mil léguas submarinas* (1870), *A volta ao mundo em 80 dias* (1873), entre muitos outros títulos. Em suas histórias, predominava uma perspectiva racionalista e otimista com relação à tecnologia. Além disso, o escritor prezava por trabalhar a ficção de acordo com os princípios científicos da época, de modo que um extenso material factual acompanhava suas aventuras, por vezes copiado de livros didáticos científicos. Verne valorizava tanto esse aspecto que chegou a criticar o pouco compromisso de Wells com a fundamentação científica e a extrapolação de suas histórias.¹⁹

Isso não quer dizer que o britânico também não tivesse atenção a esse aspecto. Wells havia estudado com o eminente biólogo e darwinista Thomas Huxley (1825-1895) e, segundo Roberts, o humanismo científico e proselitismo em favor da teoria

¹⁷ ROBERTS, 2006, p. 39-43.

¹⁸ ROBERTS, 2006, p. 44; CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil – 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 173.

¹⁹ ROBERTS, 2006, p. 45.

evolucionista de seu professor transparecem em sua obra. Wells estreou na literatura com *A máquina do tempo* (1895) e elaborou vários dos temas mais recorrentes na FC até os dias de hoje. Seu objetivo era “representar e dar sentido às complexas e rápidas mudanças do seu tempo que estavam alterando a sociedade britânica em várias esferas”, por meio do seu “Romance Científico” – como nomeava as histórias que se baseavam no pensamento científico.²⁰

A expressão “ficção científica” surgiu apenas em 1929, nos Estados Unidos, criada por Hugo Gernsback, editor da revista *Amazing Stories*. Suas referências eram Jules Verne, H. G. Wells e Edgar Allan Poe, autores publicados na revista e homenageados já em sua primeira edição, em 1926. Gernsback foi considerado o primeiro crítico de FC e tinha consciência de seu papel na consolidação do gênero, que considerava fundamental para a educação do público a respeito das possibilidades e influências da ciência na vida humana. Mas essas histórias ficariam conhecidas, sobretudo, como uma forma de literatura rápida, pouco complexa e moralmente questionável, reputação que acompanhava o fenômeno editorial *pulp* do qual fazia parte.²¹

O mercado popular teve um grande papel na consolidação da FC, não apenas nos Estados Unidos. Verne havia publicado romances voltados para um grande público de jovens, enquanto Wells crescera por meio de seu jornalismo especulativo de grande circulação. O *pulp*, por sua vez, era o formato de revistas baratas surgido no final do século XIX, acompanhando a emergência de uma série de mercados literários específicos, entre eles, o de FC. Para Roberto Causo, a existência de um público especializado foi o principal responsável pela consolidação da identidade do gênero.²²

Fenômenos semelhantes – a presença de FC em literatura popular e barata análoga a *pulp magazines* – foram identificados em outros países entre os anos 1920 e 1940, mas não no Brasil, de acordo com Causo. O autor está de acordo com Bráulio Tavares, que atesta que “Até o final dos anos 30, praticamente inexistiu em nosso país um

²⁰ ROBERTS, Adam. *The History of Science Fiction*. New York: Palgrave Macmillan, 2007, p. 143; SILVA, 2008, p. 29.

²¹ CAUSO, 2003, p. 51-52; ROBERTS, 2006, p. 51-52.

²² CAUSO, 2003, p. 234.

movimento literário nos moldes da ficção científica americana, envolvendo escritores e leitores em contato constante, e revistas especializadas.”²³

Como aponta Silva, a literatura de FC no Brasil até então foi produzida e circulou de outras formas, estando em diálogo muito mais firme com a literatura europeia do que em relação à norte-americana. Um exemplo consiste no texto que é considerado a primeira manifestação do gênero no país, *O doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar. Publicado como folhetim nos jornais cariocas, o romance tem como referências assumidas os franceses Jules Verne e Camille Flammarion. H. G. Wells, por sua vez, também foi lido no Brasil ainda na época em que escrevia. Em *A liga dos planetas* (1923), obra de Albino José Ferreira Coutinho que narra uma viagem espacial, Wells é citado ao lado de Luciano de Samósata e Cyrano de Bergerac como escritores que estiveram na lua. Roberto Causo identifica ainda outros diálogos com a obra do britânico, a exemplo de *O Presidente negro ou o choque das raças* (1929) de Monteiro Lobato, *A Amazônia misteriosa* (1925) de Gastão Cruls e a obra de Berilo Neves.²⁴

Em seu próprio tempo, ao menos, Neves foi repetidamente comparado a Verne e Wells. Seus críticos e leitores quase sempre concordavam em atribuir-lhe filiação literária a um novo gênero literário – novo ao menos nas letras nacionais – relacionado aos dois escritores:

Berilo Neves – já foi bem dito – é o primeiro escritor brasileiro a explorar com sucesso esse gênero literário que, além de Julio Verne (*Journée de un journaliste américain en 2890, Amiens en l’an 2.000...*) e de Wells (*Anticipations, La machine d’explorer le temps*, principalmente), seduziu tantos outros escritores.²⁵

Os jornais definiam seus contos com adjetivos variados, como “fantasias ultramodernas”, “científico-humorísticos” ou “fantástico-científicos”. Um dos principais

²³ TAVARES, Bráulio. As origens da ficção científica no Brasil. *D. O. Leitura*, n. 138, nov. 1993. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, p. 3; CAUSO, 2003, p. 233.

²⁴ SILVA, 2008, p. 27-35; CAUSO, 2003, p. 137, 162 e 176. Sobre Zaluar, ver também: ANDRADE, Lucas de Melo. O Doutor Benignus na cientificidade brasileira dos oitocentos. *Caderno de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011.

²⁵ MALTA, Tostes. Chronica dos livros. *A Noite*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1931, p. 7. Outras associações entre Neves e um ou outro escritor, em geral ambos, e sobre a originalidade do gênero literário que praticava constam também nos seguintes exemplos, entre inúmeros outros: RIBEIRO, Fléxa. Literatura de ficção – O livro de estréia do sr. Berilo Neves. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 mar. 1929, p. 3; FERNANDES, Carlos D. Autores e livros – A Costela de Adão, Berilo Neves. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1929, p. 1; CARVALHO, Jarbas de. Culto de Eva. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 mar. 1929, p. 3; MACHADO, Raul. “A Costela de Adão”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1930, p. 7; Nas montras das livrarias – A “Costella de Adão” - Berillo Neves. *A manhã*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1929.

aspectos elencados para atestar tanto a sua originalidade quanto a sua aproximação com os europeus era o papel da ciência em sua obra. Nas várias críticas e resenhas dedicadas à sua primeira obra de coletânea, *A costela de Adão* (1929), o escritor era reconhecido não apenas por sua capacidade de criação e entretenimento, mas pela mobilização original em sua ficção de conhecimentos científicos atualizados aos debates da época. Por vezes, a própria formação e atuação científica de Neves eram aludidas pelos críticos, para atestar a propriedade com que trabalhava – ainda que ficcionalmente – assuntos científicos. Assim, Neves foi elogiado como um autor “dotado de patrimônio científico de profissional”, cuja obra tinha a vantagem da “profusão de conhecimentos científicos”.²⁶

Esse ponto merece uma atenção mais aprofundada, pois diz respeito a mais do que uma preferência temática inclinada à ciência e tecnologia na FC. Afinal, como afirma o crítico norte-americano L. David Allen, “dizer que a ficção científica é distinguida de outras formas de ficção pela presença de algum tipo de ciência ou por extrair seu estímulo das ciências não esclarece que uso ficcional é feito destes materiais.”²⁷ A frase aponta para a importância de se considerar as formas de elaboração literária próprias da FC, aspecto que esta pesquisa pretende contemplar. A atenção a essa linguagem própria que vinha sendo desenvolvida é fundamental, pois valoriza as especificidades e a originalidade das fontes.

Nesse sentido, é pertinente recorrer aos críticos e estudiosos da FC. O escritor britânico George Mann traz a seguinte definição do gênero:

SF is a form of fantastic literature that attempts to portray, in rational and realistic terms, future times and environments that are different from our own. It will nevertheless show an awareness of the concerns of the times in which it is written and provide implicit commentary on contemporary society, exploring the effects, material and psychological, that any new technologies may have upon it. Any further changes that take place in this society, as well as any extrapolated future events or occurrences, will have their basis in measured and considered theory, scientific or otherwise. SF authors will use their strange and imaginative environments as a testing ground for new ideas, considering in full the implications of any notion they propose.²⁸

O que diferenciaria a FC de outros tipos de literatura fantástica seria, em primeiro lugar, a construção de argumentos considerados racionais ou realistas, com uma

²⁶ Classificações de seus escritos que aparecem respectivamente em: “A Costella de Adão”. *Critica*, Rio de Janeiro, 4 mai. 1929, p. 3; Livros novos: “A Costella de Adão”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1929, p. 4; NEVES, 1932, p. 9 e 12;

²⁷ ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus editorial, 1974, p. 211.

²⁸ MANN, 2001.

narrativa ancorada em princípios lógicos. A maioria das definições, como esta, baseia-se em um tipo de dualidade. Como literatura fantástica, trata do diferente e incomum, mas esta descontinuidade com relação à experiência cotidiana do leitor deve ser tornada plausível no texto por meio de uma racionalização reconhecida como material, e não sobrenatural ou arbitrária.

Darko Suvin, um dos estudiosos mais influentes na crítica anglófona, cunhou o termo literatura de *estranhamento cognitivo* para incorporar essa dualidade. O primeiro termo refere-se ao conceito de Brecht, de alienação do cotidiano, em uma diferenciação da literatura realista que se estende a partir do século XVIII. O segundo, por sua vez, aponta para as implicações racionais e lógicas da escrita, que coloca os fenômenos como problemas e explora seu desenvolvimento.²⁹ Embora se possa pensar que muitas dessas definições são de certa forma tautológicas, pois traduzem algum entendimento dos termos *ficção* e *científica*, tem a força de uma caracterização do referido gênero não pelo conteúdo ou tema, mas pela elaboração de um exercício literário e pelos efeitos que o mesmo provoca em seus leitores.

É para esse aspecto que atenta a definição de Mann quando menciona que a FC explora os efeitos das tecnologias – embora um conceito mais abrangente pudesse tomar quaisquer práticas científicas – sobre as sociedades. Assim, as representações do futuro e de ambientes insólitos são frequentemente aspectos para colocar ideias em prova e explorar o presente social de modo especulativo. Ou, nas palavras de Allen: “o campo de ficção científica inclui várias obras que utilizam os dispositivos da ficção científica para examinar questões, ideias, e temas de uma perspectiva diferente da que está comumente disponível para nós a partir de outros tipos de ficção e em nossa vida diária.”³⁰

Dessa forma, pode-se pensar que a literatura de ficção científica está tão voltada para as previsões e invenções quanto está a serviço de seu presente, tornando-se uma porta de entrada para uma investigação a respeito de concepções, valores e expectativas da sociedade em que foi produzida. Tal reflexão está alinhada com uma compreensão da literatura, não apenas a de um gênero específico, mas de modo geral, como uma prática social integrada ativamente em um contexto histórico. Compartilho, aqui, da compreensão de Roger Chartier:

²⁹ SUVIN, Darko. *Estrangement and cognition*. In: *Metamorphoses of science fiction*. New Haven: Yale University, 1979, p. 3-10.

³⁰ ALLEN, 1974, p. 215.

Trata-se, portanto, de identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. Trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão.³¹

A intenção, aqui, é recusar o conceito de literatura como espelhamento de uma realidade que a determinou como seu mero resultado, ignorando sua função social. Mas também, e principalmente, desejo reforçar que a categorização da FC como uma ficção alienada e indiferente é deficiente e problemática. Considerar as especificidades literárias de tais textos torna-se uma operação indispensável para desmistificar tal concepção.

Roberto de Souza Causo foi provavelmente o primeiro a empreender de modo extensivo uma investigação teórica e histórica da expressão brasileira da ficção especulativa – conceito que utiliza para abranger, além da FC, outras formas de literatura fantástica. Sua ênfase nos dispositivos literários desse tipo de ficção tem como objetivo compreendê-lo não apenas como uma contingência diante de situações culturais extraliterárias, a exemplo da fascinação pela ciência em determinados contextos. Mais do que isso, ele a coloca como uma forma de entendimento da realidade com elaborações específicas, enfim, uma tradição literária autônoma e dotada de procedimentos próprios.³²

Apesar disso, ao se referir à produção brasileira até as primeiras décadas do século XX, o autor com frequência estabelece um parâmetro do que seria o modo mais completo, complexo ou adequado de fazer ficção científica, a que nem sempre correspondem os textos. Sua análise da utopia eugenista de Monteiro Lobato em *O presidente negro ou O choque das raças* (1926) conclui, nesse sentido, que Lobato teria incorrido na repetição de discursos ideológicos inadequados à realidade particular do Brasil. O *Sua Excia. a Presidente da República no ano 2500* de Adalzir Bittencourt (1929), por sua vez, seria uma tentativa desastrosa de retratar uma sociedade higienizada e autoritária, malsucedida enquanto FC e discurso feminista, limitada à categoria de

³¹ CHARTIER, Roger. Debate – Literatura e História. *Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, 2000, p. 197.

³² CAUSO, 2003, p. 49-50. Isso não quer dizer que não se tenham produzidos estudos anteriores, podendo ser mencionados: CARNEIRO, André. *Introdução ao estudo da "science-fiction"*. São Paulo: Conselho Estadual da Cultura, 1967; ALLEN, 1974; OTERO, Léo Godoy. *Introdução a uma história da ficção científica*. São Paulo: Lua Nova, 1987. Estes, porém, privilegiam a análise da FC não brasileira.

panfleto ficcional utópico.³³ Causo avalia que os primeiros autores de FC brasileiros pouco teriam aproveitado das capacidades críticas do gênero, exercendo uma repetição não criativa de referências e conceitos europeus. Teria contribuído para esse quadro uma ciência nacional fraca, desatualizada, pouco interventora e carregada por uma herança colonial, atestada na intromissão constante do místico e espiritual no discurso científico.

Talvez porque sua preocupação estivesse orientada principalmente para o balanceamento e construção de possibilidades para uma produção literária atual, Causo tenha subestimado o potencial desses textos como práticas literárias em sua própria época – e como modos de FC com suas próprias especificidades. Se a noção de ciência tênue impede que as práticas científicas nacionais sejam compreendidas em sua própria lógica e historicidade, remetendo a um conceito anacrônico e até mesmo teleológico de ciência, o mesmo pode ser dito da literatura de ficção científica.

Se prestarmos atenção aos procedimentos literários da FC, percebemos que ela não pode ser explicada, necessariamente, por sua reprodução ou inserção em determinado discurso científico. De fato, diversos autores apontam a descontinuidade com relação ao saber científico como elemento motor da narrativa de ficção científica, enquanto Ciro Flamarion Cardoso a localiza no campo do pseudocientífico.³⁴ O que importa no seu exercício de estranhamento cognitivo não é o apego ao que é considerado “verdade científica”, mas ter plausibilidade científica, ou seja, ancorar-se em princípios lógicos e racionais, por meio do manejo de uma linguagem científica que está disponível naquele contexto.

À medida que não é ciência, a FC constrói um discurso de *possibilidade científica* e nisso se fundamenta seu diálogo com a ciência de sua contemporaneidade. Ao mobilizar uma linguagem e saberes científicos, ela pode denotar tanto uma concepção acerca do que é a ciência, quanto noções a respeito de suas possibilidades e efeitos sobre a sociedade. Não partir de um conceito de ciência pré-estabelecido, nesse caso, significa que uma das potencialidades da FC estaria justamente em problematizar o que certos grupos sociais em cada contexto histórico entendem e esperam de suas práticas científicas.

³³ CAUSO, 2003, p. 160 e 181.

³⁴ ROBERTS, 2006, p. 7-16; CARDOSO, 2006, p. 21.

Aqui, torna-se pertinente avaliar as potencialidades estratégicas e a eficácia legitimadora das representações, endereçando as implicações políticas que podem assumir. Esta também é a preocupação de estudiosos da divulgação científica como Moema Vergara, que faz notar que as imagens da ciência e da tecnologia veiculadas em diversos meios frequentemente estão integrados aos debates da agenda política de seu tempo.³⁵ Pode-se pensar, da mesma forma, que por suas especificidades literárias, a FC forneça uma abordagem privilegiada sobre esse fenômeno.

Ainda que não muito numerosos, alguns trabalhos levantaram a questão do diálogo entre a FC brasileira no começo do século XX e outras práticas sociais, em especial as científicas. De modo geral, eles se concentram nas obras de autores específicos, analisando o modo por meio do qual tais textos permitem entrever posicionamentos e proposições diante de questões contemporâneas a seus autores. Trata-se em sua maioria de artigos escritos por estudiosos da área de Letras ou História.

Entre os primeiros, pode-se mencionar a investigação de Raimundo Giroldo e Rosana Santos sobre *O Presidente Negro ou O choque das raças* (1926) de Monteiro Lobato, em sua relação com os discursos eugenista e higienista. A escritora Adalzira Bittencourt, autora de *Sua Excia. a presidente da República no ano de 2500* (1929), também mereceu alguns trabalhos, como o de Susan Quinlan e Peggy Sharpe. As duas norte-americanas classificam-na como uma ficção científica utópica e feminista, em diálogo com os modernismos e o eugenismo. A historiadora Maria Bernadete Ramos também dedicou uma análise ao livro de Bittencourt, enfatizando sua relação com um discurso que valorizava a maternidade como missão da mulher em um projeto de regeneração nacional, ou do cultivo da raça, sob as leis da eugenia ou da higiene.³⁶

Alexander Meireles da Silva fez um trabalho mais aprofundado em sua tese de doutorado em Literatura Comparada.³⁷ Nele, analisa as obras que aponta como

³⁵ VERGARA, Moema de Rezende. Modernidade e imagens de objetos de ciência e tecnologia em jornais ilustrados do final do século XIX. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 2, p. 1-13, 2009.

³⁶ GIROLDO, Ramiro; SANTOS, Rosana Cristina Zanellato. Transfigurações utópicas em *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato. *Revista Fronteiraz – PUC-SP*, vol. 4, n. 4, dezembro 2009; QUINLAN, Susan; SHARPE, Peggy. *Dois modernistas esquecidas: Adalzira Bittencourt e Ercília Nogueira Cobra: visões do passado, previsões do futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFG, 1996; RAMOS, Maria Bernadete. Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzira Bittencourt. *Revista Estudos Feministas*, ano 10, abril 2002. Observo que também seria possível traçar diálogos entre a obra de Neves e os modernismos, em especial o futurismo no Brasil. Entretanto, as limitações deste trabalho não permitiram uma investigação a fundo do tema e o recorte escolhido privilegiará outros aspectos de seus escritos.

³⁷ SILVA, 2008.

precursores do gênero na Primeira República, entre eles a de Lobato, mas não apenas – aborda também textos de Coelho Neto, João do Rio e Gastão Cruls, mencionando ainda autores como Augusto Emilio Zaluar, Rodolpho Teophilo e Bittencourt. Em seu trabalho, classifica tais escritos como Ciência Gótica ou Literatura de Distopia, considerando ainda o diálogo com as convenções da FC norte-americana e europeia, mesmo que sempre fundado em suas elaborações próprias.

Outra investigação importante a ser considerada é a da norte-americana Mary Elizabeth Ginway. Embora sua principal obra, *Ficção científica brasileira*, focalize o contexto a partir da década de 1960, suas reflexões são de interesse para a reflexão aqui. A autora aponta que a FC pode ser uma porta de entrada privilegiada para apreender a vivência da modernização, defendendo que “A função da FC no Brasil é, em parte, capturar a avassaladora experiência da mudança”.³⁸ Seu foco está na referência que a FC faz ao que chama de mitos da identidade nacional, por meio da reelaboração de tradições literárias norte-americanas e europeias. Para Ginway, este exercício se constituiria na forma de um diálogo político no interior da cultura brasileira.

Por fim, é preciso mencionar a dissertação de mestrado em História de Francisco Alberto Skorupa. Seu estudo também não contempla o período aqui referido, pois se concentra nos escritos após 1947 – o marco é o livro *Três meses no século oitenta e um*, de Jeronymo Monteiro, a partir de quando surgiria uma comunidade literária do gênero mais consciente de si mesma a nível nacional. Ainda assim, o modo com que pretende verificar percepções das potencialidades da ciência e da tecnologia a partir dos códigos existentes na FC vai ao encontro da proposta do presente trabalho. Skorupa aponta que a investigação das expectativas e imaginações dirigidas à modernidade, especialmente o desenvolvimento científico-tecnológico, pode ganhar um novo relevo com o estudo da FC.

Tais reflexões balizarão a análise que proponho dos textos de Neves. A seguir, pretende-se investigar se seus contos, ao mobilizarem diretamente representações sobre a ciência e, principalmente, sobre o lugar da mesma em um processo de transformação social, nos permitem observar as relações entre a literatura de ficção científica e os debates sobre certas transformações em curso no país naquele contexto.

³⁸ GINWAY, Elizabeth. *Ficção científica brasileira – Mitos culturais e nacionalidade no País do Futuro*. São Paulo: Devir, 2005, p. 17.

1.2 A ficção científica de Berilo Neves, ciência e modernização

Berilo Neves escreveu durante meados da década de 1920 e 1930 vários contos de FC, denominação que adoto fundamentada na discussão da seção anterior. Refiro-me ao fato de que seus escritos não apenas foram percebidos como em diálogo com uma tradição emergente de Wells e Verne, mas também obedecem aos procedimentos que os críticos literários atuais atribuem a FC. Isso quer dizer que eles exploram os efeitos de tecnologias e práticas científicas sobre a sociedade, utilizando-se de representações do futuro e de inovações científicas para colocar ideias em prova e explorar o presente social de modo especulativo. Em um primeiro momento da presente dissertação, gostaria de me ater às maneiras com que os contos de Neves se relacionam com os projetos e debates científicos de sua época.

Ricas em detalhes, essas narrativas traçam cenários – futurísticos ou não – em que a ciência e a tecnologia se imbricam no cotidiano das pessoas de modo quase onipresente, guiando desde políticas públicas até as práticas mais íntimas dos indivíduos. Embora haja variações, muitos de seus enredos convergem para uma narrativa semelhante: desenvolve-se em detalhes o cotidiano de um protagonista – de origem social próxima a de Berilo, por vezes jornalista e/ou médico, habitante do Rio de Janeiro – situando-se o enredo com descrições ricas de cenários tomados por intervenções científicas e tecnológicas, para, em seguida, ser focado um novo conhecimento ou invento e suas consequências sobre as práticas sociais, sempre em tom de humor irônico. Neves lidava com temas em discussão nos meios científicos de sua época, como a determinação biológica do comportamento, a vida higiênica, as comodidades da eletricidade e o impacto das tecnologias de transporte e comunicação na vida urbana.

Mais do que a simples presença e impacto da ciência nos cotidianos que imaginava, é pertinente notar que a própria concepção de ciência ali representada estava intimamente ligada às práticas científicas de seu tempo, bem como aos projetos de sua inserção e debates naquela sociedade. A ciência dos contos de Neves, em primeiro lugar, é causadora de verdadeiras revoluções sociais, de consequências sensacionais e imprevisíveis: “Anunciava-se uma formidável revolução social que teria, mesmo de arrasar os alicerces das instituições [...] Ninguém poderia prever, mesmo, as

consequências sensacionais que uma semelhante descoberta científica viria acarretar ao mundo.”³⁹ Colocar a ciência como capaz e responsável por tamanhas transformações é um movimento que acompanha os papéis que esta vinha assumindo naquele contexto, isto é, de uma ciência interventora, transformadora e vital para os projetos de modernização da sociedade. Mais do que um papel que vinha assumindo, talvez, esse era um papel que lhe era reivindicado por certos atores sociais.

Nicolau Sevcenko aponta que, desde a década de 1870, o tema estava presente nos debates a respeito da modernização social, cultural e econômica do país. A ciência, ou o “clarão do século”,⁴⁰ tinha um lugar de destaque nos projetos dos intelectuais dessa geração, que viveram a entrada no Brasil de todo um ideário positivo-evolucionista⁴¹ e buscavam “a atualização da sociedade com o modo de vida promanado da Europa, a modernização das estruturas da nação, com a sua devida integração na grande unidade internacional e a elevação do nível cultural e material da população.”⁴²

As gerações seguintes, a partir dos anos 1910, não satisfeitas com a postura dos intelectuais oitocentistas, passariam a acusá-los de “bacharelismo”, ou seja, de simultaneamente não estarem preparados com conhecimento prático e inteligente e de não se comprometem com a causa pública. Segundo Eliana de Freitas Dutra, a crítica partia de uma elite modernizadora, ciosa da razão instrumental, que responsabilizava os bacharéis pelo atraso material e intelectual do país.⁴³

Tal redirecionamento na atitude dos intelectuais pode ser compreendido também a partir da análise de Daniel Pécaut. O autor refere-se à geração de 1920 a 1945 não apenas como interessados em fazer de seus escritos um instrumento de transformação social e política, como também de auxiliar o Estado na construção de uma sociedade em bases racionais. Passa-se, então, a valorizar um tipo de conhecimento que possa fundamentar uma administração científica do homem e da natureza.⁴⁴

³⁹ NEVES, Berilo. O homem synthetico. In: NEVES, 1932, p. 34.

⁴⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 78-79.

⁴¹ SCHWARCZ, Lillia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 14.

⁴² SEVCENKO, 1995, p. 78-79.

⁴³ DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: História e identidade nacional do Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 179-182.

⁴⁴ PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990, p. 21-22.

Mobilizaram-se nesse debate não apenas literatos, mas também cientistas, como é possível observar a partir do trabalho de Regina Horta Duarte sobre as práticas de pesquisadores organizados em torno do Museu Nacional entre 1926 e 1945.⁴⁵ Esses estudiosos discutiam e defendiam um projeto para a nação que passava pela defesa da biologia como saber decisivo na solução de problemas políticos. Mais do que isso, reivindicavam para si o papel de autoridades científicas nesse projeto, pleiteando mesmo a atuação na construção de políticas públicas, o que em alguns casos conseguiram alcançar.

A década de 1920, quando Neves estava escrevendo, foi marcada pela criação de novas instituições científicas, a renovação daquelas já existentes e a valorização social da ciência e do cientista.⁴⁶ Diversos grupos – em especial, cientistas – vinham se mobilizando na defesa de uma ciência interventora e imprescindível para transformar os rumos do país. É a essa ciência promissora que se refere Neves em seus contos, em que ela tem o papel de solucionar os mais diversos problemas:

os homens do século XXI, armados dos conhecimentos sutis que explicam e revelam a Natureza, podem fazer chover em pleno deserto do Saara, mediante o manejo dessa força universal que é a eletricidade [...]. Hoje, [...] recordamos, com humilhação e vergonha, que, numa antiga província, chamada Ceará, morriam criaturas humanas e bovinas em consequência de secas prolongadas e ferozes.⁴⁷

Os agentes dessas transformações eram em geral cientistas geniais, personagens centrais nos contos e com frequência referidos como “sábios”. Por vezes são retratados como excêntricos, por outras como homens honestos e humildes ou austeros, mas em todas elas são incansáveis e dedicados no que diz respeito às pesquisas realizadas em seus laboratórios. É possível, sobretudo considerando-se a formação científica do próprio Neves, que o escritor estivesse dialogando com demandas dos próprios praticantes da ciência no Brasil por reconhecimento. É interessante apontar, como fazem Moreira e Massarani, que se tratava de um contexto de surgimento de uma comunidade científica

⁴⁵ DUARTE, Regina Horta. *A biologia militante: O Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

⁴⁶ MOREIRA, Ildeu; MASSARANI, Luisa. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VII(3): 627-651, nov. 2000-fev. 2001.

⁴⁷ NEVES, Berilo. Trezentos anos depois. In: NEVES, 1934, p. 122.

brasileira e construção da identidade do cientista enquanto intelectual, em um momento em que se começava a traçar um caminho para o desenvolvimento da pesquisa básica.⁴⁸

Apesar de destacar a figura do cientista, Neves não deixou de abordar também o papel de um governo em incentivar ou conduzir esse processo de transformações proporcionadas pela ciência. O autor aponta brevemente para esta ideia quando menciona cientistas que são financiados pelo governo, por exemplo, mas também mais explicitamente, em cenários em que os futuros modernizados vêm acompanhados de controle e/ou fiscalização governamental sobre as novas tecnologias – desde a fabricação artificial de seres humanos, em “uma espécie de malthusianismo mecânico”, até as normas para uma vida em perfeita higiene.

O entendimento ou até mesmo a esperança de que ciência e poder público fossem se unir nesse processo também fazem parte de demandas dos próprios cientistas do começo do século XX. Muitos dos intelectuais e cientistas envolvidos no debate a respeito da modernização do país se envolveram na defesa de um poder centralizador, considerado acima de interesses individuais e capaz de promover um ideal de progresso para a nação. Alguns foram até mesmo incorporados na estrutura técnica e burocrática do Estado pós-1930, como aponta Tânia Regina de Luca, referindo-se a higienistas e eugenistas.⁴⁹

A Higiene, aliás, além de estar em destaque nos projetos de modernização naquele contexto, era um dos temas preferidos de Neves. Tânia de Luca fala da crescente predominância, na década de 1910, de uma medicina voltada não tanto para a cura quanto para a prevenção, baseada no paradigma microbiano e bacteriológico de Koch e Pasteur.⁵⁰ O fundamento dessa nova prática médica seria a área do conhecimento biológico denominada Higiene, que marcaria forte presença nas interpretações sobre os dilemas e alternativas colocadas para a construção da nação nas três primeiras décadas do século XX.

Tanto a microbiologia quanto a medicina foram temas privilegiados por Neves, abordados em quase metade dos 60 contos reunidos em *A costela de Adão* (1929) e

⁴⁸ MOREIRA; MASSARANI, 2000-2001.

⁴⁹ DE LUCA, Tânia Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999, p. 235.

⁵⁰ DE LUCA, 1999, p. 204.

Seculo XXI (1934). Algumas de suas histórias chegam ao ponto de ter como personagens os próprios micróbios, como “O baile dos micróbios”, “Memórias de um micróbio” e “A sessão nocturna dos microbios”.⁵¹ A Higiene, porém, recebe inquestionável atenção especial. São comuns as descrições de cenários em que a mobilização por uma vida hígida é uma prioridade, como fica patente na descrição da rotina de um homem do século XXI:

comecei a vestir-me com uma dessas túnicas á prova de micróbios que constituem a maior conquista sanitária deste século. Meti-me num banho de vapor húmido, destinado a eliminar os germes da pele e a acelerar a circulação sanguínea. E, terminadas as abluções higiênicas, com a sensação de bem-estar que caracteriza a vida limpa e ritmada dos homens modernos (inimigos da bebida, do amor, da ociosidade e de outros vícios contra a saúde), tomei um taxi aéreo [...].⁵²

Os termos higiene e higiênico são constantes em toda sua obra, mas mesmo quando não são mencionados, nota-se que a vida moderna, tomada a princípio como valor, é caracterizada sobretudo por um estado de saúde, alcançado pelo combate à contaminação e aos vícios por meio da ciência. É essa a ciência que, como já apontado, teria o potencial de transformar completamente a vida humana e até mesmo guiá-la em seus aspectos mais íntimos, a ponto de podermos dizer de uma “vida científica”:

A cidade, vai encontrá-la tão diferente que decerto não a reconhecerá. Nós mesmos somos muito mais perfeitos do que os homens da sua época. Os nossos órgãos funcionam melhor graças à vida científica que vivemos, e à moralidade perfeita dos processos de gestação em que nos geramos. Não temos doenças nem incômodos de qualquer espécie. Nunca tomamos aspirina, nunca deixamos de ir a uma festa por causa de uma dor de dentes. Os nossos amores são fisiológicos, tranquilos, sem ciúmes nem traições estúpidas como no século em que viveu.⁵³

As conquistas que aqui são imaginadas para o séculos vindouros aproximam-se das buscadas nas primeiras décadas do XX. Naquele contexto, a higiene individual e coletiva passaram a serem vistas como imperativos de ordem social. Por meio delas, seria possível recuperar um povo doente e abandonado, transformando-o em saudável, trabalhador e instruído, fator indispensável aos projetos de construção da nação.

⁵¹ Respectivamente: NEVES, 1932, p. 45; NEVES, 1934, p. 79; NEVES, Berilo. A sessão nocturna dos micróbios... . *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1927, p. 1.

⁵² NEVES, Berilo. O amor no seculo XXI. In: NEVES, 1932, p. 93-94.

⁵³ NEVES, Berilo. Trezentos anos depois. In: NEVES, 1934, p. 224.

A criação de um aparato legal para regular o serviço sanitário na virada do século XIX, os Institutos Manguinhos, Butantã, Vacinogênico e Bacteriológico, passaria a ditar os rumos da saúde pública. Nos anos 1920, porém, essa estrutura seria ampliada e reorganizada com a criação do Departamento Nacional de Saúde Pública. As práticas científicas difundidas por tais instituições adentrariam, a partir de então, no cotidiano dos indivíduos, “inspecionando, vigiando e controlando por meio de um conjunto de normas, cuidados, prescrições e recomendações”.⁵⁴ A década de 1930 traria ainda uma nova conjuntura. Gilberto Hochman fala de uma “herança sanitarista” da Primeira República, sobre a qual o governo pós-1930 renovou e inovou, sobretudo com as reformas empreendidas na gestão de Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde Pública (1934-1945).

Algo que talvez soe próximo da ideia do ministério de Saúde Pública imaginado por Neves, responsável por fiscalizar desde biscoitos nutritivos até a higiene adequada do beijo.⁵⁵ Pois, em vários de seus contos, a Higiene é responsável por orientar até mesmo as práticas românticas, como indica o procedimento de um de seus personagens ao beijar sua esposa: “Tirou do bolso um quadrilátero de gaze esterilizada, e aplicando-o à face da esposa (como o recomenda a higiene do beijo, neste século) aí pousou de leve os lábios, num osculo amoroso e limpo.” Ou desmascará-las, na continuação do mesmo conto:

- Não te disse, infame, que haveria de descobrir a prova do teu crime? Aí está! A ciência não falha, o microscópio não mente. Dantes, a mulher mais estúpida era capaz de enganar a um sábio, mas hoje, felizmente, só os ignorantes e os cínicos se deixam ludibriar. Aí está a verdade inteira, na lamínula: o micróbio da gripe, que o teu infamíssimo cúmplice deixou na tua face, quando te beijou com a sua boca impura.⁵⁶

O movimento eugenista, que passava por um momento de consolidação institucional na década de 1930, também teve ressonâncias na criação de Neves. Suas especulações se encontravam em dia com os debates que lhe eram contemporâneos e o

⁵⁴ LUCA, 1999, p. 206; HOCHMAN, Gilberto. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). *Educar*, Curitiba, n. 25, p. 127-141, 2005; HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e a construção do Estado (Brasil 1910-1930). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 40-61. Ver também: BOARINI, Maria Lúcia; YAMAMOTO, Oswaldo H. Higienismo e Eugenia: discursos que não envelhecem. *Psicologia Revista*, vol. 13, n.1, SP. Educ. 2004, p. 59-72. Sobre a relação entre higienismo e alguns textos de FC no Brasil, ver: GIROLDO, Ramiro. Higienismo na ficção científica brasileira: da utopia à distopia. *Literatura e Autoritarismo - Contextos Históricos e Produção Literária*, n. 12, jul-dez 2008. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num12/art_09.php>. Acesso em: dez. 2013.

⁵⁵ NEVES, Berilo. Um casamento no século XXX. In: NEVES, 1932, p. 130.

⁵⁶ NEVES, Berilo. Uma tragédia futurista (scenas do século XXI). In: NEVES, 1932, p. 158-160.

escritor estava consciente disso. Em 1929, demonstrando estar informado e envolvido com o assunto, publicou um artigo opinativo em defesa da eugenia como uma ciência de aplicação rigorosa e benéfica ao país.⁵⁷ Mas seus contos de ficção também estabeleceram um diálogo com o debate. No Brasil, predominou o ideário eugenista de caráter reformista, com ênfase na conquista dos fatores ambientais disgênicos – por meio do próprio saneamento e higiene – e da preocupação com a reprodução.⁵⁸ É sobretudo nas imagens reprodução artificial que se nota a preocupação de Neves com conceitos eugenistas, aspecto que será abordado mais profundamente em reflexão posterior.

“As últimas cinzas dos Liebman”, conto cheio de simbolismos, traça uma relação mais explícita entre eugenia e racismo. O enredo gira em torno de um cientista de descendência austríaca, que leva uma vida simples e honesta dedicada à ciência. Em sua pesquisa sobre a teoria química da “proporcionalidade dos fosfatos na evolução e hereditariedade da inteligência nas famílias humanas”, descobre que o fósforo em sua família vinha diminuindo e decide-se por não se casar, pois “Um homem não tem o direito de prolongar uma família que degenera, que involui...”.⁵⁹ O desfecho da história vem com a ruína de sua pesquisa, provocada pela empregada negra e filha de um antigo escravo da família. A velha joga fora o material da pesquisa do cientista por julgar tratar-se de um feitiço, em um final trágico e cômico. Enquanto é possível rir também do próprio cientista em sua tragédia, os princípios de seu projeto não são rejeitados, e o humor reside justamente na ignorância e inconveniência da negra diante do projeto eugenista.

Esse conto aponta ainda para outra dimensão dos contos de Neves, também em estreito diálogo com os debates científicos de sua época: presença constante da ideia de que o comportamento humano é determinado biologicamente. Do ponto de vista dos cientistas eugenistas, o princípio de que a bioquímica controla o comportamento podia fundamentar também o desejo de moldar as pessoas para corpos/comportamentos melhores. Não apenas “As cinzas dos Liebman” traz essa concepção, mas diversos outros dos contos de Neves. É assim que, em “O homem synthetico”, um cientista austríaco conseguiu que seus homens gerados em laboratório – a partir de células desenvolvidas em “condições eugênicas” – fossem todos inteligentes, novamente a partir da “dosagem dos

⁵⁷ O sonho de uma raça nova. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 19 jun. 1929, p. 1.

⁵⁸ STEPAN, Nancy L. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: ARMUS, Diego (org). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004, p. 66.

⁵⁹ NEVES, Berilo. As últimas cinzas dos Liebman. In: NEVES, 1932, p. 175-176.

princípios químicos biológicos”. Também podem ser destacados os vários contos que tratam o amor como uma patologia causada pelo desequilíbrio de funções biológicas. Nessas narrativas, que serão abordadas mais detalhadamente ao longo dessa dissertação, o amor é colocado em oposição a um estado de saúde, seja pela ação de agentes etiológicos ou pelo mau funcionamento do corpo, como das glândulas, por exemplo.⁶⁰

O conhecimento que estava sendo construído em torno dos hormônios teve um papel importante nesse debate. Foi aproximadamente a partir da década de 1920 quando se deu o surgimento da endocrinologia como nova especialidade médica no Brasil.⁶¹ A opoterapia, ou o uso de soros hormônios para a solução de variados problemas, foi amplamente divulgada – e vários desses soros eram propagandeados com slogans eugênicos. Nesse contexto, os hormônios se tornavam explicativos do corpo, do temperamento e do comportamento, sendo mobilizados até mesmo por discursos sobre a moral. Neves faz uma brincadeira com isso em “O ex-homem”, conto que narra as experiências de um cientista excêntrico com hormônios. Para fins experimentais, o personagem passa a injetar em si mesmo extrato de ovário fresco, o que faz com que vá se feminizando ao longo do tempo, para o horror de sua esposa:

Ele, que tinha horror aos ‘homens que parecem mulher’ deu para fazer coisas que só as mulheres fazem. Passa os dias dentro de casa ajudando a criada a limpar os móveis, ou lendo romances sentimentais. Deixou de trabalhar com os micróbios [...] e já não dá nenhuma providência para o governo da casa. Não sei mesmo o que vai ser de nós!...⁶²

A solução encontrada para a perturbação da ordem familiar foi que a esposa injetasse no marido soro hormônico masculino, o que fez com que a sua masculinidade fosse restaurada – e até aprimorada, o que é notado pela maior agressividade. Pode-se dizer que a questão principal do conto são os comportamentos esperados de homens e mulheres perante uma dada ordem, a familiar, assunto a que as discussões científicas da época não estavam alheias. Como aponta Fabíola Rohden, um dos principais pontos do debate em torno do conhecimento sobre hormônios era o estudo dos comportamentos, em especial no que seria diferenciado entre o masculino e o feminino. Segundo a autora, nesse contexto se operou uma forte naturalização das diferenças, por meio da

⁶⁰ NEVES, Berilo. O homem synthetico In: NEVES, 1932, p. 37; NEVES, Berilo. O microbio do amor. *A Noite Ilustrada*, 30 nov. 1932, p. 7; NEVES, Berilo. A glandula do sentimento. *O Paiz*, 20 abr. 1928, p. 1; NEVES, Berilo. O amor, um caso clinico. In: NEVES, 1932, p. 59.

⁶¹ ROHDEN, Fabíola. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.133-152, jun. 2008.

⁶² NEVES, Berilo. O ex-homem. In: NEVES, 1934, p. 199.

substancialização ou materialização das mesmas. Os comportamentos assim naturalizados estavam diretamente ligados aos papéis sociais atribuídos a cada gênero – mas especialmente a mulheres – e podiam até mesmo ser curados em caso de desvio:

Se o padrão de comportamento sexual, social, reprodutivo e estético não se coadunava com o modelo de gênero esperado, a administração dos hormônios – as verdadeiras substâncias da feminilidade – poderia reconduzir as mulheres a seu devido lugar.”⁶³

Afinado com as questões científicas de seu tempo, o cientista de “O homem synthetico” esclarece:

- É esse um dos pontos mais brilhantes da minha obra. O sexo também é, em ultima análise, uma questão de química. Os homens têm mais fósforo e mais ferro: por isso, são mais inteligentes e mais fortes que as mulheres. Estas têm mais açúcar no sangue; por isso são mais doces nos gestos e nos modos. Eu regulo, aqui, a força dos homens e a ternura das mulheres...”⁶⁴

Ao ouvir isso, o protagonista do conto é tomado pelo desejo de “encomendar” ao cientista uma mulher açucarada, para que fosse meiga. Na ficção de Neves, repetem-se as tentativas de ajustar o comportamento das mulheres, como em “A glandula do sentimento”. Nesse conto, um médico descobre nas glândulas a “fonte anatômica das qualidades morais do homem”, mas não por acaso as mulheres são seus principais pacientes, “tão grande é essa importância da tireoide na economia física da mulher”.⁶⁵ Como resultado de suas pesquisas, promete que não haveria mais solteironas ou maridos insatisfeitos, pois todas as moças poderiam passar a ter um bom gênio.

O escritor não estava sozinho no seu interesse no comportamento feminino, pois novamente dialogava com o próprio conhecimento médico. O tratamento dado pela tradição medicinal à sexualidade feminina e o papel de ginecologistas no desenvolvimento do campo fez com que o corpo feminino fosse alvo privilegiado das explicações hormonizantes. Como coloca Rohden, houve uma transformação mais radical do corpo feminino em corpo hormonal do que o masculino, de modo que toda a economia corporal e mental feminina passaria a ser determinada pelos hormônios.⁶⁶

⁶³ ROHDEN, 2008, p. 148.

⁶⁴ NEVES, Berilo. O homem synthetico. In: NEVES, 1932, p. 38.

⁶⁵ NEVES, Berilo. A glandula do sentimento. *O Paiz*, 20 abr. 1928, p. 1.

⁶⁶ ROHDEN, 2008, p. 147. Sobre a relação entre gênero e a construção do conhecimento médico sobre hormônios ver também LÖWY, Ilana. Gender and Science. *Gender & History*, v.11, n. 3, nov. 1999, pp.

Os modos com que Neves se refere a mulheres em sua obra e o papel do discurso científico aí merecem atenção mais detida e serão alvo dos próximos capítulos. Porém, antes de nos debruçarmos sobre tais questões, gostaria de me deter de modo mais atento sobre a relação de seus contos com a ciência, ou melhor, com uma linguagem científica. Até aqui, tenho reforçado que os cenários criados pelo autor são fundamentados em um diálogo estreito com a ciência de seu tempo, o que pôde ser verificado nos trechos apresentados. Porém, como elaborei na seção anterior, dizer que a FC de Neves explorava temas dos debates científicos de sua época não é o suficiente para compreendê-las historicamente, correndo o risco de limitar a análise a uma interpretação de que ele meramente os reproduzia ou espelhava. O ponto problemático, aqui, seria considerar que sua ficção estava determinada *a priori*, pelo debate científico por exemplo, ou que só tem interesse na medida em que nos informa sobre o mesmo.

De fato, o diálogo com a ciência de sua contemporaneidade parece ser um ponto caro a Neves e foi feito com alguns cuidados. Os detalhes que dá a respeito das tecnologias e práticas científicas em seus contos eram sempre minuciosos, por vezes até mesmo didáticos, e costumavam acompanhar as concepções científicas em voga, mesmo quando extrapolava os princípios científicos para o campo da imaginação – a ponto de, como mencionei, ser considerado por alguns críticos quase um divulgador da ciência e alguém que falava com propriedade do assunto.

Berilo Neves partia do conhecimento do seu tempo e o fazia com certa autoconsciência, a julgar pelas constantes referências a cientistas e práticas em vigor na época, apontados como ponto de origem ou inspiração para as descobertas ficcionais. É estabelecido explicitamente um vínculo de continuidade – nos sentidos de progresso, retomada e superação – entre o contexto imaginado e a contemporaneidade, numa insinuação do que poderia vir a ser aquela ciência. É assim que, no ano de 2028 retratado em “O amor, um caso clínico”, um cientista desenvolve um tratamento baseado na medicina glandular “posta em voga em meados do XX”. Da mesma forma, são mencionados em outros contos nomes como Voronoff e Steinach, e especialmente Louis

Pasteur.⁶⁷ O nome desse cientista francês não é trazido isoladamente, como se pôde notar pelo interesse de Neves no conhecimento construído em torno da higiene e microbiologia.

Por outro lado, por mais que Neves tenha sido elogiado pela aplicação de seus fundamentos científicos em sua ficção, seus contos iam muito além da reprodução do discurso científico. Ainda que fosse historicamente viável tal interpretação, está claro que o uso que faz de temas e linguagens científicos é criativo. Afinal, quando escrevia um conto como “O homem synthetico”, o escritor não estava realmente afirmando – nem seus leitores o criam – que a quantidade de açúcar no sangue era a definidora do comportamento das mulheres. O absurdo de tal colocação dá, mesmo, um tom de humor pelo qual o autor ficou amplamente conhecido. Apesar disso, nesse como em outros de seus contos, sua premissa diz de modo concreto de uma concepção da ciência em relação a sociedade: o enredo se baseia na ideia de que o comportamento de homens e mulheres são, de alguma forma, fundamentalmente diferentes e determinados por causas bioquímicas, passíveis de serem transformados pela ciência em seu estado atual ou potencial.

Se aí reside uma concepção de ciência identificável, cabe lembrar que outros de seus contos trazem uma abordagem científica para elementos ainda mais curiosos, que o leitor atual dificilmente associaria ao domínio da ciência – como um telefone capaz de estabelecer comunicação com espíritos ou um foguete que permite viajar não até planetas, mas até o inferno: “O admirável progresso das ciências físicas nos últimos 50 anos trouxe-nos, neste limiar do século XXXV em que vamos vivendo, à anulação integral das fronteiras entre o mundo físico e o mundo espiritual.”⁶⁸ Essa sensação de estranhamento traz também uma oportunidade de reflexão sobre o que cada contexto histórico considera como limite de suas práticas científicas, as suas possibilidades, promessas e funções. Lembra da importância de não partir de um conceito de ciência preestabelecido e de voltar-se, ao invés disso, para uma compreensão do que se apresentava com estatuto científico no próprio contexto. Por vezes, o próprio autor estabelece essa conexão, como

⁶⁷ NEVES, Berilo. O amor, um caso clinico. In: NEVES, 1932, p. 25. Voronoff e Steinach aparecem em NEVES, Berilo. Uma manhã no anno 2.000. In: NEVES, 1934, p. 51. Pasteur é mencionado diretamente em sete contos em *A Costela de Adão* e outros dois em *Seculo XXI*, entre vários outros.

⁶⁸ NEVES, Berilo. Uma viagem ao inferno. In: NEVES, 1932, p. 99.

quando relaciona a invenção de um “psychoradiotelephone”, aparelho que permite comunicar-se com os mortos, e os experimentos nesse sentido “desde o século XX”.⁶⁹

Assim, retomando a reflexão feita em seção anterior, gostaria de reforçar que o que importa para a presente análise não é a precisão científica de tais escritos, mas a maneira por meio da qual Neves se serve dessa linguagem para especular sobre as questões de seu tempo. A particularidade de seus escritos não está na literalidade em relação a princípios científicos, mas na especulação a partir dos mesmos, em estreito diálogo com concepções circulantes a respeito da ciência, de suas potencialidades e efeitos sobre a sociedade. Criando em diálogo com sua contemporaneidade, a FC de Neves produzia efeitos e assumia caráter político, na medida em que elaborava, reforçava ou refutava representações, apresentando-se como argumento que interfere em debates essenciais de sua época.

É dessa forma que compreendo um conto como “O ex-homem”, no qual as experiências com os hormônios servem à sátira de Neves, interessado em retratar o desequilíbrio dos comportamentos do homem e da mulher – ou o desvio da norma – como algo cômico, patético, de consequências absurdas e nefastas para a vida familiar. O papel da sátira em seus contos será explorado de modo mais aprofundado nos capítulos seguintes, bem como a relevância de tal elaboração literária ser feita por meio dos dispositivos da FC. Por ora, porém, gostaria de ressaltar as implicações de suas criações na relação com os debates sobre a ciência e as suas promessas de transformações.

Os escritos de Neves, acompanhando de perto certas práticas científicas do começo do século XX, falam de uma ciência que tem lugar privilegiado nos projetos de transformação da sociedade. Pode-se pensar que a ficção científica produzida por Neves, ao mobilizar e reelaborar representações, dialogava com um discurso legitimador da ciência como solucionadora de problemas sociais, em um contexto de busca pela modernização e progresso nacional. Mas uma interpretação que compreenda somente a celebração e mobilização utópica da ciência seria limitada, pois há nuances e ambiguidades a serem contempladas. Tal reflexão é necessária também para que se tenha sempre em mente a pluralidade, a complexidade e até mesmo os aspectos contraditórios de posicionamentos e questões que podem existir em uma série de textos como os de

⁶⁹ NEVES, Berilo. Uma entrevista com Adão. In: NEVES, 1932, p. 226.

Neves, não necessariamente coesos, publicados em diferentes veículos e momentos, seguindo um ritmo jornalístico.

Mais do que isso, as ambiguidades e contradições faziam parte também das diversas reações ao próprio contexto de transformações sociais e tecnológicas, como aponta Monica Velloso.⁷⁰ Referindo-se à virada do XIX para o XX, a autora aponta a perplexidade, *nonsense* e humor como algumas das formas de lidar com inovações que representavam um verdadeiro desafio ao imaginário da época. Rir do moderno é também uma forma de se familiarizar com novas coordenadas de espaço e tempo, como argumentado também por Saliba:

Uma entre as várias formas de representação cultural do cenário da modernidade e, sobretudo, da vida cotidiana alterada pela revolução tecnológica – a paródia não só aparecia como válvula de escape ou uma reconciliação com o adverso pelo efêmero do riso, mas tornava-se quase natural aos cronistas, humoristas, e toda aquela malta de jornalistas obscuros, caricaturistas e outros escreventes, não menos desenraizados do que o resto da população.⁷¹

Por vezes, tais discursos continham mesmo críticas aos valores e tecnologias modernas, por meio da sua banalização ou redução ao absurdo: é assim que máquinas de pentear macacos ou de lamber sabão, figurando nas charges de J. Carlos, deixam entrever uma crítica da visão científico-tecnológica que concebe a máquina como solução para todos os problemas humanos. Duas décadas mais tarde, mas também preocupado com as transformações tecnológicas por que passava a sociedade, Neves escreveu sobre a invenção de máquinas absurdas como aquela que media o amor – e que, apesar de prometer relacionamentos mais racionais e humanos baseadas no real conhecimento do grau de sentimento do outro, estaria fadada ao fracasso pelos conflitos que causaria.⁷²

Se a ciência se apresenta com frequência em seu aspecto maravilhador e solucionador, também é alvo de ironia e fonte de incertezas e inquietações. O personagem lançado ao futuro que alcançou a “vida científica” em “Trezentos anos depois” fica deslumbrado com as suas conquistas, mas se vê um tanto aliviado em acordar em seu apartamento no século XX, servido de pão com manteiga por sua empregada. Tal

⁷⁰ VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro – Turunas e Quixotes*. RJ: Editora FGV, 1996, p. 21.

⁷¹ SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 337-338.

⁷² NEVES, Berilo. A máquina de medir o amor. In: NEVES, 1934, p. 171.

hesitação está presente em outros de seus escritos. O principal receio evidente nos mesmos parece ser o da perda de uma simplicidade natural e fundamental ao ser humano. Às vezes, a própria ciência é capaz de restituir-lhe essa essência, por estar afinada com as necessidades materiais e biológicas dos homens. Por outras, as transformações da vida moderna tornam quase impossível alcançá-la.⁷³

Tais contradições não se colocam como um obstáculo ao estudo aqui proposto, e sim como um enriquecimento. É possível pensar que há maneiras diversas e até mesmo paradoxais de lidar com as transformações sociais de uma época, e essa pluralidade marca toda a obra de Neves. Paolo Rossi, ao examinar teorias sobre a evolução das sociedades do Renascimento até o século XX, coloca que na própria origem da modernidade esteve presente uma tensão entre esperanças e novidades extraordinárias e angústias de catástrofes iminentes. Para o historiador, a coexistência das duas percepções pode ser percebida até mesmo nos considerados pais fundadores da ciência e ideia moderna de progresso.⁷⁴

Outro aspecto que complexifica a imagem da ciência na obra de Neves é o fato de que, por outras vezes, ela aparece como simplesmente incapaz de resolver ou superar certas questões – e as idiossincrasias da mulher, desde Eva à melindrosa futurista, são o obstáculo mais recorrente.⁷⁵ O tratamento dado às figuras femininas e a relação da obra de Berilo com as mulheres de modo geral talvez seja aquilo que mais expresse as ambiguidades, inquietações e controvérsias de sua experiência em uma sociedade em transformação, motivo pelo qual este será o tema central das reflexões do próximo capítulo.

⁷³ Para o primeiro caso, ver “O Sr. Carlos Autogenico” em *A Costela de Adão* (1929) e para o segundo, “O novo mundo” em *Cimento Armado* (1936), entre outros.

⁷⁴ ROSSI, Paolo. *Naufração sem espectador*: a ideia de progresso. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 14.

⁷⁵ Os contos nessa linha são vários e alguns deles serão explorados nas seções a seguir, mas pode-se citar “As pilulas miraculosas” em *Seculo XXI* (1934) e “Carta a um matuto” em *Cimento Armado* (1936).

2 FILHAS DE EVA: A QUESTÃO DA MULHER E A CIÊNCIA

Assim como na notícia veiculada em *A Noite* sobre o homem mecânico, a figura da mulher frequentemente oferece contraste à modernidade científica na obra de Neves. Apontei no capítulo anterior que Neves se servia de uma linguagem científica, ou melhor, da ficção científica para satirizar e especular sobre as questões de seu tempo. Tendo isso em mente, cabe notar que o principal tema sobre o qual giravam tais elaborações era a mulher, quase sempre em campo oposto ou conflituoso quando confrontada com o progresso e ciência. De fato, tamanhos são a frequência e o destaque das referências às chamadas filhas de Eva, que seria o caso de se perguntar se não é o contrário que ocorre, com a ciência sendo invocada para dar contraste à mulher.

O primeiro livro publicado por Neves trazia uma coletânea de contos publicados anteriormente nos jornais, quase todos de ficção científica, sob o sugestivo título de *A costela de Adão* (1929). A capa de sua terceira edição (Figura 2) não é menos insinuante: traz a ousada imagem de uma mulher nua, recortada contra a enorme figura de um diabo malicioso e galhofeiro. Enquanto este lhe oferece a maçã, ela responde com um sorriso e olhar de soslaio dirigidos ao fruto proibido, que prevalecem sobre sua negativa afetada. Analisar algumas das imagens estampadas nas obras de Neves ajudará a orientar o debate



Figura 2 – NEVES, Berilo. *A costela de Adão*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1930.

do presente capítulo.

Durante os anos 1920, quando se estabeleciam as bases para o grande surto editorial da década seguinte, operou-se uma renovação no meio que incluiu a generalização do uso de ilustrações nas capas. Prática difundida principalmente entre os anos 1917 de 1932, fazia parte de um amplo esforço para tornar atraentes as novas edições mais baratas em brochura. Nesse sentido, pode-se pensar que os livros de Neves acompanhavam, em sua própria materialidade, as mudanças e modernizações que impactaram o mercado editorial da época – a começar pelo formato de brochura com medidas em torno de 18,5cm x 13cm, o novo formato de livro popular,⁷⁶ mas também pela ilustração escolhida.

A linguagem visual usada nas ilustrações fazia parte desse processo, adequada às novas sensibilidades modernas da imagem, da velocidade e da técnica a que me referia no primeiro capítulo. Tudo na imagem escolhida para apresentar *A costela de Adão* e atrair leitores dialogava com a linguagem que estava sendo desenvolvida por chargistas e ilustradores durante os anos 1920 no Rio de Janeiro – moderna, de grande apelo sensorial e em diálogo com o cenário urbano, marcada por sensualidade e irreverência. Os meios impressos e sobretudo as revistas da época foram povoadas por caricaturas ágeis e ilustrações em cores chapadas, sem meios tons, com grande influência do *art déco*. Julieta Sobral fala da importância de tais imagens na vivência de uma sociedade em transformação:

Os impressos em geral e as revistas em particular ocuparam um lugar estratégico na assimilação do processo modernizador. Fragmentadas e sintéticas, elas pertenciam ao novo espaço/tempo criado pela modernidade, e por isso se tornaram um de seus principais veículos culturais. Suas páginas coloridas atenuavam, com humor, ironia e sensualidade, a angústia provocada pelas transformações sem precedentes ocorridas tanto na esfera urbana quanto no mundo privado.⁷⁷

Figuras femininas de mulheres esguias, sensuais, provocantes e modernas tinham destaque nessas imagens. Revistas ilustradas como *A Maçã*, chamadas galantes ou libertinas e voltadas para o público masculino, traziam ilustrações escandalosas afinadas com as tendências artísticas e experiências sociais do Rio de Janeiro dos anos 1920. Já o

⁷⁶ CARDOSO, Rafael. O início do design de livros no Brasil. In: CARDOSO, Rafael (org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 176.

⁷⁷ SOBRAL, Julieta Costa. J. Carlos, designer. In: CARDOSO (org.), 2005, p. 124. Sobre o assunto ver também: NERY, Laura. Nostalgia e novidade: estratégias do humor gráfico em Raul Pederneiras. In: LUSTOSA, Isabel. *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 226; MELO, Chico Homem de; RAMOS, Elaine. *Linha do tempo do design gráfico no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 96.

ilustrador e chargista J. Carlos, um dos principais representantes do *art déco* no Brasil, é considerado o criador da figura da melindrosa. As jovens de vestidos curtos e soltos que desenhava eram frequentemente retratadas fumando, e invariavelmente com cabelos à *la garçonne*.⁷⁸ As imagens de mulheres de cabelos curtos, rostos maquiados e atitude coquete não faziam parte dessa linguagem moderna por acaso:

Enquanto a modernização e o embelezamento dos centros urbanos que proliferavam exibiam riqueza acumulada e progresso tecnológico, as imagens das moças independentes que trabalhavam fora e das melindrosas sensuais simbolizavam a mudança nas relações sociais. Fascinante ainda que assustadora, a ‘moça moderna’ foi, ao mesmo tempo, exibida com orgulho, como demonstração do progresso nacional, e denunciada como ameaça à tradição nacional.⁷⁹

A associação entre a mulher moderna e a cidade moderna está estampada em outras capas das obras de Neves. Na sexta edição de *A costela de Adão*, ilustrada pelo mesmo artista responsável pela terceira, vemos o rosto de uma mulher de cabelos curtos, maquiada e de olhar sedutor, pairar sobre a silhueta da cidade. (Figura 3) Em *Seculo XXI* (Figura 4), embora com traços mais sintéticos e com maior destaque para a paisagem urbana, a alusão se repete, com duas silhuetas femininas e maquiadas contrapondo os arranha-céus – elementos que povoam as imagens da época como imagens de progresso.

⁷⁸ HALUCH, Aline. A Maçã e a renovação do design editorial na década de 1920. In: CARDOSO (org), 2005; SOBRAL, 2005, p. 153.

⁷⁹ BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade*: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Editora da USP, 1999, p. 37. Sobre melindrosas e suas representações, ver também CUNHA, Getúlio. Melindrosas e almofadinhas: feminilidades e masculinidades no Rio de Janeiro da década de 1920. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História - História e Ética*, 2009, Fortaleza, p. 6. Sobre a interpretação dúbia a respeito da “mulher moderna”, ver CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra*: Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Editora da Unicamp, 2000, p. 159-164.

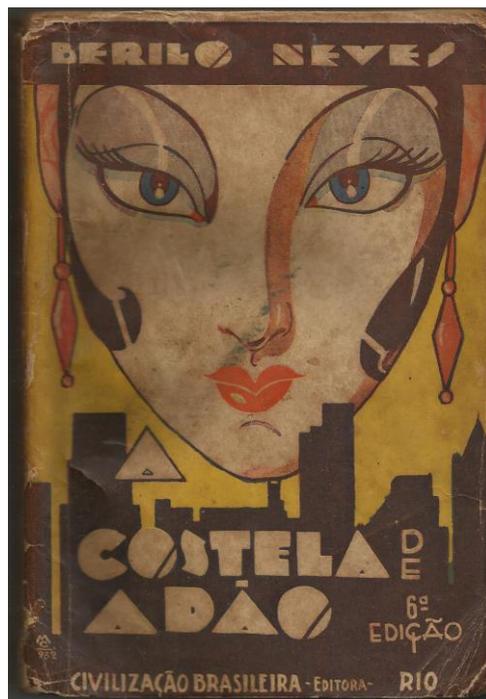


Figura 3 – NEVES, Berilo. *A costela de Adão*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.

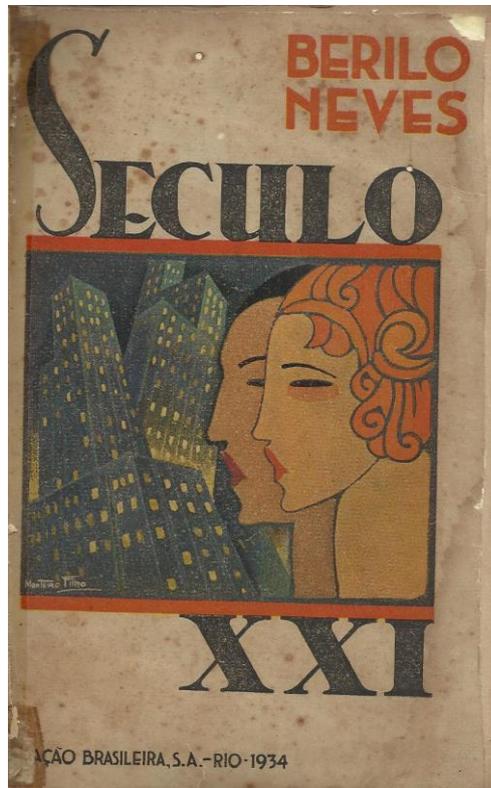


Figura 4 – NEVES, Berilo. *Seculo XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1934.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que a imagem dessa mulher moderna faz parte de um cenário de mudanças – de um modo cenográfico, até mesmo – ela se confunde com a representação da eterna Eva nas obras de Neves. Afinal, a moça moderna estilizada em *art déco* é a mesma que se deixa tentar pela maçã e recebe a alcunha de costela de Adão. Ao mobilizar tais representações sobre a mulher – assunto da ordem do dia dos debates da época – as capas dos livros de Berilo Neves dialogam com o texto escrito. No cruzamento entre tradição, essência, progresso e inovação, elas indicam a transformação da mulher e da cidade como uma questão chave na obra do escritor. E as reações a tais processos, como se verá a seguir, são tão complexas e ambíguas quanto essas imagens.

2.1 Berilo Neves e a questão da mulher

Após a Primeira Grande Guerra, a mulher virou tema/alvo de amplo debate na sociedade brasileira. De meados da década de 1910 até a década de 1930, inúmeras figuras intelectuais, profissionais e políticas estavam envolvidas na discussão sobre o papel social e as condições de vida da mulher brasileira – a chamada “questão da mulher”. A discussão estava relacionada às profundas transformações sociais em curso, como a mudança na política do casamento, com eliminação gradativa do dote e consolidação de um modelo de família nuclear burguesa; o eclipse da produção doméstica pela economia industrial em ascensão; a revolução nas comunicações, facilitando novas formas de vivência do tempo e do espaço, a circulação de ideias e a introdução de novas representações simbólicas das mulheres; o ingresso das mesmas em novos espaços públicos, no mercado, em escolas, profissões e organizações; etc. Tudo isso contribuía para a reelaboração das relações entre homens e mulheres e seus respectivos papéis sociais.⁸⁰

⁸⁰ BESSE, 1999, p. 2; p. 13-40. Ver também os estudos de: AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.213-254, p. 233; CAULFIELD, 2000; HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

Sobretudo nos centros urbanos, operava-se uma mudança no comportamento feminino e nas expectativas sobre o mesmo. O momento era de questionamento das definições tradicionais sobre a mulher e do abuso do poder masculino dentro e fora da família, bem como de adoção por um grupo social de costumes modernos “escandalosos”, a exemplo das melindrosas. Enquanto a ordem familiar se reestruturava, novos papéis sociais eram conquistados por mulheres, que participavam cada vez mais de uma esfera pública na cidade.⁸¹ Sem dúvida, não se tratava de um processo sem conflitos:

Sua autonomia [a da mulher], segurança e realizações educacionais e profissionais cada vez maiores correspondiam às novas liberdades, à ética burguesa e às necessidades econômicas da sociedade urbano-industrial brasileira em expansão. Mas sua metamorfose a partir da matrona corpulenta e isolada do século XIX requeria redefinições incômodas das relações homem-mulher, dos papéis masculinos e da organização familiar, bem como do comportamento feminino ‘adequado’.⁸²

Seu comportamento e sua atuação na vida pública, a “mulher moderna” e o perigo de dissolução da família, entre outros, eram assuntos discutidos nas revistas, nas propagandas, nos tribunais, nos meios médicos, etc. Natascha Ostos, ao investigar a figura da mulher durante a Era Vargas, coloca a situação da seguinte forma:

O tom das discussões era muito diversificado, indo da galhofa mais irreverente até a mais séria argumentação científica [...]. Tratava-se de um tema extremamente controvertido, que dava ensejo à externalização de ofensas terríveis, idealizações exaltadas, promessas de danação eterna e crença na fundação de uma sociedade mais justa e igualitária. Raramente encontramos uma posição indiferente ou “neutra” sobre o assunto.⁸³

Foi nesse contexto em que Berilo Neves ficou conhecido por falar sobre e, principalmente, fazer humor sobre mulheres. A crítica nos jornais não convergia apenas ao atribuir a Berilo Neves a inovação e a capacidade de “apanha[r] em flagrante os temas mais sensacionais da civilização contemporânea”.⁸⁴ Invariavelmente, enfatizava também que seu verdadeiro e fundamental tema entre todos os sensacionais assuntos da civilização era a mulher, o que abordava sempre de modo provocador. Antes mesmo de

⁸¹ AZEVEDO; FERREIRA, 2006, p. 218; BESSE, 1999, p. 1-12.

⁸² BESSE, 1999, p. 37. Sobre as mudanças no comportamento de mulheres e o medo da corrosão da ordem social a elas associadas, ver também: MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: *História da vida privada no Brasil*: República: da Belle Époque à Era do Rádio. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 371; CAULFIELD, 2000, p. 186-193.

⁸³ OSTOS, Natascha Stefania Carvalho. *Terra adorada, Mãe gentil*: Representações do feminino e da natureza no Brasil da Era Vargas (1930-1945). 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte. p 75.

⁸⁴ A Costella de Adão. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 7 mar. 1929, p. 2.

lançar *A costela de Adão*, já era conhecido como “um dos mais encantadores antifeministas”, “um humorista impenitente, capaz de criar páginas maravilhosas à custa do belo sexo e a poder de *blagues*”. A denominação de “inimigo das mulheres” é uma das mais frequentes.⁸⁵

Suas colunas humorísticas ironizavam o comportamento feminino, construindo e reelaborando representações de mulheres como seres fúteis, inconstantes, interesseiros e não confiáveis. Em *A Noite*, o escritor regularmente publicava aforismos que incluíam frases como “O chapéu é, para o homem, um simples ornamento. Para a mulher, é a razão de ser da cabeça...” e “Há mulheres que dizem: ‘quero ser atriz’. Que pleonasmos! É mais fácil haver uma atriz que não seja mulher do que uma mulher que não seja atriz...”.⁸⁶ No lançamento de seu segundo livro, *A mulher e o diabo* (1931), *A Noite* veiculou uma notícia elogiosa acompanhada por uma breve entrevista ou anedota envolvendo o autor:

- Algumas pessoas perversas têm dito que o meu livro se intitula ‘A mulher é o diabo’. Como V. vê, aquele acento representa uma ofensa grave...

- ... às mulheres?

- De modo algum! Ao diabo!⁸⁷

A carga política de tais representações a respeito de mulheres não deve ser ignorada, sobretudo naquele contexto. De um ponto de vista mais óbvio, cabe apontar que elas eram mobilizadas em discursos que diziam diretamente dos direitos políticos de mulheres – como quando Neves comentou a atuação política de uma deputada norte-americana, pouco mais de um mês após o Código Eleitoral Brasileiro estabelecer o voto feminino:

⁸⁵ Notícias e comentários. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1928, p. 31. Caracterizações semelhantes estão presentes, entre outras ocorrências, em: Dois livros de Berilo Neves. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 mai. 1932, p. 2; O direito de não ter esposa... *A Noite* ouve o escritor Berilo Neves sobre o imposto do celibato. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1933, p. 1; A última conquista... *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1933, p. 1; Livros de Berilo Neves. *A Noite*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1945, p. 45.

⁸⁶ NEVES, Berilo. Diabo a quatro. *A Noite*, Rio de Janeiro, 10 mai. 1932, p. 2. Cito apenas alguns outros de seus escritos humorísticos nesse sentido, visto que são numerosos demais para serem esgotados: NEVES, Berilo. Um cronista, uma mulher e uma notícia. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1927, p. 1; NEVES, Berilo. Quid est mulier?. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 12 mai. 1928, p. 18; NEVES, Berilo. 1932. *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1931, p. 8; NEVES, Berilo. Decalogo dos noivos. *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1932, p. 2; NEVES, Berilo. Verdades e mulheres. *A Noite*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1932, p. 2; NEVES, Berilo. Sacco de gatos. *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 mai. 1932, p. 2.

⁸⁷ Livros novos – “A mulher e o Diabo”, de Berilo Neves. *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 out. 1931, p. 6.

Eis aí porque sou contrário ao direito de voto às mulheres... [...] Uma deputada, mesmo de bigode, em lhe aparecendo um colega cheiroso e bem penteadinho, esquece a Pátria e namora o homem... As mulheres não querem saber onde está o “câmbio”: preferem que se lhes diga onde está o marido.⁸⁸

Mais do que isso, porém, gostaria de apontar que mesmo quando não acompanham uma declaração tão explicitamente ligada a um debate político, tais representações dizem respeito a relações de poder na sociedade. Sua condição de humor não invalida o argumento, como lembra Verena Alberti. A autora nota que, nos estudos sobre riso e risível a partir de meados do XX, geralmente se enfatiza a relação entre humor e libertação, enquanto a conexão entre humor e agressividade é por vezes esquecida. Alberti cita o exemplo de tratados de retórica na Antiguidade, nos quais o humor figurava como forma de atingir o adversário.

Os contemporâneos de Neves não ignoravam este poder da troça como arma política. A estratégia foi usada também contra mulheres que ocuparam espaços a que estariam tradicionalmente vetadas, como aponta Maria Margaret Lopes referindo-se ao caso de Bertha Lutz e a oposição que lhe ofereceu Lima Barreto:

Lima Barreto modernizava em suas crônicas um estilo consagrado desde a segunda metade do século XIX em publicações como a Revista Ilustrada e Fon-Fon, entre outras, que usaram o deboche, a irreverência e o ridículo para a descaracterização das reivindicações femininas e/ou feministas por maior inserção nos espaços públicos.⁸⁹

Recusando o espaço à neutralidade aos textos e à linguagem de modo geral, mas especialmente ao humor – e à interpretação de que uma piada é “só uma piada” – Alberti aponta que sempre está em jogo uma relação política:

As teorias do riso precisam ser compreendidas, como a própria piada, o humor, a charge etc., não apenas no contexto em que foram produzidas (são obras de seu tempo, claro), mas também precisam ser analisadas politicamente como construções de sentido que se referem a organizações específicas de poder.⁹⁰

⁸⁸ NEVES, Berilo. O marido e a pátria. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1932, p. 2.

⁸⁹ LOPES, Maria Margaret. Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.73-95, jun. 2008, p. 78. Sobre os escritos de Barreto a respeito do feminismo, ver também ENGEL, Magali. Gênero e política em Lima Barreto. *Cadernos Pagu*, v. 32, p. 365-388, 2009. Ver também: HAHNER, 2003, p. 317-320.

⁹⁰ ALBERTI, Verena. Prefácio. In: LUSTOSA, Isabel. *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 20. Sobre o deboche como modalidade de violência contra mulheres em contextos de transformação de seus papéis de gênero, ver também SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. *Projeto História – Corpo & Cultura*, São Paulo, n° 25,

Para melhor compreender essas organizações de poder e de que forma os escritos de Neves se relacionam com as mesmas, gostaria de fundamentar a presente análise no conceito de gênero. Segundo a historiadora Joan Scott, o uso do termo parece ter surgido primeiro entre as feministas norte-americanas que queriam insistir no caráter socialmente construído das distinções baseadas no sexo, em uma rejeição ao determinismo biológico. Embora durante muito tempo tenha sido usado como sinônimo de sexo, recentemente adotou uma conotação mais complexa, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre sujeitos: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.”⁹¹

Assim, o gênero é compreendido como uma *relação* entre sujeitos socialmente constituídos, em contextos especificáveis. O termo serve para atentar para o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, mas também para evidenciar as hierarquizações e operações de poder que elas carregam. Nesse sentido, Natasha Ostos adota uma postura perfeitamente adequada à análise que desenvolvo:

faz-se necessário ressaltar que estamos analisando uma série de discursos que, em sua maioria, compreendia a população feminina como um conjunto dotado de certa uniformidade; as mulheres eram percebidas como um grupo relativamente indistinto em razão de compartilharem certas características anatômicas e fisiológicas que determinariam, não apenas sua aparência e o funcionamento de seus corpos, como também suas qualidades psíquicas, seu papel social e suas habilidades “inatas”. Claro está que o fato de lidarmos com discursos que essencializavam as mulheres, e de estarmos interessados na construção histórica de sentidos a respeito dessa categoria, não implica numa adesão ingênua aos pressupostos que constituem esse marcador de identidade.⁹²

Remetendo ao argumento de Beauvoir,⁹³ que aponta a categoria mulher como resultado de um processo e não do nascimento, Judith Butler entende o próprio gênero

pp. 269-289, 2002; SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005.

⁹¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, Vol.6, nº 2, jul/dez 1990.p. 21. Sobre o uso da categoria na historiografia brasileira, ver: PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283; SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007; MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. *Cadernos Pagu*, v.11, p.67-75, 1998; RAGO, Luzia Margareth. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, v.11, p.89-98, 1998.

⁹² OSTOS, 2009, p. 70, nota 136.

⁹³ “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980, p. 9; BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e*

como termo em processo e prática discursiva contínua. A sua “cristalização”, isto é, a solidificação do gênero de forma que ele pareça ter estado lá o tempo todo – pode-se dizer a sua naturalização – é construída por meio de atos performativos discursivamente compelidos. Esse mesmo processo já denuncia a não inevitabilidade e essencialidade original do gênero, pois depende de práticas insistentes, sustentadas e regulamentadas por diversos meios sociais. Nesse sentido, é possível compreender que o ato de nomear como *origem e causa* categorias de identidade que são de fato *efeitos* de instituições, práticas e discursos, consiste em uma dessas operações de poder, carregada de interesses políticos. Roger Chartier entende esse processo como uma forma de violência simbólica:

Definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída, é sempre afirmada como uma diferença de natureza, radical, irreduzível, universal. O essencial não é então, o por termo a termo, uma definição histórica e uma definição biológica da oposição masculino/feminino, mas sobretudo identificar, para cada configuração histórica, os mecanismos que enunciam e representam como “natural”, portanto biológica, a divisão social, e portanto histórica, dos papéis e das funções.⁹⁴

É justamente essa a operação realizada quando era argumentada a incapacidade, inadequação ou impossibilidade das mulheres de ocuparem posições a que estavam tradicionalmente vetadas, seja em discursos de humor ou não. A atestação da inferioridade intelectual das mulheres para lidar com assuntos de seriedade ou importância, a sua definição como indivíduos frágeis e sentimentais, a ênfase nas limitações de seus corpos e nervos são argumentos que permeiam a discussão sobre os direitos políticos das mulheres desde a Assembleia Constituinte de 1891 e persistem até depois da Constituição de 1934, com as reações ao estabelecimento do voto feminino.

Tais construções são reforçadas também nos escritos de Berilo. Na crônica já mencionada em que o autor comenta sobre a deputada norte-americana, chega à conclusão de que “o Poder – seja o legislativo, o executivo ou o judiciário – não deve ter sexo – e muito menos saias...”. Além da ideia de que apenas as mulheres estariam sujeitas à imposição de seus corpos sexuados, o autor reforça os estereótipos da mulher emocional e ligada à esfera privada em contraposição à racionalidade pública, justificando seu raciocínio da seguinte forma:

subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 7. Ver também: SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2012.

⁹⁴ CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu* (4) 1995: pp. 37-47, p. 42.

Toda mulher é uma amorosa em potencial – e uma esposa em estado latente. [...] O Estado é impessoal, quase metafísico... No dia em que os Presidentes de Republica forem mulheres, um simples beijo poderá mudar o destino de um povo ou de um continente. O ciúme, em casa, quebra pratos: no governo, declara guerras...⁹⁵

Essa mesma concepção é explorada na forma de paródia em diversos de seus contos de ficção. Em “Evópolis em pé de guerra”, as mulheres conseguem instaurar um governo ditatorial feminino e fundar a República das Mulheres, mas sua falta de disciplina, força e seriedade fazem com que seu exército preocupado com maquiagens, bombons e o peso excessivo do equipamento seja derrotado por uma rebelião masculina.

O exército, aliás, é um tema que se repete – lembrando que Neves pertencia ao Corpo de Saúde do Exército – e mais de uma vez serve de metáfora para classificar movimentos feministas ou de mulheres como uma literal guerra dos sexos.⁹⁶ Em *A Noite*, porém, enquanto avaliava de modo menos abstrato a possibilidade de participação de mulheres no exército, elenca os mesmos motivos de “Evópolis em pé de guerra” para ser contra a “mulher-soldado”, acrescentando porém uma provocação: “Há mais de 30 anos vêm reclamando nossos [dos homens] direitos, mas fazem cara feia quando se lhes fala nos nossos deveres... Querem tomar a sopa, mas detestam a ideia de roer os ossos. Sempre incongruente e esperta, a nossa amiga Eva!”⁹⁷

É fácil notar que em ambos os textos a figura de Eva é referida como metonímia para mulheres como um todo, artifício comum nos escritos de Neves. Sua primeira coletânea não apenas carrega a mesma conotação, como também é introduzida por uma citação dos “Sermões” do padre Antônio Vieira a respeito da responsabilidade de Eva sobre o pecado original – com ênfase na consequência disso para todas as “filhas de Eva”. Pode-se pensar que ao remeter à criação como ponto de origem, o termo serve, mesmo que não religiosamente, metaforicamente como uma figura que reforça os aspectos essencializadores do discurso. Mas se a mulher sempre padeceu dos vícios que remontam a Eva, a mulher moderna traz ainda mais problemas, como esclarece Neves: “A Mulher que já na primeira semana da Criação enganava seu companheiro, tornou-se,

⁹⁵ NEVES, Berilo. O marido e a pátria. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1932, p. 2.

⁹⁶ NEVES, Berilo. Evópolis em pé de guerra. In: NEVES, 1934, p. 143. Enredo muito semelhante encontra-se em NEVES, Berilo. A republica das mulheres. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1928, p. 1. Sobre o tema da “guerra dos sexos” como referindo-se a exércitos de modo literal, ver também os contos “A inimiga dos homens” em *A Costela de Adão* (1929), “Uma revolução no outro mundo” e “O reino dos céus” em *Seculo XXI* (1934).

⁹⁷ NEVES, Berilo. Às armas, cidadãs!. *A Noite*, Rio de Janeiro, 13 dez. 1932, p. 2.

com o Progresso e suas exigências, mais esperta e maliciosa que o Diabo. Não perdeu nenhum dos seus defeitos antigos e adquiriu novos...”⁹⁸

Essa postura estava de acordo com os críticos e críticas conservadores que acusavam mulheres de terem perdido o senso de prudência, responsabilidade e recato, ameaçando a instituição da família. Na década de 1920, o comportamento escandaloso de mulheres era tema favorito de discussão pública. As páginas policiais traziam notícias sensacionalistas de crimes que culpavam as mulheres decaídas, empregadas domésticas desonestas, mulheres masculinizadas e moças modernas pela ruína da família brasileira.⁹⁹

Durante as décadas de 1920 e 1930, uma comunidade intelectual e urbana do Brasil em busca de esteios para a ordem lutava por regenerar a família, com as mulheres em seu centro. Como instituição social primordial e essencial, a família seria capaz de promover a modernização econômica preservando a ordem social. Margareth Rago aponta como o projeto de higienização não abrangia apenas a cidade, como também os espaços domésticos, o que incluía os papéis sociais ali desempenhados. Após o movimento de 1930, acompanhando um processo de intervenção do Estado em esferas antes consideradas privadas, dobram-se os esforços no sentido de consolidar a família como base da sociedade e organização política. No exercício de suas funções tradicionais, como mães, esposas e cuidadoras das necessidades mais básicas dos familiares, as mulheres teriam um papel fundamental a desempenhar na configuração do todo populacional.¹⁰⁰

Era corrente a preocupação que associava o estilo de vida assumido pelas mulheres com o próprio destino da nação, temente que a liberalização dos costumes e a participação das mulheres na esfera pública teriam consequências sociais danosas.

⁹⁸ NEVES, Berilo. O amor antigo. *Fon-fon*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1932, p. 32. “Sermões” está referido em NEVES, 1932, p. 7. A expressão “Eva” ou “filha de eva” não era exclusiva aos escritos de Neves, como se pode notar em: MARTINS, Epaminondas. Ler e comentar. *Correio da Manhã: Suplemento*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1932, p. 1; DANTAS, Julio. Eva 1937. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1937, p. 4; Eva no jury. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1933, p. 26.

⁹⁹ BESSE, 1999, p. 49. Ver nota 82. Para um estudo da criminalidade mulheres no Rio de Janeiro de 1890 a 1920, ver SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana – 1890-1929*. Rio de Janeiro: Forense, 1989.

¹⁰⁰ RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 61-70. Rago fala ainda da importância desse processo no projeto de disciplinarização das classes trabalhadoras. Sobre a relação desse discurso com os debates legais em torno da honra sexual, ver CAULFIELD, 2000, p. 37. Ver também: BESSE, 1999; OSTOS, 2009; ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Setores conservadores viam no feminismo emergente por meio de associações de mulheres uma forma a mais de ameaça a ordem tradicional, divina e natural, a ser combatida. Nos debates em torno do direito de voto para mulheres, a opinião que prevalecia entre a maioria dos parlamentares era a de que a concessão do mesmo iria afastar as mulheres de suas obrigações domésticas, colocando em perigo a instituição familiar e, conseqüentemente, a própria sociedade brasileira.¹⁰¹

Nesse contexto, tudo que se relacionava às mulheres – aparência, ocupação, comportamento – merecia ser comentado e ter sua conveniência avaliada. Os discursos sobre o comportamento da mulher abrangiam desde os argumentos jurídicos e médicos até a hostilização ou ridicularização direta, por vezes partilhados pelas próprias mulheres. Maria Eugênia Celso, a mesma a liderar o lobby pelo voto feminino ao lado de Bertha Lutz, havia criado uma caricatura da jovem moderna denominada “Mademoiselle Futilidade”. É ela, também, a enviar uma carta ao Neves parabenizando-o por *Costela de Adão*, que seria publicada no jornal *O Paiz* e posteriormente integrada às reedições do próprio livro, junto a outras críticas.¹⁰²

A recepção favorável dos escritos de Neves por parte de mulheres, incluindo feministas, mostra que a questão é mais complexa do que poderia parecer inicialmente. Não obstante a constante referência a Neves como ironizador das mulheres – ou talvez seja o mais coerente – elas eram não apenas uma temática preferencial, mas público leitor, se não seu principal, considerável. Os comentários – quase sempre humorísticos – sobre a relação de Neves com suas leitoras e as mulheres de modo geral são facilmente identificados nos periódicos, assunto poucas vezes não mencionado quando seus escritos são abordados. A rotulação do escritor como provocador era a mais frequente e quase sempre vinha acompanhada da ressalva de que, por mais que se sentissem “alfinetadas”, elas não lhe conseguiam recusar atenção: “Com a graça do seu estilo enche páginas deliciosas, satirizando, alfinetando as mulheres. E o mundo feminino vingá-se do escritor... Adquirindo tudo quanto ele escreve.”¹⁰³

¹⁰¹ OSTOS, 2009, p. 73-77.

¹⁰² A Costella de Adão. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 jan. 1930, p. 4. Ver: BESSE, 1999, p. 50; p. 165. Sobre Maria Eugênia Celso, ver também: SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 389.

¹⁰³ Comentário de Alcides Soares reproduzido em NEVES, 1936, p. 225. Observações semelhantes em: SINTRA, Astrô. Adão desmascarado. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 5 out. 1929, p. 2; Sem fio. *A Noite*, Rio de

Mesmo levando-se em consideração os interesses em torno dessa sempre reiterada popularidade de Neves com as mulheres, cabe colocar que parecem corroborar tal repercussão a existência de correspondência – muitas vezes simpática – de leitoras, os espaços ocupados pelo escritor em publicações voltadas para o público feminino, bem como o esforço ativo do autor para atingi-lo – quando não no próprio conto, dirigido na forma de carta, nas atitudes de enviar os próprios livros para misses e autoras.¹⁰⁴

Voltando-se apenas para as críticas e comentários que circularam sobre Neves na mídia impressa, a indicação de rejeição pelo público feminino é muito menos frequente. Não é inexistente a figura do autor puramente como *persona non grata* entre o mesmo, mas parece predominar sua fama de popularidade – o que não quer dizer que tal rejeição não existisse. De qualquer forma, a pouca visibilidade de reações negativas nesses espaços, ou mesmo sua desqualificação – uma senhora indignada foi caracterizada como “felizmente feia” em *A Noite*¹⁰⁵ – pode ser um indicativo de uma estratégia, considerando que aqueles espaços, ocupados pelo próprio Berilo Neves, poderiam ter interesse na imagem dúbia, mas aguçadora da curiosidade, enfim, polêmica. Afinal, o mesmo jornal que publica o “Decálogo dos noivos”, em que Neves roga aos leitores que “Se a tua noiva morrer, nunca mais te cases! Não é em homenagem à que morreu – mas em benefício de ti mesmo...” é o que publica o “Decálogo das noivas” de Maria Vimar, em resposta declarada ao primeiro.¹⁰⁶

A complexidade de tal relação fica patente quando tomamos conhecimento de que Neves e Vimar foram simultaneamente contribuintes da mesma revista, a *Walkyrias*, publicação vinculada à Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino, em 1934.¹⁰⁷ O que

Janeiro, 4 mar. 1932, p. 5; MONIZ, Heitor. No mundo dos livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1932, p. 2; Berilo Neves. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1934, p. 36.

¹⁰⁴ Com relação às cartas de suas leitoras, ver nota 6. Sobre o direcionamento de Neves para o público feminino, ver: NEVES, Berilo. Co-co-ri-có!...(Carta a uma feminista). *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1934, p. 13; NEVES, Berilo. Carta a uma mulher. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1935, p. 14; NEVES, Berilo. Carta a uma solteirona. In: *Cimento armado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1936, p. 85; NEVES, Berilo. Carta a uma leitora. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 15 set. 1936, p. 12; NEVES, Berilo. Carta a uma mulher. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1937, p. 32; NEVES, Berilo. Velho thema. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1938, p. 59; e sua contribuição de modo geral no *Jornal das moças*, entre 1934 e 1939. Sobre o caso das misses, ver: Nas vésperas da partida de Olga Bergamini de Sá. *A Noite*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1929, p. 8.

¹⁰⁵ MALTA, Tostes. Chronica dos livros. *A Noite*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1931, p. 7. Sobre a rejeição de Neves por mulheres, ver também Eva no jury. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1933, p. 26.

¹⁰⁶ NEVES, Berilo. Decalogo dos noivos. *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1932, p. 3; VIMAR, Maria. Decalogo das noivas. *A Noite*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1932, p. 7. Ver também NEVES, Berilo. Salada de frutas. *A Noite*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1932, p. 2. Outro diálogo semelhante em FREITAS, Elizabeth Bastos de. Conselhos a minha filha. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1932, p. 4.

¹⁰⁷ “Walkyrias”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1934, p. 8.

a princípio pode parecer contraditório diz muito das ambiguidades e complexidades inerentes ao próprio debate, na época, em torno da “questão da mulher”, bem como as diferentes vozes envolvidas nas lutas pelos direitos das mulheres.

No início do século XX, surgem movimentos organizados pelos “direitos do sexo feminino”, em geral coincidindo com o movimento sufragista e vinculados a mulheres instruídas e com tempo livre. O grupo de maior visibilidade era a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fundada pela cientista e ativista política Bertha Lutz, em 1922. A FBPF cresceu durante a década de 1920 e início dos anos 1930, reunindo um grupo diversificado de organizações femininas, sufragistas, profissionais, cívicas e de caridade, de todos os estados. Tais associações dividiam-se entre as que lutavam por direitos políticos e sociais e as que exaltavam os papéis domésticos da mulher, atuando ambas em campanhas, palestras e no lobby político. Embora fosse o grupo de maior visibilidade, sobretudo por congregar mulheres de classe média e alta, a Federação não era a única forma do que se pode chamar de movimento feminista naquele momento.¹⁰⁸

O termo “feminismo” apareceu no Brasil na primeira década do XX, mas poucas defensoras dos direitos da mulher o adotaram até a partir dos anos 1920, e mesmo então seu significado não era unívoco. Apenas reivindicar-se ou ser nomeada como feminista não queria dizer compartilhar as mesmas ideias. A FBPF, por exemplo, lutava pelo acesso feminino à educação, saúde e direito de voto, entre outras demandas, mas tinha sensibilidade limitada com relação às reivindicações de operárias. O receio de que tal aproximação pudesse prejudicar a credibilidade do movimento nos setores mais influentes da sociedade era um fator determinante em suas estratégias. De modo geral, repudiava também as plataformas concernentes ao divórcio e a liberdade sexual, reservadas a feministas consideradas radicais.¹⁰⁹

¹⁰⁸ Sobre a FBPF, ver: BESSE, 1999, p. 182-199; HAHNER, 2003, p. 299-348. Sobre Bertha Lutz, ver ainda os estudos de MOREIRA ALVES, Branca. *Em busca da nossa história: o movimento pelo voto feminino no Brasil – 1919/1932, fatos e ideologia*. 1977. Dissertação (Mestrado). IUPERJ, Rio de Janeiro; SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006; LOPES, Maria Margaret; SOUZA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. A construção de invisibilidade de mulheres na ciência: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz. *Niterói*, v.5, n.1, p. 97-109, 2. sem. 2004. Sobre as lutas pelos direitos das mulheres de modo geral, ver também CAULFIELD, 2000, p. 138-139; TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999; ARAÚJO, 1993, p. 65-69. HAHNER, 2003; HAHNER, June Edith. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

¹⁰⁹ BESSE, 1999, p. 194-196. Sobre o uso do termo “feminismo” no Brasil, ver HAHNER, 2003, p. 26.

As mulheres apontadas como radicais eram aquelas que questionavam abertamente valores ligados à maternidade e família, como Maria Lacerda de Moura, Patrícia Galvão e Ercília Nogueira Cobra. Por vezes, se aproximavam mais das reivindicações do operariado e até mesmo negavam o rótulo de feministas, considerado burguês. Sua visão revolucionária não se ajustava nem aos projetos dos partidos políticos de sua época, nem aos programas das feministas organizadas, fazendo com que fossem marginalizadas.

Havia ainda o feminismo católico, apostando no feminismo como preservação e reconstrução da moralidade conservadora cristã. Enquanto visava adaptar a situação das mulheres aos novos desafios da modernidade, reforçava que o papel e natureza femininos estavam voltados para o lar. Assim, seria aceitável a atuação pública da mulher, no mercado de trabalho, por exemplo, desde que fosse indispensável para e não a desviasse das suas tarefas para a sobrevivência da família. As formas de feminismo que não se enquadrassem a esse modelo seriam falsas e perniciosas, um “desvario de solteironas que não encontraram marido e que pretendem desorganizar a vida e o lar com a inversão dos valores sociais”.¹¹⁰ A divisão do trabalho por gênero era vista como natural e inevitável, enquanto a crítica era dirigida ao abuso de poder pelos homens, e não ao fato de que tivessem mais poder.

Para Besse, a transformação na situação das mulheres foi um processo ambíguo. Passaram a ter acesso à cidadania plena, mais canais para educação e trabalho, mas tudo isso estava vinculado a sua função no lar, em especial à maternidade. Eram estimuladas a usar sua recém-adquirida e relativa independência para solidificar a instituição do casamento, e não fugir dela, de modo a satisfazer as exigências da nova sociedade burguesa e sustentar seus valores tradicionais. A própria *Walkyrias* trazia, no artigo de abertura de Ana Amélia Queirós Carneiro de Mendonça – conhecida de Neves – a defesa de um “feminismo pacifista e igualitário, maternal e humano”.

¹¹⁰ BESSE, 1999, p. 203. Sobre essas outras formas de feminismos, ver BESSE, 1999, p. 199-214. Sobre Maria Lacerda de Moura e a resistência de mulheres operárias e anarquistas, ver também RAGO, 1985, p. 70-74 e 95; LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984. Sobre Patrícia Galvão, ver: PONTES, Heloísa. Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo. *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho de 2006: pp.431-441; CAMPOS, Augusto de (org.). *Pagu: vida-obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982. Sobre Ercília Nogueira Cobra, ver: QUINLAN; SHARPE, 1996.

O feminismo da FBPF tinha a aprovação de muitos homens eminentes, que viam no apoio ao sufrágio uma prova de modernidade. Parte dessa elite acreditava que, representando pequena ameaça imediata à vida doméstica e as definições tradicionais de feminilidade e masculinidade, sua atuação permitia canalizar as mulheres para tarefas consideradas produtivas. Para a Federação, evitar críticas ao papel doméstico e familiar da mulher era importante para evitar conflitos com a Igreja, mas também porque esses aspectos haviam, tradicionalmente, proporcionado as únicas fontes de identidade, significado e propósito a muitas mulheres de classe média.¹¹¹

Em 1927, a revista *A Vida Moderna* aplicou um questionário sobre feminismo a uma série de intelectuais. Enquanto muitos relutavam em acusar diretamente o feminismo, a maioria tinha dificuldade em aceitar igualdade absoluta entre homens e mulheres. O feminismo ideal era aquele que rejeitava as ideias de uma ordem natural dominada pelos homens e da divisão sexual do trabalho, sem redefinir a feminilidade ou reorganizar a vida familiar. A imprensa também contribuiu para uma demarcação de limites em torno dos discursos feministas, associando o feminismo com conquistas como a vitória de mulheres em campeonatos esportivos, a possibilidade de viajar sozinha, ou estar na moda, mas enfatizando constantemente a possibilidade de exercê-lo sem masculinização.¹¹²

Nesse cenário de controvérsias e incertezas sobre o que significava defender os direitos das mulheres, não é surpreendente que Berilo Neves, um humorista cujo alvo eram mulheres, participasse de uma publicação como *Walkyrias*. Reunindo desde um manifesto aguerrido de Bertha Lutz até um texto de Madame Chrysanthème expressando horror à mulher moderna, a revista apresentava um repertório extremamente diverso de contribuintes. Proclamando-se uma publicação das questões político-femininas, comemorava a recente conquista do voto e – excetuando um artigo de Múcio Leão, que toca no assunto – silenciava sobre a derrota do divórcio na Constituinte.¹¹³ E, no caso de Neves, não o impediu de colaborar na revista o fato de ter publicado, em pleno calor dos debates e um mês após o novo Código Eleitoral Brasileiro de 1932 estabelecer o voto feminino em escala nacional, que o poder não deveria ter saias.

¹¹¹ BESSE, 1999, p. 11; HAHNER, 2003, p. 306-313. CALLADO, Ana Arruda. Uma Walkyria entra em cena em 1934. *Estudos feministas*, v. 2, n. 2, 1994, p. 347.

¹¹² BESSE, 1999, p. 182-220.

¹¹³ CALLADO, 1994, p. 349-350.

Atentando a esse contexto de disputas e debates, é possível compreender melhor porque Berilo Neves pôde se aproximar de grupos como a FBPF enquanto, em seus escritos, partilhava das caracterizações que ridicularizavam mulheres que ousavam assumir papéis masculinos, defendia a sua exclusão da política e construía uma fama como antifeminista. De fato, a denominação não era gratuita, pois feministas foram constantemente alvo dos ataques de Neves.

O conto futurista e fantástico “Uma revolução no outro mundo”¹¹⁴ traz uma paródia completa do feminismo, em que as mulheres promovem uma revolta às portas do paraíso espiritual – literalmente rebelando-se contra a ordem divina e natural – encabeçadas pela D. Emerenciana, a feia, solteirona e agora falecida “*leader* do feminismo no Brasil”. Após um discurso intimativo declarando que as mulheres do século XXI não desejam continuar subordinadas ao homem, embora o próprio Deus o seja, a senhora anuncia que ela e suas seguidoras pretendem seguir o exemplo das mulheres da Terra futura imaginada por Neves, que já podem governar a si mesmas. Tudo isso para que a guerra se dissipe assim que um casamento é arranjado por Deus para Emerenciana.

No conto “A inimiga dos homens”, o argumento é associado ainda à representação da feminista – ou da mulher que, de alguma forma, assume papéis ou aspirações tradicionalmente não femininas – como aberração sexual, desprovida de encantos femininos, portanto, frustrada. Neves retrata certa Elisabeth Rodrigues, propagandista de ideias emancipadoras e implacável inimiga dos homens:

Socióloga, filósofa, romancista, panfletária, jornalista, a dama terrível manjava todas as armas em defesa das suas ideias, aplaudidas, com entusiasmo, com loucura, por 10.000.000 de mulheres, sócias da Federação Feminina Internacional. [...] Era solteirona, 37 anos, e tinha no lábio superior um pelo áspero e escuro que lhe dava umas aparências fortemente másculas.¹¹⁵

O projeto de Elisabeth Rodrigues era o de eliminar os homens da face da terra, o que obteria por meio do controle da reprodução artificial. A perspectiva de ficar sem

¹¹⁴ Publicado em *A Noite Suplemento*, Rio de Janeiro, 24 dez. 1930, p. 14. E em NEVES, 1934. Outros exemplos semelhantes se encontram nos contos “Evópolis em pé de guerra” (também de *Seculo XXI*) e NEVES, Berilo. A emoção, curiosa doença cerebral. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1928, p. 1.

¹¹⁵ NEVES, 1932, p. 163. O conto também veiculado por rádio, conforme Sem fio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 21 mai. 1929, p. 4.

homens, porém, horroriza sua plateia feminina, antes tão loucamente entusiasmada, de modo que sua palestra acaba em tumulto cômico.

Esses escritos, porém, não impediram a circulação de Berilo Neves entre as próprias feministas. Tudo indica que seu contato com certos círculos feministas não se limitou à contribuição eventual em *Walkyrias*, parecendo se estender a algumas interlocuções, como o caso de Maria Vimar, e até mesmo a sua circulação social. Afinal, Neves foi convidado para falar sobre “A mulher e a serpente” em festa da arte sob o patrocínio da poetisa Ana Amélia, atuante na FBPF e colaboradora da revista, e trocou com ela dedicatórias em livros. Esta parecia ser uma prática comum do autor, que também prometeu exemplares de seus livros a já mencionada Madame Chrysanthème, em nota extremamente elogiosa a um dos livros da autora. Neves declarou ainda ser seu leitor desde antes mesmo de mudar-se para o Rio.¹¹⁶

Por outro lado, não podemos descartar a adesão de mulheres a até mesmo os aspectos mais conservadores expressos nos escritos de Neves. Como lembra Roger Chartier, longe de indicarem meras figuras do imaginário masculino, tais representações se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de homens e mulheres.¹¹⁷ Veiculada no *Jornal das moças*, uma carta hiperbólica de Irmã Branca vinha em reconhecimento a uma homenagem do autor ao periódico e declarava a epifania da autora em “descobrir em você, não o inimigo, mas o amigo nº 1, de todas as mulheres!”:

Que grande bem você causaria a humanidade toda, se escrevesse de maneira que todas as outras mulheres o compreendessem!... [...] Que lindinho ficaria você, exercendo a profissão de instrutor de todas as mulheres! Depois com a nossa causa ganha. (sim. Tendo-o como instrutor seríamos invencíveis!) elegê-lo-íamos ditador e nunca mais haveria quem tivesse a coragem de trocar o honroso uniforme, por um desprezível ‘maillot’!

[...]

Temos tantos defeitos! Abra-nos os olhos por favor!...

Com o coração nas mãos, Irmã Branca¹¹⁸

¹¹⁶ Vida social. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 mai. 1930, p. 5; Publicações. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1934, p. 7. A biblioteca da Academia Brasileira de Letras possui dois exemplares com dedicatórias a ela escritos à mão por Berilo Neves, um de *A Costela de Adão* e outro de *A mulher e o diabo*.

¹¹⁷ CHARTIER, 1995, p. 40.

¹¹⁸ BRANCA, Irmã. Pacifico agitador Berilo Neves. *Jornal das moças*, 27 ago. 1936, p. 8.

Embora a autora garanta que tal se dê por uma incompreensão por parte das mulheres, a carta implica que a percepção geral pelas mulheres seja a do escritor como seu inimigo. De certo modo, ao reforçar sua adesão aos escritos de Neves, Irmã Branca também retoma a polêmica que permeou sua recepção, deixando entrever os conflitos por trás da imagem de provocador querido que os jornais em que publicava tanto reforçavam. Pois, mesmo entre mulheres críticas ao movimento feminista, seus escritos não ficaram livres de protestos.

Elisabeth Bastos de Freitas, que lamentava as feministas masculinizadas e celebrava a mulher feminina e moderna – considerando as conquistas de mulheres como transformações necessárias de acordo com o momento, “sendo estas relativas ao homem, em primeiro lugar, em seguida a sociedade” – mais de uma vez contestou Berilo. Defendendo que a mulher era injustamente mal compreendida e culpada por autores como ele, responsabilizava o homem pelos males da civilização moderna e a crise do lar, chegando a utilizar-se de uma citação de Neves para confirmar seu ponto em um artigo.¹¹⁹

A provocação de Bastos aponta para um ponto importante: além da corroboração ou rejeição as escritos de Neves, há que se considerar a mobilização tática desses discursos para seus próprios fins. Do ponto de vista das feministas, incorporar as vozes de Neves e outros homens – fossem eles chamados de antifeministas ou não – pode ter significado uma estratégia importante. O caso de Berilo aponta, de modo emblemático, para os embates, incertezas e ambiguidades que cercavam as lutas pelos direitos da mulher na primeira metade do século XX. Não apenas os significados em torno do lugar social das mulheres não eram unívocos e estavam em debate, como o das próprias lutas pelos direitos de mulheres, estivessem ou não vinculadas a uma identificação com algum feminismo.

Levando essa discussão em consideração, é possível compreender que os usos, circulação e apropriação dos escritos de Neves por mulheres dos mais variados posicionamentos políticos não são incompatíveis com o entendimento de que eles

¹¹⁹ Respectivamente em: BASTOS, Elizabeth. Eva 1937 – mal compreendida. *Correio da Manhã*: Suplemento Feminino, Rio de Janeiro, 16 mai. 1937, p. 3; BASTOS, Elizabeth. A comédia do almofadinha e a tragédia da melindrosa. *Correio da Manhã*: Correio Feminino, Rio de Janeiro, 17 mar. 1935, p. 5. Ver também: BASTOS, Elizabeth. Conselhos a minha filha. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1932, p. 4; BASTOS, Elizabeth. Revolução no inferno. *Correio da Manhã*: Correio Feminino, Rio de Janeiro, 12 ago. 1934, p. 5.

reforçavam formas de exclusão e de manutenção dos papéis tradicionais de gênero, em um contexto de debates e reelaborações dos mesmos. É importante lembrar que os argumentos reforçados pelo escritor a respeito da natureza da mulher foram os mesmo mobilizados seriamente por juristas, advogados e políticos que se opunham às transformações envolvendo a figura da mulher na sociedade. Não se pode ignorar que seus escritos dialogavam e reforçavam representações correntes que ridicularizavam os movimentos feministas e reivindicações de mulheres de modo geral, nem negligenciar o caráter conservador dos discursos de gênero baseados na limitação da mulher por uma suposta natureza feminina.

Gostaria de reforçar esse argumento analisando a forma com que Neves se refere à violência contra a mulher. As décadas de 1910 a 1930 foram marcadas por uma campanha inflamada contra os chamados crimes passionais, perpetrados em esmagadora maioria por homens contra suas esposas, namoradas e filhas. De acordo com Caulfield, os crimes sexuais – envolvendo prostituição, honra e crimes de paixão – eram umas das queixas criminais mais comuns levadas à polícia nessa época. Essa era uma grande preocupação de mulheres escritoras de classe média, que denunciavam em revistas femininas uma verdadeira epidemia de violência, mas também de diversos profissionais liberais como juristas, higienistas e médicos. O que estava em pauta não era apenas a segurança dessas vítimas, mas a necessidade de remodelar as práticas sexuais e familiares de acordo com padrões modernos de higiene, visando transformar a sociedade brasileira em moderna, próspera e burguesa.¹²⁰

Sob muitos aspectos, as mudanças e debates em torno das relações entre homens e mulheres, mais especificamente as relações conjugais, estão diretamente ligados às questões levantadas nos contos de Neves. O capítulo seguinte deverá explorar essa questão mais detidamente; por ora, gostaria apenas de apontar a direção a que eles nos levam. Em “O julgamento do capitão Holmes”, o escritor narra história de um capitão de navio que chocou a opinião pública ao incinerar a própria esposa. Após contar sua história “trágica” sobre como sua mulher, que conhecera em uma ilha isolada da Oceania, se corrompeu na cidade e acabou o traindo, o capitão é absolvido por unanimidade. Outra esposa infiel incinerada é a de “Uma tragédia futurista (scenas do século XXI)”, conto

¹²⁰ CAULFIELD, 2000, p. 38. Caulfield realiza um estudo detalhado sobre os chamados crimes sexuais e sua relação com os conceitos de honra feminina e modernidade. Ver também: BESSE, Susan. Crimes of passion: the campaign against wife killing in Brazil -1910-1940. In: *Journal of Social History* 22:4 (verão de 1989); ARAÚJO, 1993, p.110; 135-138.

que apesar do título tem um caráter cômico que reside no destino absurdo que o marido dá à mulher: após descobrir por meios científicos que ela o traía, providencia que seja incinerada e transforma suas cinzas na pasta de dentes que utilizará na manhã seguinte, “tranquilo e risonho”.¹²¹ Observo aqui o caráter ambíguo das várias formas de modernidade: em um conto, o cenário urbano é o que causa a degeneração da mulher, em outro, a tecnologia avançada permite que seja desmascarada e receba uma punição higiênica e econômica. Em ambos os casos, porém, a mulher está em questão.

Em seus enredos, as mulheres não apenas provocam como merecem os crimes passionais dos quais são vítimas, por motivos diretamente relacionados a seu comportamento desviante em relação a uma norma desejável a seus papéis de gênero – a ponto de imaginar futuros em que o mundo se viu livre de crimes passionais, graças ao fato de que o comportamento da mulher deixou de ser problemático. O recurso cômico, aqui, reside justamente na cumplicidade com esse discurso e na relativização da culpa dos algozes. Diante da notícia de um operário austríaco que cortou a mulher em 280 pedaços, ele procede a especular sobre as melhores receitas para comer os diferentes tipos de mulheres, concluindo que “de agora por diante, quando formos infelizes com a nossa mulher, restar-nos-á o consolo de poder comer a nossa própria desgraça, e lamber os beijos – de pura alegria...”¹²²

Ao invés de afirmar ingenuamente que Neves defendia a violência contra mulheres, proponho um olhar crítico sobre os modos por meio do quais tais discursos constroem noções de feminino e masculino e seus lugares na sociedade, inevitavelmente relacionada a relações de poder. A dimensão relacional desse processo fica evidente quando notamos que a definição da mulher como submissa implicava também em uma contrapartida masculinidade – e, em mais de um conto, essa masculinidade é definida pela capacidade de fazer medo à mulher.¹²³ Na mesma chave é possível compreender os argumentos constantes de que a conquista de direitos das mulheres se daria por usurpação ou apropriação indevida dos direitos dos homens, implicando na sua perda de direitos ou de masculinidade, como abordarei posteriormente.

¹²¹ NEVES, Berilo. O julgamento do capitão Holmes. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1933, p. 15; NEVES, Berilo. Uma tragédia futurista (scenas do século XXI). In: NEVES, 1932, p. 157. A absolvição dos assassinos de esposas por júri popular foi de fato motivo de preocupação e indignação por parte dos envolvidos nas campanhas contra os crimes passionais, conforme CAULFIELD, 2000, p.174.

¹²² NEVES, Berilo. Gymnophagia. *A Noite*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1932. p 2. Ver também NEVES, Berilo. Uma manhã no ano 2.000. In: NEVES, 1934, p. 49.

¹²³ A exemplo de “O homem que fabricava raios” e “O ex-homem”, ambos em *Século XXI* (1934).

O que está em jogo não são somente as representações de mulheres em uma sociedade que vive uma transformação nas relações entre os gêneros. Seria mais adequado dizer que lidarei com manifestações de reações e ansiedades de homens diante dessas mesmas transformações, mais especificamente de um homem e um corpo de textos, mas em constante diálogo com o debate público. Afinal, as contradições e ambiguidades presentes em seus escritos dizem respeito à complexidade das próprias transformações que estavam em curso, e dos múltiplos posicionamentos e compreensões que seus atores tiveram ao longo do tempo. É possível que tal capacidade de mobilizar questões complexas e atuais a seu tempo seja um dos motivos de sua grande repercussão. As diversas formas com que sua obra repercutiu, com seus sucessos e polêmicas, apenas reforçam sua relevância como fonte de investigação.

2.2 Gênero e ciência em discursos sobre mulheres

O tema da mulher permeia toda a obra de Berilo Neves, mas o interesse desta dissertação reside principalmente na sua ficção científica. Nesse sentido, antes de entrar mais detidamente na análise de alguns desses textos, cabe aqui uma reflexão sobre os modos com que uma concepção de ciência expressa nessa ficção fundamentou seus discursos sobre a mulher. Imagens da ciência que carregam representações de gênero e sobre mulheres abundam na ficção científica e já deram origem a numerosos estudos sobre o assunto.¹²⁴ Para investigar o modo com que essas imagens articulam discursos aparentemente não relacionados, os científicos e os de gênero, faz-se pertinente atentar para as relações históricas entre os mesmos.

¹²⁴ ALLAN, Kathryn. *Bleeding chrome: Technology and the vulnerable body in feminist post-cyberpunk science fiction*. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – McMaster University, Ontario; BREDER, Debora. Entre o “indizível horror da procriação” e a “sexualidade andróide”: notas sobre *The Brood* e *Crash*, de David Cronenberg. *Devires*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 112-129, jul-dez 2009; ROCQUE, L.; TEIXEIRA, L. A. ‘Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura’. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VIII(1), 10-34, mar.-jun. 2001; entre outros. Sobre escritoras de ficção científica feminista a partir da década de 1970, ver também ROBERTS, Adam. SF and gender. In: ROBERTS, 2006, p. 71; MANN, George. Gender. In: MANN, 2001, p. 484. Destaco ainda o ensaio referencial de epistemologia feminista Donna Haraway, baseado na imagem do ciborgue: HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (org). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Nesse sentido, gostaria de me deter em certos modos por meio dos quais a ciência moderna definiu e lidou com questões de gênero, mais especificamente com a mulher e o feminino, mas também com a masculinidade construída em contrapartida. Esse esforço faz-se ainda mais pertinente considerando-se que a ciência não apenas representava, no contexto de Neves, um valor de modernidade com papel chave nas transformações daquele contexto, como também foi mobilizada exaustivamente nos debates sobre o lugar da mulher na sociedade.

As representações de mulheres referidas na seção anterior eram quase sempre justificadas com base em uma natureza feminina, de modo preponderantemente biológico. Aos diversos discursos normativos que designavam o lugar da mulher na sociedade, acrescentava-se uma fala científica que lhes fornecia legitimação e suporte teórico. De acordo com a definição biológica dos papéis, os homens seriam dotados de energia física e intelectual para atuar nas esferas públicas, enquanto as mulheres possuiriam as qualidades emocionais adequadas para lidar com a vida doméstica.¹²⁵

Mas não se tratava apenas da adequação e conveniência da atuação de mulheres na vida pública, como também da sua própria capacidade. Segundo Rachel Soihet, o saber médico:

destacava a sua fragilidade física, de onde decorriam sua delicadeza e debilidade moral. Por injunções da natureza, era considerada como inferior ao homem, inferioridade que se manifestava pelo predomínio das ‘faculdades afetivas’, tornando-a mais ‘sentimental’ que ‘filósofa’.¹²⁶

Ostos aponta que, em 1929, a ideia de que o cérebro das mulheres não as tornava menos aptas que os homens não era óbvia perante a comunidade científica. A tese “A teoria da superioridade cerebral do homem perante a antropologia moderna”, defendida nesse ano por uma mulher na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, teve como objetivo contestar tal noção. Ainda assim, em 1937 – e durante muito tempo depois – era plausível defender que “O plano da Verdade – seja científica, seja filosófica – é território masculino”.¹²⁷

¹²⁵ RAGO, 1985, p. 74-75; BESSE, 1999, p. 67. Ver também: ROHDEN, Fabíola. A obsessão da medicina com a questão da diferença entre os sexos. In: PISCITELI, et al (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

¹²⁶ SOIHET, 1989, p. 113-118.

¹²⁷ LIMA, Alceu Amoroso. O homem e a mulher (Ensaio de Caracterologia). *A Ordem*, Rio de Janeiro, nov. 1937; OSTOS, 2009, p. 78.

Essa afirmação atenta para o fato de que não apenas a ciência foi mobilizada como discurso definidor da categoria “mulher”, mas também ela própria se constituiu historicamente como campo do conhecimento em oposição a um ideal de feminilidade, e fora do acesso de mulheres. O paradigma da ciência baseada na racionalidade que se opunha ao feminino/sensível, mobilizado na primeira metade do século XX brasileiro para reforçar a divisão tradicional de papéis, estava ligado também ao processo histórico de consolidação da ciência moderna ocidental. Como aponta Ilana Löwy, uma das várias formas pelas quais gênero e ciência podem se relacionar é por meio da investigação do papel de concepções de gênero na construção do saber científico. Historiadores como Evelyn Fox Keller, Londa Shienbinger, Ian Golinski e Eulalia Pérez Sedeño, entre outros, se dedicaram a esse empreendimento.¹²⁸

Interessada no quanto da ciência é ligado a uma ideia de masculinidade, Keller investiga em *Reflections on gender and science* como o fazer (*making*) de homens e mulheres afetou o fazer da própria ciência. A autora parte da premissa de que as influências políticas e sociais afetam não apenas os usos e focos da ciência, mas também a sua descrição da natureza e seus próprios resultados. O trabalho desses e outros estudos sobre gênero e ciência tratam de questionar, para além da escassez de mulheres no mundo científico, a neutralidade de gênero dos próprios critérios que definem o que é científico.

Nesse sentido, Keller pretende identificar o papel das ideologias de gênero na mediação entre ciência e outras esferas da sociedade – para isso, retoma os debates em torno do processo de institucionalização da ciência moderna ocidental. A historiadora argumenta que a fundação da ciência moderna acompanhou um processo histórico de divisão emocional e intelectual do trabalho, no qual as mulheres foram colocadas como guardiãs do emocional e particular, enquanto a ciência, domínio do impessoal, racional e geral, foi reservada aos homens. Rachel Soihet também aponta que, de acordo com a maioria dos filósofos iluministas, as mulheres se constituiriam como seres da paixão e

¹²⁸ LÖWY, 1999; KELLER, Evelyn Fox. *Reflections on gender and science*. New Haven: Yale University Press, 1985; SHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001; GOLINSKI, Ian. The care of the self and the masculine birth of science. *History of Science*, Cambridge, p. 125-145, 2002; SEDEÑO, Eulalia Pérez. Institucionalización de la ciencia, valores epistémicos y contextuales: un caso ejemplar. *Cadernos Pagu* (15) 2000: pp.77-102; TOSI, Lucía. Mulher e ciência: a Revolução Científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. *Cadernos Pagu* (10) 1998: pp.369-397; Sobre o impacto de concepções de gênero na ciência da contemporaneidade e a crítica epistemológica feminista a ciência, ver também: KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.13-34; LÖWY, Ilana. Universalidade da ciência e “conhecimentos situados”. *Cadernos Pagu* (15) 2000: pp.15-38; HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5) 1995: pp. 07-41.

imaginação, mas não do campo do conceito. No século XIX, tais pressupostos aprofundam-se e ganham força, consolidados cada vez mais pelo respaldo científico e configurando o que a autora chama de dominação pelo saber, uma forma de violência simbólica. Ian Golinski, por sua vez, observa que “À medida que as ciências naturais se difundiram, uma de suas funções era a de fornecer explicações sobre por que as mulheres eram particularmente inadequadas para participar das mesmas.”¹²⁹

Seguindo uma argumentação semelhante, Londa Shienbinger demonstra que a cultura da ciência, inicialmente aberta às mulheres, foi-se gradualmente fechando na medida em que elas eram excluídas do ideal de igualdade iluminista. Nos séculos XVII e XVIII, a organização menos rígida das práticas científicas lhes permitia um acesso a mesmas, ainda que quase sempre mediado por homens. Por meio dos recursos da aristocracia ou do sistema de guildas de produção artesanal familiar, muitas mulheres estavam formadas e preparadas para integrar círculos científicos. Portanto, não estava claro nesse período que deveriam ser excluídas da ciência, um empreendimento que passou a ser consolidado com o surgimento de novas instituições e normas.

O surgimento das academias europeias foi um marco da emergência da ciência moderna e também desse processo, uma vez que essas sociedades científicas eram fechadas às mulheres. Além disso, as novas instituições foram estruturadas sobre a suposição de que os cientistas seriam homens com esposas em casa para cuidar de suas necessidades mundanas. Ao longo de um processo concomitante profissionalização da ciência e privatização das atividades domésticas, consolidou-se também a ciência como domínio público, masculino e a feminilidade como seu *ethos* antitético.¹³⁰

A exclusão legal das mulheres foi escorada por um código de comportamentos e atividades que cultivava ideais opostos de ciência e feminilidade. Já nos séculos XVII e XVIII emergiu o ideal da mulher privada, doméstica, em contraste ao homem público e racional. Conformava essa imagem a teoria da complementaridade sexual, que postulava que as mulheres não eram simplesmente inferiores aos homens, mas incomparáveis e com um papel específico – o de mães e nutridoras, no espaço privado, excluída do público. É

¹²⁹ GOLINSKI, 2002, p. 126. Tradução minha. Ver também: KELLER, 1985, p. 3-13; p. 43-44; SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. *Estudos Feministas*, v. 5, n. 1/97, 1997, p. 7-29, p. 9-10;

¹³⁰ SHIENBINGER, 2001, p. 51-74 ; LOPES, Maria Margaret. “Aventureiras” na ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. *Cadernos Pagu* (10) 1998: pp. 345-368, p. 349.

de Hegel a elaboração que determina que, se no Estado tudo se origina em abstração, no lar as necessidades físicas do coração e do espírito obedecem à lei da mulher, baseada na subjetividade e no sentimento. Uma imagem que harmoniza muito bem àquela iluminista da mulher branca, europeia e de classe média que faz o papel de “Anjo do Lar”.¹³¹

Sem dúvida, não se tratou de um processo sem conflitos. Os debates intelectuais que precederam a fundação da Royal Society na Inglaterra, investigados por Keller, demonstram um confronto entre duas correntes que traziam diferentes concepções do conhecimento, mediadas por metáforas conflitantes do feminino e do sexual. Competiam pela fundação de uma nova ciência a tradição hermética dos alquimistas e a tradição mecânica. A última, que encontraria lugar na Royal Society, incorporou a imagem de Bacon que ligava inevitavelmente o conhecimento ao poder, identificando os objetivos da ciência como sendo o controle e dominação da natureza. A metáfora preferida pelo filósofo inglês era a do casamento, em que a noiva/natureza é desposada, subjugada e conquistada pelo cientista/mente. Para a autora, Bacon proporcionou a linguagem a partir da qual cientistas das gerações posteriores extraíram uma metáfora mais consistente da dominação sexual legal para as suas concepções do conhecimento.¹³²

A alquimia de Paracelso, por sua vez, estava fundada não tanto – ou não somente – na mente quanto no coração: “‘one discovers the curative virtues of remedies’ by ‘true love’”. Uma concepção fundada muito mais na colaboração e, por vezes, erotismo, que os cientistas da Royal Society rejeitariam com veemência, separando radicalmente os domínios da verdade do da paixão, este por sua vez indissociável da mulher desde Eva. Os alquimistas, por sua vez, embora longe de poderem ser considerados anacronicamente feministas, faziam uma imagem muito mais positiva do feminino, em que o poder de procriação da mulher era reverenciável e a ligava a Deus da mesma forma que o homem.¹³³

Não por acaso, os homens proponentes da ciência racional se engajaram em confronto com os alquimistas acusando-os de envolvimento com bruxaria. Embora o combate à bruxaria pareça incoerente partindo dos defensores da racionalidade, Keller aponta que suas concepções faziam sentido nas ansiedades, aspirações e contexto

¹³¹ SHIENBINGER, 2001, p. 141-145. KELLER, 1985, p. 61-64.

¹³² KELLER, Evelyn Fox. Baconian science: the arts of mastery and obedience. In: KELLER, 1985, p. 33-42. Ver também: GOLINSKI, 2002, p. 1-2.

¹³³ KELLER, 1985, p. 52-53.

daqueles homens. A figura da bruxa, na cosmologia do XVII, representava o convite de Satã nascido da sexualidade descontrolada e sua evocação nessa discussão não é sem propósito. Os alquimistas eram uma ameaça não apenas por sua divergência em outras questões religiosas e políticas, mas por sua ciência embasada em um imaginário sexual e na igualdade da mulher perante a Deus. A sua não era uma ciência masculina, mas apaixonada e herética. O que os cientistas da tradição mecânica desejavam era o banimento das mulheres, da sexualidade e das investigações não sóbrias dos alquimistas da ciência. Dessa forma, sua nova visão mecânica garantia um domínio seguro para masculinidade, excluindo a cooperação com o feminino mesmo que alegoricamente. Fundavam assim um empreendimento casto e masculino de dominação da natureza.¹³⁴

Todo esse processo acompanhou aquele, já mencionado, de encerramento da mulher no âmbito privado. No século XIX, não apenas os meios de acesso formal e informal à ciência estavam fora de alcance para a maioria das mulheres, mas também estava consolidada uma nova condição de feminilidade. A mulher de luxúria insaciável temida na figura da bruxa havia sido substituída pelo anjo do lar, dessexualizado, dependente e inofensivo. Keller aponta ainda que a polarização entre masculino e feminino em curso acompanhou àquela entre trabalho e lar, em um contexto de surgimento do capitalismo industrial. É por isso que, para a autora, a ideologia de gênero foi um mediador crucial entre o nascimento da ciência moderna e as transformações políticas e econômicas que o envolveram. Ainda que não tenha iniciado ou causado tal polarização, a revolução científica respondeu a ela:

Em simpatia com, e até mesmo em resposta a divisão crescente entre masculino e feminino, público e privado, trabalho e lar, a ciência moderna optou por uma polarização ainda maior entre mente e natureza, razão e sentimento, objetivo e subjetivo; em paralelo à gradual dessexualização das mulheres, ofereceu uma concepção inanimada, dessantificada e cada vez mais mecanizada da natureza.¹³⁵

Golinski, por sua vez, enfoca a construção de uma identidade masculina implicada nesse processo. Retomando a leitura de Keller da metáfora do saber de Bacon, o autor entende que a busca da verdade passava, para esses homens, pela disciplinarização de um *self* masculino e pelo controle das paixões e influências corporais

¹³⁴ KELLER, Evelyn Fox. Spirit and Reason at the Birth of Modern Science. In: KELLER, 1985, p. 43-65. Tradução minha.

¹³⁵ KELLER, 1985, p. 63-64. Sobre a consolidação desse modelo normativo de mulher associado a domesticidade no Brasil, ver: RAGO, 1985, p. 61-73.

sobre a mente.¹³⁶ Voltando-nos novamente para a teoria da complementaridade sexual, podemos perceber o aspecto relacional das definições de masculino e feminino, bem como a existência de interesses e processos muito mais abrangentes em jogo:

Ao definir por que as mulheres não deveriam fazer ciência, os complementaristas não estavam definindo tanto as mulheres como o que era não-científico. As mulheres – como representantes da vida privada – eram repositórios para tudo o que não era científico: numa era científica as mulheres deviam ser religiosas; numa era secular elas deviam ser as guardiãs da moral; numa sociedade contratual elas deviam fornecer os laços do amor. Os complementaristas concebiam a feminilidade como um contrapeso necessário à masculinidade.¹³⁷

A definição do lugar da mulher, nesse sentido, aparece como uma peça em um complexo processo de transformações econômicas, políticas e culturais. Keller ainda lembra que, embora outros campos intelectuais também sejam marcados pela ausência de mulheres, nem sempre se fundamentam em um ideal masculino.¹³⁸ A ideia de que a atividade intelectual séria é ou deve ser masculina, presente nos escritos de Francis Bacon, Kant e até mesmo a feminista Mary Wollstonecraft, também estava em questão nas primeiras décadas do século XX brasileiro e foi reelaborada por Berilo Neves e seus contemporâneos.

Caulfield demonstra o impacto desse pensamento ao analisar as discussões sobre a validade ou não do júri popular, do qual mulheres só passaram a fazer parte em 1932 – como minoria e apenas depois de acirrados debates. Argumentos semelhantes aos que eram usados para combater a participação de mulheres nos júris foram mobilizados para desacreditar a sua instituição como um todo, por parte de criminalistas positivistas apoiados no determinismo científico. Esses homens consideravam as massas incapazes de exercer o papel de júri, valendo-se de justificativas que as descreviam com características atribuídas também às mulheres e à feminilidade – emotivas, influenciáveis e corrompíveis, ou até mesmo dotadas de “primitivismo verdadeiramente feminino”. Tais intelectuais, por sua vez, se apresentavam como homens racionais, validados pelo conhecimento científico e responsáveis pela ordem social, o que justificaria a sua tutela das massas e das mulheres.¹³⁹

¹³⁶ GOLINSKI, 2002, p. 3.

¹³⁷ SHIENBINGER, 2001, p. 144.

¹³⁸ KELLER, 1985, p. 76.

¹³⁹ CAULFIELD, 2000, p. 174-179.

É importante ressaltar que atentar para os processos históricos de segregação da mulher e do feminino do domínio da ciência e da razão não implica em invisibilizar as várias formas por meio das quais mulheres se relacionaram com a ciência, contrariando normas e expectativas sociais. Concentrando-me apenas no período aproximado dos escritos de Neves, gostaria de lembrar a observação de Nara Azevedo e Luiz Otávio Ferreira:

em um curto período de tempo, do início da República à década de 40, [o perfil educacional da população feminina] evoluiu do analfabetismo para a formação em nível superior, direcionando-se, em número cada vez maior, para as profissões científicas, que, sabemos, constituíam um monopólio masculino.¹⁴⁰

Os autores argumentam que as novas possibilidades de escolarização de mulheres surgidas nesse período, ainda que limitadas e quase sempre vinculadas a uma formação para a domesticidade e maternidade, proporcionaram de fato mudanças nas relações de gênero na sociedade e a emergência de um papel público para as mulheres. Moema Vergara também observou que, mesmo no Brasil do século XIX, mulheres pertencentes a segmentos urbanos foram público alvo de revistas científicas, e existia também a expectativa de formação de uma “mulher ilustrada”, responsável tanto pela saúde quanto pela educação dos filhos. Lopes, Souza e Sombrio notam ainda que a ausência de mulheres na história da ciência é também uma construção historiográfica com a qual se deve tomar cuidado.¹⁴¹

A trajetória de Bertha Lutz é significativa nesse sentido, pois articula atuação feminista e científica de modo indissociável. Sua militância feminista e prestígio político internacional lhe conferiram notoriedade e visibilidade que impulsionaram também sua carreira profissional. Da mesma forma, sua posição de cientista conferia autoridade a muitas de suas teses políticas. Como observa Lopes:

¹⁴⁰ AZEVEDO; FERREIRA, 2006, p. 217. Os autores contrapõem, aqui, a interpretação de que tais transformações não teriam provocado mudanças efetivas nas relações de gênero, conforme expressado por BESSE, 1999.

¹⁴¹ VERGARA, Moema de Rezende. As imagens femininas n’O Vulgarizador: público de ciência e mulheres no século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.191-208, jun. 2008, p. 206; LOPES, M; SOUZA, L; SOMBRIO, M., 2004, p. 98. Sobre inserção de mulheres em meios científicos no Brasil em fins do XIX e início do XX, ver também: RAGO, Elisabeth Juliska. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. *Cadernos Pagu* (15) 2000: pp.199-225; VIEIRA, Maria Aparecida de Lima. *Mulheres na medicina: construindo espaços na São Paulo do século XX*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade São Francisco, Itatiba; LOPES, 2008; LOPES, 1998.

Bertha Lutz e suas colegas das primeiras gerações de pesquisadoras nas instituições científicas do país não parecem ter necessitado de estratégias de ocultamento para conquistar sua própria autoridade científica não dissociada da sua visibilidade política. Chegaram, mesmo, a se apoiar nela, diferentemente do que parece ter sido a estratégia de sobrevivência da geração de mulheres norte-americanas na época, que repudiaram o gênero como um referente para a produtividade científica.¹⁴²

Mesmo assim, cabe lembrar que o faziam fora de seu espaço considerado natural: “como cientistas eram atípicas, e como mulheres não eram cientistas comuns, eram estranhas.” De acordo com Lopes, “as mulheres de ciências compartilham todas e mais algumas das contradições, dubiedades e conflitos que caracterizam as práticas científicas.”¹⁴³ Tenham elas adotado ou não os papéis de mães e esposas, trabalhado ao lado de maridos e pais – que por vezes recebiam todos os créditos – ou se identificado com as marcas de masculinidade atribuídas a ciência, enfrentaram sempre oposições, fossem elas culturais e/ou institucionais.

Elisabeth Rago, em artigo sobre as primeiras médicas brasileiras no século XIX, refere-se a “As Doutoradas”, peça teatral escrita por Joaquim José de França Junior em 1889. Encenada no Rio de Janeiro por vários meses, a peça foi expressão de uma forte oposição ao ingresso de mulheres na profissão médica, por meio da sua ridicularização. A autora menciona ainda casos semelhantes em outros países, como as zombarias que dificultavam os estudos de Cecília Guierson, futura primeira médica argentina, e o caso das estudantes de medicina norte-americanas que eram vaiadas e recebiam atiravam pontas de cigarro e bolinhas de papel no rosto de outros estudantes.¹⁴⁴ Nas décadas de 1920 e 1930, quando Neves estava escrevendo seus contos de FC, muito mais mulheres haviam alcançado a carreira da medicina, mas estratégias de ridicularização daquelas que desviassem de seu papel tradicional continuavam presentes nos discursos, como vimos na seção anterior.

Retomando os escritos de Neves, observo que é frequente a figura da mulher que contrapõe o cientista, sendo incapaz de compreender ou mesmo conviver com as novidades científicas. “O succo do ‘yagé’” narra um diálogo entre um cientista e sua esposa, a respeito da descoberta científica que ele realizara de uma substância capaz de provocar o fenômeno da telepatia:

¹⁴² LOPES, 2008, p. 89. Sobre Bertha Lutz, ver nota 108.

¹⁴³ Respectivamente: LOPES, 2008, p. 90; LOPES, 1998, p. 367.

¹⁴⁴ RAGO, 2000, p. 216-218. Ver também: HAHNER, 1981, p.74.

Paula ouvia o marido, escassamente atenta. Aquelas palavras difíceis passavam pelo seu espírito como o leve contato da asa de uma andorinha na superfície de um sino de bronze. O seu pensamento àquela hora, enrodilhava-se, maravilhado, às dobras suntuosas de um vestido modelo que vira, à tarde, na *vitrine* de uma casa de modas da Avenida. Forcejou por aparentar um interesse a que a sua inteligência, desnutrida de conhecimentos científicos, se mostrava naturalmente rebelde.

[...]

Quando a última palavra de seu marido rolou no espaço, ela levantou-se de um salto e, chegando-se a ele, sentou-se no seu regaço, tomando-lhe a cabeça entre as mãos. Beijou-o longamente, na boca e, arrebatando-lhe o frasco de líquido esverdeado, atirou-o, com violência, ao solo. O vidro partiu-se em mil fragmentos pequeninos. O líquido rapidamente se espalhou pelo chão.

- Deixa-te de experiências de feitiçaria, meu amor! A ciência mente mais que as mulheres. É pela boca que o pensamento se transmite. O *suco do yagé* não vale a telepatia de um beijo...

E beijou-o, de novo, comprimindo na boca do medico a polpa carnuda dos seus lábios vermelhos.¹⁴⁵

É curioso que Paula inverta o discurso tradicional ao acusar a ciência de feitiçaria, mas no contexto de Neves, esse comentário mais possivelmente pretende indicar a ignorância da própria moça, assim como a da empregada negra em “As últimas cinzas dos Liebman”. O principal ponto que desejo levantar é que, em seus escritos, a mulher continua antagonizando o conhecimento científico, dotada de uma mente “naturalmente rebelde” ao mesmo. Em outro texto, Neves não deixa dúvidas de que se fundamentava em um corte de gênero, afirmando que “Entre as mulheres, a curiosidade apenas dá para fazer mexericos: entre homens de gênio, como Colombo, revela faces novas do Universo.”¹⁴⁶

Em ainda vários outros de seus contos, a mulher é responsável pela destruição do conhecimento científico ou, em alguns casos, do próprio cientista, seja por ignorância, interesse ou revolta. A reação se repete em diversos de seus contos, em que mulheres “desgrenhadas, rotas, suarentas, como se estivessem loucas”,¹⁴⁷ por vezes reunidas em multidões, destroem as conquistas científicas. Em alguns casos, o próprio cientista, o que

¹⁴⁵ NEVES, 1932, p. 41-43.

¹⁴⁶ NEVES, Berilo. Curiosidade. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1932, p. 2. O desinteresse pela ciência em favor da futilidade repete-se em outros contos de FC, como NEVES, Berilo. Um romance interplanetário. In: NEVES, 1934, p. 7.

¹⁴⁷ NEVES, Berilo. O sr. Carlos Autogenico. In: NEVES, 1932, p. 127. Ver também os contos “Amor, um caso clínico”, “O psychographo”, “O sr. Carlos Autogenico” e “As ultimas cinzas dos Liebman”, em *A Costela de Adão*.

com frequência é levado a cabo pelas esposas. Não é arriscado pensar que a sátira de Neves possa expressar um medo de que a mulher seja novamente – se é que deixou de ser – a ameaça leviana, profana e erótica que os tributários de Bacon combateram, pronta a por tudo em terra, com apenas um beijo.

Os contos de Berilo Neves, enquanto se apropriam e reelaboram a conjunção histórica entre ciência e masculinidade e a disjunção entre ciência e feminilidade, parecem ter uma consciência e até mesmo intencionalidade maior em definir não apenas a ciência, mas a mulher – e as implicações de tal empreendimento naquele contexto já foram mencionadas. Seus escritos permitem observar o entrecruzamento de discursos e questões em um contexto de grandes transformações sociais. Nesse sentido, a opção do autor por escrever ficção científica é relevante.

Em sua ficção, as metáforas e linguagem científica são as principais responsáveis na construção de suas sátiras das mulheres e da sociedade de modo geral. O próximo capítulo será dedicado à análise de algumas dessas imagens da FC de Neves. Elas congregam ambos os aspectos de sua experiência em uma sociedade em transformação: os projetos de modernização científica e as mudanças nas relações entre gêneros. Estes temas chave são expressivos das contraditoriedades e tensões que permearam os debates e reações a tais transformações, e sua investigação dará continuidade às reflexões elaboradas até aqui.

3 AMOR E REPRODUÇÃO: A FICÇÃO CIENTÍFICA E A UTILIDADE DAS MULHERES

Ainda crês em amores românticos na era da gasolina e do cimento armado?

(Berilo Neves)

Hoje, não é preciso lembrar que os processos de fecundação artificial dos óvulos sintéticos tornaram perfeitamente inútil a mulher como procriadora de homens.

Elas são pessoas semelhantes a nós outros.

(Berilo Neves)

3.1 O amor-doença

Tratando-se de um autor constantemente interessado em escrever sobre mulheres e, principalmente, sobre seu comportamento e em relação aos homens e seus papéis de namoradas e esposas, não é de se surpreender que Neves tivesse o amor como um de seus temas privilegiados. O assunto também foi muito recorrente em seus contos de FC, mas abordado de modo peculiar. Nessas histórias, um dos seus dispositivos ficcionais preferidos foi a figura do amor-doença, quer dizer, do sentimento racionalizado como literalmente uma patologia. Mobilizando os mais diversos conhecimentos científicos disponíveis em sua época, o autor escreve sobre o amor ora como uma infecção por bacilos, ora como desequilíbrio glandular, e ainda como alteração genética, passível – e até mesmo desejável – de ser curado pelos cientistas. Essa curiosa associação, por mais absurda que pareça, está intimamente ligada aos debates de sua época e parece articular tensões, ansiedades e contradições presentes nos mesmos, como elaborarei a seguir.

Os exemplos de enredos baseados nessa ideia são abundantes. No futuro retratado em “O amor no século XXI”, vive-se uma vida perfeitamente higiênica, isto é, livre de micróbios, limpa, ritmada e caracterizada pela sensação de bem-estar. Nesse conto, o amor figura entre a bebida, a ociosidade e “outros vícios contra a saúde”

indesejáveis e erradicados da sociedade. Já em “O Sr. Carlos Autogenico”, Neves fala da produção industrial de um homem-mecânico capaz de inúmeras proezas, com a vantagem de estar isento de necessidades e complicações como o cigarro, a bebida, a mentira e o amor. Seu inventor acrescenta, ainda, que “No dia em que todos os homens saírem das oficinas da Woman Electric Company terão desaparecido, do mundo, a dor, o crime, o suicídio, a desgraça, enfim.” “Uma carta de amor do século XX” se passa no ano de 2501, quando a correspondência mencionada no título se torna motivo de riso dos homens do futuro e vai parar em um “Museu Retrospectivo de Patologia Sentimental”, como matéria de estudos em patologia psíquica. Em “Uma manhã no ano 2.000”, apesar de parte da vida dos cidadãos futuristas, o amor também é considerado um “acidente patológico” curável e sem maiores consequências.¹⁴⁸

Nesses contos, o amor aparece como uma alteração orgânica mistificada pelo romantismo, prejudicial à saúde e à moral – dois aspectos intimamente ligados na modernidade futurista vislumbrada por Neves, mas também por seus contemporâneos, como pude explorar no primeiro capítulo dessa dissertação.¹⁴⁹ Muitos deles se passam nos cenários futuristas já descritos em que a ciência, em especial a higiene, predomina em quase todos os aspectos da vida do cidadão. A cura do amor não era seu único empreendimento: transportes e comunicações incrivelmente eficientes, ausência de doenças e do envelhecimento e o fim dos crimes passionais são algumas das conquistas alcançadas nesses cenários. Nos enredos de Neves, a modernização científica e o combate ao amor doença estavam relacionados. Antes de tentar esclarecer tal relação, porém, gostaria de ressaltar o significado e a potencialidade que esses enredos fantásticos podem ter tido no contexto dos debates da época sobre o amor, para só então chegar ao papel da ciência em seus contos.

O enredo de “Amor, um caso clínico” ajudará a introduzir essa discussão. Habita uma versão futurista e modernizada do Rio de Janeiro o renomado sábio Lucius Steiner, que havia conseguido provar – via experimentos em laboratório *in anima nobilis* – que as manifestações do afeto não passavam de perturbações no equilíbrio das funções glandulares, exclusivas aos seres humanos e prejudiciais à saúde. Conhecido no “mundo

¹⁴⁸ NEVES, Berilo. O amor no século XXI. In: NEVES, 1932, p. 93-94; NEVES, Berilo. O Sr. Carlos Autogenico. In: NEVES, 1932, p. 126; NEVES, Berilo. Uma carta de amor do século XX. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 5 nov. 1927, p. 1. Também publicada em NEVES, 1932, p. 179; NEVES, 1934, p. 49.

¹⁴⁹ Caulfield faz uma análise sobre como as noções de moralidade e saúde pública estavam articuladas nas reformas urbanas do Rio de Janeiro durante a segunda metade do XIX em CAULFIELD, 2000.

civilizado” como “vencedor do Sentimento”, era capaz de curá-los e assim o fez. Todos os *homens* atacados de paixão foram recolhidos aos hospitais, de onde saíam leves e felizes, pois, de acordo com Steiner, “O amor, a paixão, a saudade, a tristeza, seriam enfermidades vulgares como a tabes ou o diabete” e “*o homem normal deve ser alegre e isento de preocupações afetivas*”.¹⁵⁰ A ambiguidade do termo “homem” como “ser masculino” e “ser humano” pode não ser proposital, mas não é gratuita. Embora o texto evidencie que a Humanidade fosse grata ao sábio, a única vez em que mulheres são mencionadas, a não ser como inspiradoras de paixões, é por causa de sua reação irracional no fim do conto, quando um criado lhe avisa: “Pois não sabe, ‘seu doutor’ [...] que as mulheres da cidade moeram, ontem, de pancadas, um doutor que fazia campanha contra elas?”¹⁵¹

Colocando momentaneamente de lado a ficção científica como linguagem, gostaria de notar que, por mais exagerados, fantasiosos e irônicos que fossem tais enredos, não eram isolados. Acompanhavam e reelaboravam representações correntes em sua época das relações amorosas e/ou o casamento como desvantajosos, principalmente para os homens. Não só na FC, como também nas colunas humorísticas de Neves nos jornais, abundavam pílulas humorísticas como o já mencionado apelo para que viúvos não se casassem novamente. Em uma crônica sobre a adoção de um imposto aos solteiros na Itália, Neves analisa a decisão dos rapazes de não se casarem por meio da mesma figura do amor doença:

Esses milhões de liras representam alguns milhões de moços refratários à terrível doença do amor. Da mesma forma por que pagam ao médico para que os livre do tifo, do impudismo, de outras calamidades de ordem física, os moços de Itália pagam ao governo o direito – suave e delicioso direito! – de não terem mulher.¹⁵²

Mais tarde no mesmo artigo, o autor não deixa de fazer a ressalva de que esse amor, no consultório dos médicos, sob regulamentação dos governos e na pena dos humoristas – enfim, falido – é uma questão da sua atualidade, em contraste com os tempos passados. Em artigo não humorístico para a edição comemorativa da revista *Fon-Fon* intitulado “O amor antigo”, Neves lamenta que o amor moderno não comporte os ideais de romantismo, recato, família e fidelidade do passado. Com um argumento que

¹⁵⁰ NEVES, 1932, p. 60. Grifo original.

¹⁵¹ NEVES, 1932, p. 62.

¹⁵² NEVES, Berilo. Casar é bom... . *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1928, p. 18.

faz lembrar a iconografia de seus livros mencionada anteriormente, o autor associa explicitamente esse quadro com ícones da modernidade urbana: “A humanidade se refugiou nas aglomerações urbanas, onde tudo é artificial – desde o solo que se pisa à mulher que se beija...”. E, em uma crônica sua publicada em *O Paiz*, um rapaz abandonado pela namorada rica ouve do colega: “Ainda crês em amores românticos na era da gasolina e do cimento armado?”¹⁵³

A associação não é fortuita. Não há dúvida que as transformações, incluindo as tecnológicas, mudaram o modo com que homens e mulheres se relacionavam. O cinema, o telefone e o automóvel possibilitaram intimidades e privacidades antes inimagináveis, entre diversas novas práticas. Demonstrando o impacto de tal percepção não apenas no debate público, como também nos meios jurídicos, Caulfield aponta que “Havia um amplo consenso entre os juristas dos anos 20 e 30 de que a sociedade moderna, com seus ‘estímulos sensuais’ – sobretudo os novos meios de comunicação – trouxera a degeneração moral.”¹⁵⁴

De um modo mais geral, a “degeneração dos costumes modernos” era vista como uma ameaça à instituição do casamento, que, segundo os setores conservadores, agora se via tomado por interesses econômicos ou impulsos irresponsáveis do desejo, ao invés dos valores do dever, responsabilidade e decoro. A década de 1920 foi marcada por uma concordância generalizada entre comunidades intelectuais e profissionais de que havia uma crise no casamento. Muitas mulheres vieram a público culpar os maridos tirânicos pela desmoralização e deformação do casamento, enquanto homens e conservadores em geral culpavam os males modernos pela crise – preocupados com feminismo, trabalho feminino, individualismo, materialismo, divórcio, amor livre, controle de natalidade, aborto... Em 1933, referindo-se a um projeto de lei que visava instituir no Brasil o imposto ao celibato, Berilo Neves declarou que sua intenção de casar-se era tão nula que iria à falência.¹⁵⁵

¹⁵³ NEVES, Berilo. O amor antigo. *Fon-fon*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1932, p. 32; NEVES, Berilo. Um cronista, uma mulher e uma notícia. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1927, p. 1.

¹⁵⁴ CAULFIELD, 2000, p. 167.

¹⁵⁵ O direito de não ter esposa... A Noite ouve o escriptor Berilo Neves sobre o imposto do celibato. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1933, p. 1. O projeto em questão foi elaborado pelo Ministro do Tribunal de Contas, Rubem Rosa, inspirado na legislação italiana de Mussolini, e tinha como intenção o incentivo a formação de famílias. Em entrevista posterior, Rosa diz ter desaconselhado Vargas a adotar o projeto por questões fiscais e eugênicas, mas ao menos até 1938 encontrava-se em tramitação. Conforme: Solteirões de 30 a 60 anos pagariam o imposto do celibato!. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 17 out. 1936, p. 1; Valerà

Mas se os motivos que Neves e outros escritores atribuem para seu repúdio ao – ou ao menos à crise do – casamento são da ordem da civilização moderna, eles se concentram, principalmente, em certa figura da mulher moderna. Predomina nesses discursos a insistência em afirmar que o casamento na sua contemporaneidade é difícil e desvantajoso *especialmente* para o homem, por causa das dificuldades em lidar com a mulher. Anos antes, Menotti del Picchia já havia expressado tal preocupação com clareza: “Caso ou não caso? Eis o dilema que arrepia a espinha do celibatário. [...] Os moços, com razão, andam ariscos [...] Será justo que um moço trabalhador e honrado entregue seu nome nas mãos de uma cabecinha fútil e dodivanas [...]?”¹⁵⁶

A desconfiança com relação à mulher na modernidade não estava presente apenas nas páginas literárias de humor e opinião, mas alcançava até mesmo os meios institucionais. Analisando processos por defloração da época, Caulfield demonstra como vários juristas interpretavam que a mulher moderna era moralmente suspeita e como tal não merecia a proteção legal, independente da “virgindade material” anterior. E avaliavam que, ao invés de terem sua inocência abusada pelos homens, essas mulheres usavam de sua depravação e manipulações para forçá-los ao casamento.¹⁵⁷ A modernidade assumia, nesse contexto, pesos diferentes para homens e mulheres:

Em alguns casos, a modernidade tinha uma conotação de progresso social, desenvolvimento econômico e de relações sexuais e familiares saudáveis e racionais. Contudo, podia significar, também, degeneração moral, degradação dos valores tradicionais da família e dissolução dos “bons costumes”. Quando atribuída ao homem, a modernidade era geralmente entendida em seu sentido positivo de racionalidade progressiva. Quando atribuída à mulher, implicava a moral licenciosa e estilo de vida desregrado.¹⁵⁸

No mesmo texto a respeito do amor antigo, Neves fala da mulher que ganha ainda mais malícia e defeitos com o progresso, engrossando os argumentos dos discursos que condenavam o comportamento da mulher na contemporaneidade. Como aponta Besse:

À medida que as mulheres eram expostas às influências ‘perniciosas’ da época – individualismo, egoísmo, materialismo –, os que se proclamavam guardiães da moralidade pública temiam o colapso do amor, da autoridade e da

a pena casar?. *O Momento*, Caxias, 5 set. 1938, p. 287. É curioso notar que Berilo Neves casou-se com Maria de Souza Costa, filha do Ministro da Fazenda Artur de Sousa Costa, em 1937, conforme veiculado em *Hontem – Hoje – Amanhã. O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1937, p. 8.

¹⁵⁶ Publicado em *Revista Feminina*, jan. 1920, conforme citado por MALUF; MOTT, 1998, p. 372.

¹⁵⁷ CAULFIELD, 2000, p. 186-193.

¹⁵⁸ CAULFIELD, 2000, p. 186.

responsabilidade (ou, poder-se-ia deduzir, o colapso da divisão sexual do trabalho).¹⁵⁹

A historiadora ressalta que o colapso do amor e do casamento não era, para àqueles que expressavam tais preocupações, uma questão unicamente romântica e sentimental, de um ponto de vista individual. Era também, ou mais do que isso, a ruína da divisão tradicional dos papéis sociais de gênero, fator que também teve repercussão nos escritos de Neves. A tensão fica patente nas discussões da época sobre o medo da inversão de papéis, perigo atribuído constantemente aos avanços das mulheres e receado até mesmo por algumas delas, defensoras ou não de transformações na situação social da mulher.

As mudanças na moda, por exemplo, resultaram em um mal-estar generalizado sobre a suposta “masculinização” das mulheres e “feminização” dos homens, expresso em sátiras, caricaturas e crônicas indignadas. As figuras das melindrosas e dos almofadinhas eram alvo constante de críticas e zombarias como essas, por seu comportamento desviante em relação a masculinidade e feminilidade padrões. Os almofadinhas, por sua preocupação com a aparência e por não almejarem os valores de trabalhadores e chefes de família, tinham seu comportamento visto como efeminado. As melindrosas, por sua vez, além de adotarem a moda dos cabelos curtos e até calças, muitas vezes fumavam, dirigiam automóveis, frequentavam espaços públicos e tinham uma atitude muito mais ativa com relação aos seus desejos, motivos de escândalo e ridicularização.¹⁶⁰

Justamente por estar intimamente ligada à subversão dos comportamentos, as transformações na moda eram um tema sensível, como fica evidente na enquete promovida por *A Noite* sobre o uso de calças por mulheres em 1933. A prática foi condenada como masculinizadora, ridícula, excêntrica e deselegante por quatro das cinco mulheres que receberam espaço no jornal, incluindo defensoras da igualdade dos direitos políticos às mulheres. Julieta Nasser argumenta: “Que o belo sexo procure conquistar o seu lugar ao sol, na sociedade moderna, nivelando-se, dentro de limites razoáveis ao outro, ainda compreende. Todavia, nada de originalidades que façam desaparecer os encantos característicos das criaturas formosas.” Gostaria de ressaltar o papel do jornal na

¹⁵⁹ BESSE, 1999, p. 4.

¹⁶⁰ CUNHA, 2009, p. 8. Sobre a nova moda e padrões de beleza surgidos na década de 1920, ver também AZEVEDO; FERREIRA, 2006, p. 231-132. Sobre o temor da inversão de papéis decorrente das transformações da moda no século XX, ver também: ARAÚJO, 1993, p. 84-86.

seleção dos depoimentos, que reserva a conclusão e maior espaço do texto aos comentários indignados e irônicos de Berilo Neves:

Se o marido e a mulher vestem igualmente, e igualmente saem para as diversões, e igualmente ralham [...], onde a ideia do sexo, e a distinção das obrigações? [...] Daqui a vinte anos, se continua assim, o amor será uma pilheria, que fará rir, ou uma monstruosidade – que fará chorar...¹⁶¹

O amor estava, dessa forma, explicitamente relacionado a uma ordem estabelecida dos papéis de gênero atribuídos a homens e mulheres, agora ameaçada pela mudança nos costumes. Essas circunstâncias são por vezes interpretadas como um verdadeiro ataque pessoal (“As mulheres desejam roubar-nos o cigarro para desmoralizar esse último atributo que se conservava másculo e forte”), que implica ativamente na perda por parte dos homens (“Agora, sob pretexto de conseguir direitos de que as esbulhamos, tomam-nos os empregos; concorrem conosco nas repartições públicas, chorando e fazendo beicinho, abiscoitam os melhores lugares no comércio”). Mais do que isso, fica evidente a consciência, contrariada, do caráter político de tais transformações: “O fósforo com que acenderem o seu cigarro servirá para deitar fogo à ordem política do século XX.”¹⁶² Mas é uma política de consequências ridículas e nefastas, satirizada em não poucos dos contos de FC de Neves em que, tomado o poder por parte das mulheres, a inversão de estereótipos e papéis de gêneros é produzida.

O que inicialmente é percebido como uma ameaça ao campo tradicionalmente masculino acaba por ser traduzido em uma desvantagem às próprias mulheres, produzindo-se uma inversão. No mencionado texto sobre o imposto aos solteiros na Itália, Neves faz um lamento que é também um alerta para as mulheres:

Atentem bem nisso as damas. À proporção que elas porfiam em possuir os mesmos direitos dos homens (inclusive o direito de fazer tolices) elas vão perdendo a estima e o culto dos seus companheiros da espécie humana. Conquistam um diploma de deputada, mas perdem o direito de ser esposas. Governam províncias, mas não tem filhos. Comandam exércitos, mas não vencem um só coração... É melhor? É pior? Não sei. É triste.¹⁶³

A responsabilidade é atribuída à mulher, simultaneamente causadora e prejudicada pelas transformações. Domina essa percepção a ideia de que as transformações nas relações de gênero não eram, afinal, do interesse das mulheres –

¹⁶¹ NEVES, Berilo. A última conquista. *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1933, p. 1.

¹⁶² NEVES, Berilo. Fumar ou não fumar. In: NEVES, 1936, p. 170-172.

¹⁶³ NEVES, Berilo. Casar é bom... . *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1928, p. 18.

estivessem elas conscientes ou não disso. O esvaziamento de discursos de mulheres pela insinuação mais ou menos explícita de que, no fundo, nem mesmo as mulheres feministas conseguiriam ou desejariam tornar-se independentes dos homens é um recurso constante no humor de Neves e outros escritores de seu tempo.¹⁶⁴

Em “A emoção, curiosa doença cerebral”, o escritor faz com que a presidente de uma ficcional Liga Pro-Direitos das Mulheres vá, mesmo, até o cientista responsável pela cura do amor para convencê-lo de não divulgar sua pesquisa, com medo de que a desgraça caia sobre as moças, envenenadas com suas palavras e desprovidas da atenção dos homens. No enredo, porém, a campanha da Liga contra o sábio apenas aumentou a curiosidade feminina sobre sua palestra, o que a ilustração que acompanha o conto em *Jornal das Moças* fez questão de reforçar. Ela trazia a imagem do cientista – incidentalmente ou não, a de um homem de rosto e óculos arredondados, muito parecido com as fotos de Neves veiculadas na imprensa – pairando acima de três figuras femininas que o saúdam com os braços estendidos.¹⁶⁵ (Figuras 5 e 6)

¹⁶⁴ Argumento semelhante é usado por outros escritores, como Lima Barreto. LOPES, 2008, p. 82.

¹⁶⁵ NEVES, Berilo. A emoção, curiosa doença cerebral. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1928, p. 1. Versão ilustrada publicada em *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1934, p. 14. Outros contos com argumentos semelhantes sobre a emancipação de mulheres são “Uma revolução no outro mundo” e “Evópolis em pé de guerra”, publicados em *Século XXI*. Fotografias de Berilo Neves circularam em diversos periódicos, quase sempre como forma de divulgação de seus livros, mas ocasionalmente em colunas sociais. Alguns exemplos podem ser encontrados em: Um concurso á margem do concurso do mais perfeito sorriso da mulher carioca. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 5 out. 1927, p. 1; Livros novos – “A mulher e o Diabo”, de Berilo Neves. *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 out. 1931, p. 6; “A mulher e o diabo”. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 5 mai. 1932, p. 12.



Figura 5 – NEVES, Berilo. Emoção, curiosa doença cerebral. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1934. p. 14.



Figura 6 – Foto de Neves veiculada no mesmo *Jornal das moças*, acompanhando crítica elogiosa que o trata como colaborador do periódico. Berilo Neves. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1934. p. 36.

Simultaneamente, tais argumentos reforçam a dependência da mulher em relação ao homem e uma existência essencialmente vinculada ao sentimental, como nas discussões apresentadas no capítulo anterior a respeito da natureza da mulher. Soihet, referindo-se ao Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do XX, aponta que

Eram reconhecidas como virtudes essenciais ao sexo feminino a fraqueza, a sensibilidade, a doçura, a indulgência, o recato e a submissão. Por todos esses atributos a mulher estava definitivamente destinada ao amor. O homem era o oposto exato da mulher. O vigor físico e intelectual dominavam seu perfil emocional. Este devia ser mais seco, duro, racional, autoritário, altivo, etc.¹⁶⁶

O fim do amor, nos contos de Neves, não significa simplesmente a perda do lugar tradicional da mulher – o lugar do afetivo e submisso – mas da sua função mesmo, em um nível social e biológico. Isso explica porque, naqueles contos em que a narrativa gira em torno da descoberta de uma cura científica para os sentimentos ou para o amor, os cientistas responsáveis são chamados de “antifeministas” ou descritos como aqueles que “faziam campanha contra as mulheres”,¹⁶⁷ em mais de um caso ameaçados pela vingança feminina. Retomando a divisão histórica entre o feminino e o científico, Neves reelabora e constrói o sentimental como campo feminino/da mulher, agora ameaçado por uma ciência masculina/feita por homens.

Tais relações podem ser observadas também em “O amor no século XXI”, quando uma mulher é a doente. Novamente em um cenário futurista, o protagonista toma seu taxi aéreo para fazer uma visita a seu amigo Raphael Verdurier, um biólogo de renome internacional. Lá, recebe a triste notícia de que a filha de seu amigo não passava bem, ao que reage com estranheza, pois vivia em um tempo em que as enfermidades físicas e as infecções eram apenas reminiscências de “tempos incultos em que havia doenças no mundo”. A doença da jovem, porém, não era causada por germes comuns, como explica o pai biólogo:

Eduquei-a, como sabe, de acordo com as ideias avançadas deste século. Habituei-a a considerar os homens como simples irmãos, cujo valor na perpetuação das espécies se reduziu muito com a descoberta da reprodução artificial da vida. Dei-lhe os livros da história natural que ensinam a rir de muitos sentimentos que eram resultantes, ou de velhos preconceitos, ou de enfermidades orgânicas que a medicina dos séculos passados não sabia curar. [...] Nada de romantismos ancestrais nem de poetizamentos dos atos vulgares da biologia. Queria que fosse forte e indiferente como as mulheres deste

¹⁶⁶ SOIHET, 1989, p. 115.

¹⁶⁷ NEVES, Berilo. O inimigo do amor. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 21 mai. 1927, p. 1; NEVES, Berilo. O amor, um caso clínico. In: NEVES, 1932, p. 59.

século, que são valores morais em tudo idênticos aos homens. Acontece, porém, que um fato lamentável veio despertar, na alma de minha filha, células românticas que pertenceram, de certo, a sua bisavó ou trisavó.¹⁶⁸

A menina Helena morre e é enterrada com homenagens como “última vítima do amor”, palavra que já não faz parte do vocabulário das jovens que dançam inocentemente, sem sombra de *flirt*, à orquestra mais moderna de Londres. Sua morte é também a do próprio “amor antigo” que não resiste à modernidade, e é significativo que se transmita pela linhagem materna. O afetivo está tão intrinsecamente associado ao campo feminino que é apenas sem eles que as mulheres foram capazes de igualarem-se aos “valores morais idênticos aos homens”.

Com a exceção de um único conto em que a moça é quem termina o relacionamento porque o namorado está doente – “o amor não precisa de micróbios para ser bonito”, nota ela com genuína preocupação higienista, mas sem negar o amor –,¹⁶⁹ as consequências da tomada pela ciência do campo do sentimental são sempre maiores para as mulheres dos contos de Neves, contribuindo para reiterar seu argumento de que elas são as principais envolvidas e interessadas em uma crise do amor. Em “O amor no século XXI”, as mulheres foram capazes de integrarem-se à modernidade futurista, a ponto de existir uma ministra da justiça. Em outros contos, porém, elas têm outros destinos: seus corpos também se masculinizam, trazendo a voz grossa e perdendo traços como proeminência dos seios, ou são até mesmo extintas.¹⁷⁰ Nesse sentido, é possível entender porque Neves argumentava que a conservação do amor em sua forma tradicional, não ameaçada pelas transformações das relações entre os gêneros, operaria no interesse das próprias mulheres.

É significativo que o escritor tenha escolhido a linguagem científica para abordar esses temas, pois a ciência assumiu um importante papel nos debates sobre o amor e casamento naquele contexto. Enquanto o casamento era atacado por Berilo com seu humor irônico, conclamando os rapazes a não se casarem, em amor próprio, era também discutido por eugenistas, educadores e juristas que buscavam torná-lo mais higiênico, racional e funcional. Diante de sua crise diagnosticada, uma elite urbana passou a lutar pela modernização da própria instituição do casamento, de modo que uma grande massa

¹⁶⁸ NEVES, 1932, p. 95.

¹⁶⁹ NEVES, Berilo. Um amor interplanetário. In: NEVES, 1934, p. 7.

¹⁷⁰ NEVES, Berilo. Uma carta de amor do século XX. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 5 nov. 1927, p. 1.

de literatura normativa passou a disseminar as normas ideais para um casamento bem sucedido face às condições modernas. E, como nota Besse:

Reformar (e estabilizar) o casamento implicava também novos esforços para ‘civilizar’ o amor – substituir as ‘ilusões’ ‘arcaicas’ a respeito da natureza do amor por ideias modernas saudáveis que exaltam o domínio da razão e da responsabilidade sobre o sentimentalismo e a paixão.¹⁷¹

O ascetismo e a disciplina eram as bases de uma referência normativa de afetividade conjugal, por meio das quais esses modernizadores pretendiam restituir o amor às suas finalidades biológicas e sociais – duas instâncias inseparáveis. A necessidade de modernizar as relações entre marido e esposa era também a de tornar o casamento mais funcional na produção de cidadãos bem-socializados e competentes, minorar os conflitos e mobilizar as mulheres nesse projeto, sem revolucionar os papéis de gênero. O papel da ciência nesse empreendimento foi fundamental:

Recorrendo a uma argumentação que invocava os supostos rigores metodológicos e explicativos do saber científico, o amor ideal tornou-se uma questão de ciência e foi transformado em objeto de técnica. [...] O ‘amor de sofrimentos’ passou de tal forma a fazer parte do repertório das patologias que amor, saúde e felicidade passaram a coincidir nos discursos sobre a família.¹⁷²

Essa compreensão do debate em curso mostra que amor e ciência não eram, afinal, signos tão dificilmente associáveis. A discussão travada por médicos, eugenistas e higienistas contemporâneos a Neves não está tão distante do diagnóstico do seu Dr. Steiner, personagem que argumenta que o homem normal deveria ser alegre e isento de desequilíbrios afetivos. A ciência que buscava guiar até mesmo as práticas românticas não era exclusiva da FC de Neves, mas estava em questão nos projetos políticos em discussão naquela época.

Isso não quer dizer que seus escritos fossem um mero reflexo dos mesmos, nem que Neves estivesse alinhado de modo coerente com eles. Pode-se pensar que, muito além de discursar em favor da restauração higienista do casamento, Neves colocava em questão inquietudes e ansiedades compartilhados por muitos dos envolvidos nesses debates – e talvez aí esteja um dos motivos da sua popularidade entre leitores dos mais diferentes perfis.

¹⁷¹ BESSE, 1999, p. 68. Sobre tais empreendimentos e a instituição do casamento nas classes populares, ver: SOIHET, 1989, p. 247-389; RAGO, 1985, p. 61-64.

¹⁷² MALUF; MOTT, 1998, p. 388.

Seus escritos são um interessante contraponto aos conselhos morais e médicos sobre o amor e a vida conjugal, ocupando o campo do humor e da fantasia. De certa forma, parodiam e ironizam não apenas o amor e o casamento, mas os próprios empreendimentos de racionalizá-los. Em várias de suas histórias, o desfecho não é nada satisfatório para os cientistas, mal sucedidos na cura do amor, e ainda há uma ambiguidade em contos como “Amor, um caso clínico”, em que o protagonista apaixona-se do mesmo jeito. O personagem cientista é ainda abertamente ridicularizado em “Glandula dos sentimentos”, em que a esposa interrompe a explicação científica do cientista a uma visita e o dá um sermão.¹⁷³

“A máquina de medir o amor” é interessante nesse sentido: como em outros contos, o cientista baseia-se no princípio de que os sentimentos são “perturbações funcionais” passíveis de aferimento como qualquer outro fenômeno físico químico, e consegue criar a invenção que dá nome ao conto. O empreendimento do doutor acaba mal, com ele próprio vítima de uma tragédia, mas não porque a máquina não funcionasse, pelo contrário. Ao ver que o amor de sua namorada quase não passava da marca de zero, um rapaz insatisfeito mata-a e suicida-se, uma das balas atingindo o médico. O conto remete também às discussões sobre crimes passionais, em que um homem é levado ao extremo de realizar uma tragédia pela desilusão da moça. Cabe notar que a tragédia nomeada é a morte do doutor e do rapaz e não a da namorada, pois o protagonista narrador também planejava em relação a sua amada “conforme o resultado, dar-lhe um tiro ou um colar de pérolas”.¹⁷⁴

Ainda que os cientistas em seus contos e seus projetos de racionalização tenham soado absurdos, cômicos e nem sempre eficazes, isso não quer dizer que Neves rejeitasse completamente a modernidade científica. O deslumbramento com a ciência e tecnologia e a reverência a racionalidade dos cientistas não estão ausentes de seus escritos. Argumento, como no primeiro capítulo, que o amor doença curável pela ciência é ainda outra expressão da complexidade de seus escritos, que diz respeito às ambiguidades e tensões de sua própria experiência em uma sociedade em transformação. Mais do que isso, porém, a linguagem científica explorada na FC parece ter sido uma forma inovadora, mas perfeitamente adequada a comunicar em seu contexto, problematizando a

¹⁷³ NEVES, Berilo. O inimigo do amor. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 21 mai. 1927, p. 1; NEVES, Berilo. O amor, um caso clínico. In: NEVES, 1932, p. 59; NEVES, Berilo. A glandula do sentimento. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1928, p. 1.

¹⁷⁴ NEVES, 1934, p. 173.

experiência e controvérsias de sua época a respeito dos deslocamentos dos papéis sociais de gênero tradicionalmente estabelecidos.

Se por um lado Neves não discursava pela restauração do casamento, os argumentos de seus escritos se aproximavam dos discursos de sua higienização e racionalização, pois, no fim, seu diagnóstico era semelhante. Médicos, juristas e outros engajados no debate argumentavam que a mulher deveria preservar o tradicional ideal de pureza e submissão, combinado com as expectativas burguesas de gerência eficiente do lar e representar o papel de companheira adequada. Neves parece não ter esperança nessa regeneração, mas compartilha da concepção da mulher moderna como um problema para uma ordem desejável. Enquanto coloca a questão de que talvez nem a ciência e seu amor racional restituam os valores perdidos das relações tradicionais, tem também o efeito de reforçar as representações conservadoras e essencializantes de mulheres e seu lugar na sociedade.

3.2 A reprodução artificial

Assim como o amor e o casamento, intimamente ligados, recebem destaque nos contos de Neves, também a reprodução é constantemente investigada em sua FC. Embora relacionados às discussões da seção anterior, os contos sobre reprodução merecem uma investigação particular. Nesses contos, o autor especula sobre as consequências da tomada do domínio da reprodução – a princípio definido do mesmo modo que o amor, ou ainda mais, como feminino – pela ciência. Assim, nos contextos imaginados em que as mulheres perdem tal primazia, passam por processos de masculinização, revolta ou até mesmo extinção. No caso do amor, Neves se interessa particularmente pela relação afetiva entre um homem e uma mulher, ligada quase sempre à instituição do casamento e suas consequências para certa ordem na sociedade. Quando se refere à reprodução em sua FC, porém, o escritor diz ainda mais a respeito de uma função social da mulher e da ligação com a sua biologia, como demonstrarei a seguir.

O tema da criação de humanos artificiais é mais recorrente na ficção científica do que o amor doença de Neves e, para alguns estudiosos, foi inaugurado com o próprio

Frankenstein (1818) de Mary Shelley. Para se referir a esses seres (semelhantes aos) humanos criados em laboratórios, é comum na literatura especializada em FC o termo “androide”, também uma forma de diferenciar organismos sintéticos de robôs, máquinas ou seres mecânicos e elétricos. Na obra de Neves, porém, “homens sintéticos” e “homens mecânicos” por vezes têm significados intercambiáveis, e a diferenciação entre carne e metal parece menos relevante para a sua especulação do que o fato de que são criados em laboratórios. Os seres artificiais que imaginou podiam ser feitos a partir de tecnologias biológicas, como incubadoras de células e chocadeiras de ovos humanos, ou não, como homens mecânicos ou de cimento, ou ambos os aspectos podiam se confundir.¹⁷⁵ Em quase todos os casos, porém, a invenção de meios de criar pessoas artificiais por meio da ciência parecem levantar questões semelhantes. O que está em questão na fabricação de pessoas em laboratório são as consequências da tomada pela ciência da criação e do controle da vida, o que diz respeito tanto a uma concepção de ciência como uma noção do que é humano e, como pretendo elaborar, do que é ser homem e ser mulher.

Poucos de seus contos aproximam-se do conceito mais comumente explorado nas narrativas tradicionais de robôs, que discutem formas de mecanização e alienação do trabalho. Com a exceção de algumas histórias em que a ideia de criados elétricos é mencionada,¹⁷⁶ os seres artificiais existentes nos contos de Neves representam mais do que uma força de trabalho ou instrumentos para uma humanidade no futuro, constituindo-se como uma alternativa a própria humanidade, um novo modo de vida. Em mais de uma de suas histórias, Neves vislumbra um futuro em que todos os seres humanos passam a ter origem artificial – os mesmos futuros em que foram alcançadas as mais diversas conquistas em termos de transportes, comunicações e saúde modernizadas. Caso o conto se passasse no presente, a descoberta poderia se apresentar ao menos como um projeto para o futuro.

Esses enredos levantam algumas questões fundamentais: alcançado o “segredo da vida”,¹⁷⁷ porque seria desejável, do ponto de vista dos cientistas responsáveis, a substituição dos modos tradicionais de reprodução? Que tipo de homens e mulheres

¹⁷⁵ NEVES, Berilo. O homem synthetico. In: NEVES, 1932, p. 33; Em “A mulher de cimento armado” (Seculo XXI), embora de cimento, as mulheres são criadas por embriogenia.

¹⁷⁶ Sobre narrativas de FC em que seres artificiais são usados como força de trabalho, ver: MANN, 2001, p. 505. Os contos de Neves identificados com tal abordagem são os seguintes, enquanto os outros serão explorados ao longo do capítulo: NEVES, Berilo. Uma manhã no anno 2.000. In: NEVES, 1934, p. 49; NEVES, Berilo. Carta a um matuto. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1934, p. 17.

¹⁷⁷ NEVES, Berilo. O homem synthetico. In: NEVES, 1932, p. 33.

seriam criados? Aqui, a ciência aparece novamente como signo de progresso e modernidade – independentemente da conclusão favorável ou dúbia em relação às suas conquistas – ao ser responsável pela produção de seres humanos ideais, de acordo com um padrão de saúde, eficiência e moralidade.

O sr. Carlos Autogenico, homem mecânico do conto homônimo, é um pouco ingênuo, mas erudito, elegante e fluente em todas as línguas, além de dominar várias danças e modalidades esportivas. Mais importante, era saudável, feliz e vivia um ideal de simplicidade que excluía a bebida, o fumo, a mentira e sentimentos como o amor – o que, como vimos, seu criador acreditava que seria o modo de acabar com todas as desgraças do mundo, e custaria a vida do Autogenico pela mão das mulheres. Estes são os mesmos males evitados em “Trezentos anos depois”, conto já mencionado que trata de um mundo em que a moralidade perfeita dos processos de gestação que a uma vida científica livre de mazelas.¹⁷⁸

Também em outros contos os personagens fazem questão de ressaltar a superioridade do processo de gestação artificial. Em um deles, o cientista observa que seu método consegue concluir em nove dias a gestação que a natureza levaria nove meses para fazer, e mais: “O meu *homem sintético* com nove meses de idade já fala com um certo desembaraço e pede alimento, quando tem fome.”¹⁷⁹ Assim, vemos que os procedimentos imaginados por Neves não apenas criam a vida humana, como também a moldam para um funcionamento ideal na sociedade – ou melhor, as duas coisas estão interligadas.

Não por acaso, os seres criados em “O homem synthetico” surgiriam de células criadas em “condições eugênicas”. A reprodução e o controle das condições ideais de vida eram grandes preocupações do movimento eugenista, que passava por um momento de consolidação institucional na década de 1920. Em um contexto de expansão do sentimento de que a modernização do país dependeria de amplas reformas sociais, especialmente em relação à saúde pública, educação e formação racial da população, as discussões sobre eugenia ganharam força. Concentraram-se em torno de instituições como a Sociedade Eugênica de São Paulo (1917), criada pelo médico Renato Khel, a Sociedade Brasileira de Higiene (1923) e a Liga Brasileira de Higiene Mental (1923-

¹⁷⁸ NEVES, Berilo. O Sr. Carlos Autogenico. In: NEVES, 1932, p. 123; NEVES, Berilo. Trezentos anos depois. In: NEVES, 1934, p. 122.

¹⁷⁹ NEVES, Berilo. O homem synthetico. In: NEVES, 1932, p. 37. Grifo original.

1947). Segundo Nancy Stepan, predominou nessa época uma corrente reformista de eugenia, com cooperação com os movimentos higienistas e sanitaristas – ao contrário de casos como o da Grã-Bretanha, em que houve disputas entre os mesmos. Essa compreensão, denominada pela Sociedade Eugênica de São Paulo como eugenia preventiva, tinha como objetivo a conquista dos fatores ambientais disgênicos, e sem dúvida encontra ressonâncias nos escritos de Neves e seus cenários futuristas de ambientes e práticas perfeitamente higiênicos povoados por humanos artificiais.¹⁸⁰

Embora a vertente preventiva predominasse, ela não era a única. As prioridades e fundamentos da eugenia passaram por debates acirrados, principalmente à medida que avançava a década de 1930. Os outros tipos de eugenia, ainda de acordo com a classificação da mesma instituição, eram a positiva, que tinha preocupação com uma procriação sadia, e a negativa, que visava impedir a procriação dos indivíduos considerados não eugênicos. Embora essa última tenha sido menos popular no Brasil e mais defendida nas tradições alemã e anglo-saxã, a preocupação com a reprodução aqui também era central. De acordo com Stepan, a influência do neolamarckismo e uma fundamentação teórica eclética possibilitavam uma visão otimista com relação ao aprimoramento hereditário, ideias que tinham muito vigor na medicina e biologia francesas e latino-americanas durante as décadas de 1920 e 1930. O objetivo era um controle sobre a constituição biológica dos indivíduos por meio do controle da reprodução, como aponta a definição de Kehl:

é sinônimo de eugenesia e eugênica. Tem por fim a melhoria progressiva da espécie, pelo fomento da ‘boa geração’, pela ‘procriação hígida’ consistindo, em suma, no enobrecimento físico e mental do homem. [...]’ como ciência, tem por objeto a investigação da herança biológica; como arte, tem por escopo a boa procriação.¹⁸¹

Assim, para os eugenistas, a reprodução não era vista apenas como uma atividade individual relacionado à sexualidade humana, mas como uma responsabilidade coletiva e questão populacional. Stepan levanta que, sobretudo a partir da década de 1930, eugenistas latino-americanos começaram a discutir formas de praticar a eugenia da reprodução e do matrimônio. E, partindo também da concepção de que o papel social das

¹⁸⁰ STEPAN, 2004, p. 66. Sobre eugenia no Brasil, ver também STEPAN, Nancy L. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005; CASTAÑEDA, Luzia Aurelia. Eugenia e casamento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 10(3): 901-30, set.-dez. 2003.

¹⁸¹ Kehl, Renato. *Lições de Eugenia* (2a ed.). Rio de Janeiro: Canton & Reile, 1935, p. 15.

mulheres era visto como primordialmente reprodutivo, muitas de suas políticas concentraram-se nelas.¹⁸²

Novamente, é possível notar que os temas abordados por Neves – como a reprodução artificial, ou cientificamente fundamentada e até conduzida – não apenas são temas comuns a FC enquanto tradição literária, mas que estavam em questão nos debates mais atuais sobre a modernização da sociedade, sobretudo nos meios científicos. Poucos textos ficcionais de sua época devem ter explorado o discurso eugênico da mesma forma que o trecho em que seu personagem cientista diz, do seu método de reprodução artificial e seu interesse explícito em regular a perfeição dos indivíduos criados: “eu lhes regulo, como quero, a inteligência. Não há hipótese de nascer um imbecil, um idiota, por isso que sei fabricar a massa cinzenta de seus cérebros.” Em vários de seus contos, a nova forma de reprodução tem explicitamente a finalidade de criação de seres perfeitos.¹⁸³

Neves também escreveu contos como “Um casamento no seculo XXX”, por exemplo, em que o controle da reprodução para uma “prole robusta” é uma preocupação nacional, mas realizado em âmbito privado por meio da análise da ficha sanitária dos noivos pelo pai e médico da família. Em alguns casos, o escritor menciona até mesmo o papel do Estado nesse processo – ao mesmo tempo em que os movimentos eugenistas incentivavam a atuação governamental, com novas expectativas a partir da Revolução. No futuro imaginado em “No anno 2.000”, um homem do futuro afasta a possibilidade de superpopulação diante da extrema longevidade alcançada, explicando que a fabricação de seres humanos é controlada pelo Estado, em “uma espécie de malthusianismo mecânico”.¹⁸⁴

Enquanto os homens artificiais de Neves inspiravam reflexões sobre longevidade, saúde, moralidade, eficiência e outras questões entendidas naquele contexto como relevantes para a sociedade de modo geral, não se pode dizer o mesmo das suas mulheres artificiais. Seu lugar, nesses contos, continua sendo o de esposas afetivas: o mesmo cientista que cria homens cultos e produtivos é o que cria mulheres para serem

¹⁸² STEPAN, 2005, p. 115-124. O estudo de Stepan também faz uma interessante reflexão sobre o envolvimento de mulheres em tais debates. Sobre o assunto, ver também RAMOS, 2002; CASTAÑEDA, 2003.

¹⁸³ NEVES, Berilo. O homem synthetico. In: NEVES, 1932, p. 37. Ver também: “O sr. Carlos Autogenico”, publicado em *A Costela de Adão* (1929) e “A mulher de cimento armado”, veiculado em *Careta* (06/12/1930) e posteriormente em *Seculo XXI* (1934), entre outros.

¹⁸⁴ NEVES, Berilo. Um casamento no seculo XXX. In: NEVES, 1932, p. 129; NEVES, Berilo. No anno 2.000. In: NEVES, 1932, p. 57.

esposas ideais. E, a partir do momento em que seria possível criar e moldar uma mulher, esse é um dos desejos mais referidos: “Então, eu levarei a esse homem de gênio, um pacote de açúcar, um exemplar do ‘Moço Loiro’ e um pacote de pregos: para que me fabrique, com gênio bem doce, uma mulher sentimental e que nunca saia do seu lugar...”¹⁸⁵

Em outra oportunidade, o desejo adota uma conotação de classe no breve comentário de um personagem de “As chocadeiras humanas”, que zomba: “vou encomendar uma empregadita de dezesseis anos que ainda não saiba roubar.”¹⁸⁶ Porém, excetuando-se esse breve chiste, em geral as mulheres artificiais dos contos de Neves não são criadas para outra coisa que não a de esposa ou amante. O conto mais contundente nesse sentido é “A mulher de cimento armado”. Nele, as “Mulheres sob encomenda” são oferecidas pelo Palácio de Ciências, instituição internacional de referência localizada em uma versão futurista de Paris chamada Cosmopolis, na avenida Pasteur:

Centenas de homens, vindos de todas as partes do mundo, obtinham, aí, o tipo de mulher sonhado pelo seu desejo ou pela sua imaginação. [...] Os mais perfeitos tipos de beleza encontram-se, catalogados, como fazendas numa fábrica de tecidos [...] Essas mulheres, obtidas sinteticamente, são educadas ao gosto dos seus noivos e tornam-se, por isso, deliciosas de gênio e de temperamento. É raríssimo dar-se, com elas, algum caso que necessite divórcio: quando se lhes perturba alguma glândula capital, é só leva-las ao Palácio das Ciências [...]. Provado que a infidelidade era uma doença das glândulas, e não um requinte de maldade moral, o problema a felicidade no casamento tornou-se, como é fácil imaginar, consideravelmente simples.¹⁸⁷

Essas mulheres artificiais não eram apenas mais doces do que as mulheres comuns, mas tinham também sua rede nervosa aumentada em benefício da ternura e do afeto, e a grande vantagem de não envelhecerem. Retomando o discurso da biologia sobre o comportamento, Neves constrói a ideia de um casamento ideal, em que a mulher se ajusta às necessidades do homem. Em “Sangue artificial”, o marido submete a mulher a uma operação experimental sem que ela saiba para por fim às brigas constantes do casal, e ela passa de temperamental, irracional e estúpida a idealmente dócil.¹⁸⁸ As afirmações sobre a determinação da biologia sobre o comportamento da mulher e a sua adequação ou não a um papel social acompanhava os discursos já referidos da medicina e, em especial, da endocrinologia sobre mulheres.

¹⁸⁵ NEVES, Berilo. Transformações. *A Noite*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1932, p. 2.

¹⁸⁶ NEVES, Berilo. As chocadeiras humanas. In: NEVES, 1934, p. 153.

¹⁸⁷ NEVES, Berilo. A mulher de cimento armado. In: NEVES, 1934, p. 37.

¹⁸⁸ NEVES, Berilo. Sangue artificial. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1932, p. 7.

O final ambíguo e humorístico de “A mulher de cimento armado” dá ensejo a uma ponderação. A certo ponto, as mulheres de cimento armado param de ser produzidas, pois estavam quase todas viúvas. Um dos personagens analisa de modo insinuante que o excesso de fidelidade parece ser prejudicial aos maridos e o protagonista, com medo, vende a sua mulher artificial, por quem era tão apaixonado. Ressoam em “A mulher de cimento armado” as já referidas discussões sobre a falência das relações conjugais na modernidade e o perigo que elas representavam, segundo alguns, especialmente para os homens. Pode ser que essa seja mais uma forma de rir das soluções da ciência e da modernidade idealizada construída sobre ela, mas é importante observar, como nos contos sobre o amor, Neves não contradiz o diagnóstico de que a mulher é a origem de problemas, baseado também nas assunções sobre sua natureza pelo mesmo discurso científico da época.

Em “As chocadeiras humanas”, o protagonista desconfia que a esposa fabricada seja uma mulher genuína:

Ele aconselhou-me que a levasse ao *boudoir*. Imediatamente, a moça (que era loira e linda) pôs-se ao espelho com faceirice, e encheu-se de pó de arroz. Suspirei aliviado. [...] E um mês depois telegrafava, da Califórnia, ao Dr. Morrison: “*Lilian provou bem. Gênio adorável. Namorando minha ausência empregado hotel. Deliciosa! Parabéns grande cientista. – Rubião.*”¹⁸⁹

Enquanto o conto não deixa de ser uma zombaria ao homem que aceita traição e à ciência que não consegue resolver isso, cabe lembrar que, ainda que traído, o personagem aceita deliciado a esposa artificial moldada, por quem havia trocado a esposa mais velha, “balofa e enfermiça”. Ou talvez *porque* traído, considerando o desfecho de “A mulher de cimento armado”, de modo que tivesse certeza de que sua mulher era genuína. Afinal, o conto dá a entender que as características da futilidade e da enganação fazem parte da sua natureza ou, mais do que isso, é aquilo que as define como mulheres, e nesse sentido nem mesmo as mulheres artificiais produzidas pela ciência poderiam ser diferentes.

Nota-se que, enquanto as mulheres são criadas com a finalidade de serem esposas – no entendimento de Causo, “a mulher é reduzida a conjunto de atributos requeridos pelo homem, por um lado, e por outro é definida apenas por sua

¹⁸⁹ NEVES, Berilo. As chocadeiras humanas. In: NEVES, 1934, p. 155.

sexualidade.”¹⁹⁰ – os homens que são criados artificialmente têm como destino o trabalho e não têm coração:

Esses *homens sem coração* dirigem os grandes navios aéreos, constroem casas, comandam exércitos, trabalham com segurança, método e calma, sem jamais se descontrolarem em crises de emoção ou afeto.¹⁹¹

Não ocorreu aos personagens de Neves criarem mulheres sem coração para efetuar essas tarefas, e há um motivo. Novamente, são reforçados os argumentos a respeito das diferenças essenciais e biológicas entre homens e mulheres, que implicariam também em papéis sociais diferentes. Cabe lembrar que o papel da mulher de esposa e cônjuge não estava dissociado do de mãe – o reprodutivo, ao que os contos de Neves sobre a reprodução artificial estavam muito atentos.

Logo no início de “O homem synthetico”, ao referir-se da descoberta da maneira de “fabricar sinteticamente a vida”, Neves escreve que “Anunciava-se uma formidável revolução social que teria, mesmo de arrasar os alicerces das instituições, a começar pelo casamento.” E continua: “Se o fim do casamento era a reprodução da espécie e a espécie se poderia reproduzir assexuadamente, para que o casamento? As relações entre os dois sexos seriam, assim, reformadas de *fond en comble*.”¹⁹² Assim, o autor coloca que as relações entre homem e mulher eram determinadas especificamente por seu lugar no casamento, estrutura de finalidade social e biológica. Nessas histórias, porém, Neves parece estar ainda mais interessado no lugar das mulheres em tais relações biológicas e sociais.

Como no fim do amor, com o controle da reprodução pelos cientistas, as mulheres vão perdendo suas prerrogativas e, em “Amor no século XXI”, a relação entre amor e reprodução fica clara. Nele, a descoberta da reprodução artificial da vida é o que torna obsoleto o amor, fazendo com que as mulheres considerem os homens “simples irmãos” e, como já foi mencionado, igualem-se a eles moralmente. Em “Uma carta de amor do século XX”, outro conto com a temática do fim do amor em um futuro modernizado, o narrador esclarece:

¹⁹⁰ CAUSO, 2003, p. 168.

¹⁹¹ NEVES, Berilo. A mulher de cimento armado. In: NEVES, 1934, p. 36. Ver também: NEVES, Berilo. As chocadeiras humanas. In: NEVES, 1934, p. 149;

¹⁹² NEVES, Berilo. O homem synthetico. In: NEVES, 1932, p. 34.

Hoje, não é preciso lembrar que os processos de fecundação artificial dos óvulos sintéticos tornaram perfeitamente inútil a mulher como procriadora de homens. Elas são pessoas semelhantes a nós outros. Trabalham como nós, cortam os cabelos á nossa moda [...]. A voz engrossou-se-lhes, o tórax tornou-se-lhes mais amplo, e perderam aquelas formas insólitas que as tornavam tão diversas dos secos e magros homens dos séculos passados...¹⁹³

A mulher não apenas era a responsável pela procriação, como por causa disso não poderia ser semelhante aos outros, homens. E se a mulher é inútil como procriadora dos homens – note-se, não de mulheres ou pessoas de modo geral – ela praticamente deixa de ser mulher e, apenas assim, torna-se semelhante aos homens. A tal ponto sua função social como procriadora está relacionada a sua biologia que sua própria constituição física se transforma e se masculiniza.

Se as mulheres são desnecessárias enquanto tal e vão se masculinizar, poderiam muito bem não existir. É o que Neves imagina em vários outros contos: “Nem era preciso duplicidade de sexos. Só servia para criar complicações à humanidade, para gerar brigas entre os homens, tragédias estupidas, casos conjugais. A humanidade evoluiu.” Por acaso, o único sexo era o masculino, de forma que o que servia para gerar complicações não era apenas a duplicidade de sexos, mas o sexo feminino – cuja função era procriar. Afinal, “A estufa substituiu o ventre materno, e a mulher perdeu a sua principal função na terra.” Da mesma forma, o cientista de “O homem synthetico”, o mesmo que se dizia capaz de criar mulheres mais meigas por dosar-lhes o açúcar do sangue, declara sem meios termos que “agora, as mulheres são inúteis.”¹⁹⁴ Não é por acaso, também, que a indústria responsável pela fabricação do homem mecânico em “O sr. Carlos Autogenico” é chamada Woman Eletric Company.

Atento para tais representações tendo sempre em mente que se tratavam de elaborações cômicas e fantásticas, provavelmente recebidas por seu público com doses variadas de humor e choque. Porém, cabe lembrar que seu humor e absurdo ganharam força justamente por tocarem premissas compartilhadas e debatidas por seus contemporâneos. Alguns anos depois de tais contos serem publicados, em meados da década de 1940, Plínio Salgado afirmava que partindo

da diferenciação das funções físicas, chegamos à diferenciação das funções sociais [...] na mulher, a função física que a distingue do homem manifesta-se

¹⁹³ NEVES, Berilo. Uma carta de amor no seculo XX. In: NEVES, 1932, p. 181.

¹⁹⁴ NEVES, Berilo. No anno 2.000. In: NEVES, 1932, p. 56; NEVES, Berilo. O homem synthetico. In: NEVES, 1932, p. 38.

na maternidade. Logicamente, toda a ação da mulher [...] tem que proceder daquela função.¹⁹⁵

A ideia de que a mulher era um ser social e biologicamente voltado para a maternidade foi fortemente construída e reafirmada pelos meios científicos, sobretudo a partir de meados do XIX. Diversos campos dos saberes médicos contribuíram para consolidar a ideia de que a biologia, para a mulher, significava sobretudo a maternidade, na forma de “vocação compulsória” da qual derivariam todas as suas funções. Margareth Rago aponta como, a partir dessa época, a medicina passou a fundamentar a valorização do papel doméstico da mulher, a exemplo das campanhas de aleitamento. A psiquiatria também teve papel na construção desse saber, como aponta Magali Engel:

A maternidade era vista como a verdadeira essência da mulher, inscrita em sua própria natureza. Somente por meio da maternidade a mulher poderia curar-se e redimir-se dos desvios que, concebidos ao mesmo tempo como causa e efeito da doença, lançavam-na, muitas vezes, nos lodos do pecado.

A mulher que não quisesse ou pudesse realiza-la era, aos olhos do médico, “um ser físico, moral ou psiquicamente incapaz”.¹⁹⁶ Construía-se dessa forma um valor em torno da responsabilidade da mulher pela felicidade da família e higiene do lar. Sua missão sagrada e vocação natural da procriação estava ligada a uma ordem natural, com implicações no próprio futuro da nação. O estudo de Natasha Ostos mostra como nas décadas de 1930 e 1940 essas ideias ainda eram relevantes, vinculadas cada vez mais às novas formas de regulamentação biológica da população pelos poderes públicos. Segundo Ostos, os discursos conservadores produzidos nesse período reforçariam uma valorização das mulheres como procriadoras da sociedade, em um sentido físico, mas também mais amplo de reprodução de um modelo social e familiar desejável a ordem social. Como pude mencionar no capítulo anterior, defensores da transformação da situação social da mulher também defenderam a maternidade como missão, fossem por motivos estratégicos ou de identificação.¹⁹⁷

Nesse sentido, atento para o fato de que por meio de sua ficção e de um modo particular à mesma, Neves mobilizou compreensões a respeito da mulher e suas finalidades sociais/biológicas que não apenas estavam presentes nos debates da época,

¹⁹⁵ SALGADO, Plínio. *Obras completas de Plínio Salgado*, vol. 8. São Paulo: Editora das Américas, 1955, p. 273.

¹⁹⁶ ENGEL, Magali. *Psiquiatria e feminilidade*. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 338. Ver também: SOIHET, 1989, p. 111-116.

¹⁹⁷ RAGO, 1985, p. 74-80; BESSE, 1999, p. 109; OSTOS, 2009, p.12; HAHNER, 2003, p. 306-311.

como também tinham respaldo nas teorias científicas de sua época e, mais do que isso, sustentaram projetos políticos em debate.

Em “Co-co-ri-có!... (Carta a uma feminista)”, Neves direciona seu discurso diretamente a uma interlocutora feminista. Diante da suposta notícia de que um galo havia conseguido botar um ovo, ele parte para uma reflexão sobre a inversão de papéis, colocada como esdrúxula, imoral e ridícula. E alerta, não sem boa dose de ironia:

Mas agora que se inverte a ordem biológica das coisas, e se põe o Mundo pelo avesso, eu sou – minhas senhoras – o primeiro a concordar convosco em que os elementos masculinos abusam clamorosamente do seu direito e da sua força!

Senão, refliti comigo um momento. Qual a função primordial, dominante, quase única, das galinhas? Toda gente o dirá (o Larousse, inclusive): pôr ovos.

E reforça a naturalização dos papéis sociais ainda da parte dos homens – “Esse galo da Califórnia terá, ao menos, paciência para chocar os próprios ovos? O galo-boêmio incorrigível” – concluindo com o mesmo raciocínio de seus outros contos de FC: “se as galinhas deixam de ser necessárias para pôr ovos, que destino se lhes ha de dar na face, triste, da Terra?!”.¹⁹⁸

Depois dessa associação não tão sutil entre a função das mulheres e das galinhas, o autor passa para uma reflexão sobre como pôr ovos resulta em prestígio para as galinhas, uma vez que sustenta uma série de práticas culinárias e a felicidade doméstica do homem. Nota, ainda, que o galinheiro é a única peça da casa antiga que resistiu com a modernidade, não desaparecendo, mas civilizando-se – mencionando até mesmo que os galos servem-se de campainhas elétricas para chamar os criados, enquanto as galinhas de espelhos para sua maquiagem. E conclui aventando a perspectiva sombria de inversão total de papéis entre humanos homens e mulheres. Nessa metáfora, ou talvez seja melhor descrevê-la como uma fábula, Neves insinua o mesmo que nos contos sobre a cura do amor: as transformações nos papéis sociais tradicionais de homens e mulheres não apenas vão contra a natureza, como também são cômicas por seu absurdo e não deveriam ser do interesse das mulheres – discurso dirigido especialmente às feministas. A modernização poderia ser bem vinda, desde que mantida a tradição no campo das relações de gênero.

¹⁹⁸ NEVES, Berilo. Co-co-ri-có!... (Carta a uma feminista). *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1934, p. 13-14. Republicada em NEVES, 1936, p. 11.

Vemos o extremo oposto desses contos no já mencionado “A inimiga dos homens”, em que a tecnologia reprodutiva é alcançada pelas mulheres ao invés dos homens. Não apenas a desagradável e masculinizada inimiga dos homens desenvolve uma forma de reprodução artificial exclusivamente com o objetivo de eliminar a existência dos homens como seu projeto é um fracasso, visto que a sua plateia feminina não se vê disposta a viver sem eles. Assim como as outras tentativas de mulheres de fazerem uma revolução social na ficção de Neves – interpretada como uma afronta ou guerra aos homens – esta é sabotada pela própria dependência das mulheres.

Os cientistas homens, ao contrário da inimiga dos homens, são retratados como conscientes, seguros e mais eficazes para concretizar seus intentos, com motivações quase sempre altruístas e racionais. Motivações pessoais são mencionadas apenas em “O homem synthetico”, em que o narrador aponta a existência de rumores sobre o sábio cientista: teria sido por um desgosto de amor que se tornara misantropo e se voltara completamente para suas experiências científicas.¹⁹⁹ Mas enquanto a cientista é descrita como histérica e rancorosa, o cientista adota sempre um tom sereno e racional, embasado cientificamente e demonstrando resultados produtivos e impressionantes.

O sábio tem em comum com outros dos inventores de seres artificiais e com os propositores da cura do amor o fato de tomarem controle, por meio da ciência, de campos associados pelo próprio autor ao feminino e à atuação privilegiada da mulher. Embora essa ciência nem sempre seja bem sucedida, os discursos que constrói sobre a mulher não são confrontados, mas servem de alerta às mulheres. A desilusão de amor do sábio cientista, assim como seus empreendimentos científicos, encontram justificativas e até mesmo legitimação pelas imagens de mulheres fúteis, traiçoeiras e estúpidas, de acordo com uma ideia de natureza essencial reforçada pela modernidade. Afinal, a ciência da ficção científica de Neves só se intrometeu em seus domínios porque as mulheres saíram de seu lugar tradicional e perturbaram uma ordem, fazendo do amor uma monstruosidade. Os cientistas que suprimem a necessidade da mulher, nessa perspectiva, parecem tentar solucionar uma situação causada por elas próprias ao saírem de seus lugares tradicionais.

Se tais empreendimentos científicos lidam com a perda do lugar tradicional da mulher, isso quer dizer na perspectiva dos cientistas de Neves também o do seu lugar natural e essencial, e nesse sentido ameaçam sua própria existência social/biológica.

¹⁹⁹ NEVES, Berilo. O homem synthetico. In: NEVES, 1932, p. 33.

Entendo que as ideias de amor, casamento e reprodução interligados nesses contos, mas também nos debates de sua contemporaneidade, dizem respeito a construções históricas de sentidos em torno dos gêneros. Como pude elaborar anteriormente, tais práticas discursivas estavam diretamente implicadas em relações de poder e contribuíram também para essencializar as mulheres e seus papéis sociais.

Em “O homem synthetico”, a ironia final também recai sobre as mulheres e sua ligação com o amor e a reprodução. Na cena final, amontoava-se na frente do hotel do cientista uma multidão de solteironas, mulheres “que já haviam passado da idade de casar sem ter conseguido um noivo”.²⁰⁰ Aguardavam ansiosas que aquele homem lhes solucionasse a vida por meio da encomenda de maridos sintéticos. Como sempre alheias à racionalidade científica, ignoravam que o próprio cientista havia as declarado inúteis, pois a invenção tornava obsoleta a sua própria existência.

²⁰⁰ NEVES, Berilo. A inimiga dos homens. In: NEVES, 1932, p. 163; NEVES, Berilo. O homem synthetico. In: NEVES, 1932, p. 33.

CONCLUSÃO

“O estado normal do homem e da mulher é o casamento – assim como o do organismo é a saúde.” Quem o declara é o próprio Berilo Neves, em 1939. Já casado, o escritor dá uma opinião diferente sobre a mesma discussão do imposto do celibato, em carta na qual aparentemente responde ao pedido de uma leitora da *Revista da Semana*. Embora seja contra a medida forçada, defende que os jovens devem ser educados para as sérias responsabilidades do casamento, vocação natural e fisiológica. E censura, como se seus próprios escritos não fossem merecedores da observação:

A Literatura, a seção humorística dos jornais e *magazines* não se fartam, no mundo inteiro, de meter a ridículo o casamento. É de boa nota rir dos maridos. Os sujeitos de 30 anos, que têm bons dentes e boa renda, troçam facilmente dos amigos que ‘caíram na tolice de casar’... [...] Não acreditam que haja mulher honesta.²⁰¹

Aponto para o fato de que, no final da década de 1930, os debates sobre libertação feminina foram cada vez mais calados, com o movimento feminista organizado dissolvido pelo surgimento de um clima intelectual reacionário e o estabelecimento da ditadura em 1937. O discurso da maternidade como função social e biológica da mulher perante a nação encontrava ainda mais força por meio do Estado e, para Susan Besse, esse modelo pode ter surgido ainda mais forte por ter sido renovado e promovido na classe operária. Essas afirmações, porém, não devem levar à minimização das transformações e conquistas ocorridas nas décadas anteriores, como indicado por Azevedo e Ferreira no caso das mulheres médicas, nem apagar as incertezas que se apresentavam naquele momento.²⁰²

Longe de buscar uma linearidade ou coerência totalizante nos escritos de Neves, entendo que participam das incertezas e disputas de seu contexto. Como estratégias que eram, apresentaram uma instabilidade própria do caráter movediço das relações sociais de seu tempo. Nesse sentido, o seu alinhamento mais explícito aos projetos de reforma do casamento faz parte de um outro contexto, em que os atores sociais e forças políticas não eram os mesmos. Ao invés da contradição, aponto para a reorganização dos debates políticos. Se em 1939 Neves parecia mais conciliador, muitos de seus escritos anteriores

²⁰¹ NEVES, Berilo. A felicidade e o imposto. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1939, p. 3.

²⁰² BESSE, 1999, p. 12 e 219; OSTOS, 2006; RAGO, 1985; AZEVEDO; FERREIRA, 2006.

já dialogavam com certas ideias com os reformadores do casamento. Ainda que zombeteiros e fantasiosos, seus escritos se fundamentavam em pressupostos compartilhados sobre o lugar social e biológico da mulher na sociedade, fundamentados em um conhecimento científico e político que ganhou forças ao longo da década de 1930.

Ao longo da dissertação, argumentei que Neves dialogou com os discursos médicos e científicos de modo geral de seu tempo sobre o comportamento feminino e o lugar da mulher na sociedade, em um contexto de valorização da ciência como fonte da modernização e solucionadora de problemas sociais. Em seus contos, assim como nas demandas de cientistas e outros intelectuais de sua época, ciência e tecnologia faziam parte do cotidiano dos cidadãos, adentrando cada vez mais em um espaço privado e fundamentando uma administração científica do homem e da natureza. Levando em consideração a formação científica de Neves e a sua repercussão enquanto autorizado a falar – literariamente ou não – sobre o assunto, aponte que o autor dialogou com projetos políticos de sua época fundamentados na ciência, em especial na higiene, na eugenia e na determinação biológica do comportamento.

O principal tema sobre o qual giravam suas reflexões de inspirações científica eram as mulheres, representadas como fúteis e não confiáveis, pertencentes ao domínio do sentimento e do privado, quase sempre em campo oposto ou conflituoso quando confrontada com o progresso e ciência. Baseado em pressupostos amplamente discutidos em sua época de que o comportamento de homens e mulheres eram fundamentalmente diferentes e determinados por causas bioquímicas, constantemente lidou com a questão da divisão social dos papéis sociais de gênero. Fundamentado nos discursos científicos de sua época, atuou na construção e reelaboração de noções de feminino e masculino e seu lugar na sociedade, processo inevitavelmente ligado às relações de poder expressas nas relações entre os gêneros.

Em sintonia com novas subjetividades modernas, o autor realizou as suas especulações por meio do gênero da ficção científica, muito pouco praticado no Brasil em sua época. Defendi, além disso, a importância de analisar sua literatura considerando também a linguagem própria que a FC permitiu, entendendo que ela constitui uma das contribuições originais da sua análise. Por meio do manejo de uma linguagem científica, Neves colocou ideias em prova e explorou questões de seu presente de modo especulativo, expressando uma concepção acerca da ciência integrada com a agenda

política de seu tempo e explorando os limites do que era plausível em seu tempo. Como Darko Suvin, gostaria de reforçar os efeitos potenciais que a FC tem em seus leitores: ao mesmo tempo em que contribuiu para que os escritos de Neves fossem considerados originais, engraçados e/ou chocantes, também possibilitou que fossem compartilhadas noções sobre a natureza da mulher e seu lugar na sociedade, por meio de pressupostos científicos circulantes.

O pitoresco robô Telelux estava muito distante da realidade brasileira, enquanto o amor transmissível pelo cromossomo ou pelo bacilo não foi aceito como “verdade científica” mesmo na época em que Neves o escreveu, nem ele o pretendia como tal. Como elaborado anteriormente, o que está em jogo na FC não é a adequação da narrativa ao que se considera como fatos, mas o manejo de uma linguagem científica com fins de especulação. Menos do que informar sobre os debates científicos, o autor foi capaz de expressar um entendimento sobre as possibilidades e consequências das práticas científicas de sua época. Ao mesmo tempo, lidou com ambiguidades, tensões, esperanças e desconfianças com relação a esses projetos, ao mesmo tempo em que realizava sua sátira da sociedade que lhe era contemporânea. Criados em diálogo com sua contemporaneidade, os escritos de Neves assumiam caráter político, na medida em que elaboravam, reforçavam ou refutavam certas representações em jogo de enfrentamento em sua época.

O amor doença e a reprodução artificial, duas das alegorias mais comuns nos contos de Neves, puderam auxiliar a reflexão proposta de um modo mais concretamente voltado para a FC. Tanto amor quanto reprodução estão ligados, nesses escritos, pela instituição social que lhes rege, o casamento. Ainda que zombe do casamento em meio aos debates sobre sua crise e as consequências para a sociedade, Neves compartilha com seus contemporâneos reformadores e higienistas diagnósticos parecidos sobre os problemas que ele enfrenta e sua importância na ordem social. Mais do que isso, reforça também a sua naturalidade, principalmente para a mulher. Argumentando que a conservação do amor tradicional ou antigo diante das transformações das relações entre os gêneros era do interesse das próprias mulheres, seus escritos reforçam os posicionamentos que remetem aos discursos sobre a finalidade biológica e social da maternidade. Assim, são reafirmados os argumentos científicos e políticos a respeito das diferenças essenciais e biológicas entre homens e mulheres, que implicariam também em papéis sociais diferentes.

Ao mesmo tempo em que parodiam e ironizam o amor e o casamento, ocupando o campo do humor e da fantasia, esses contos confrontam também os próprios empreendimentos racionais para conformá-los de acordo com padrões científicos. A ciência que nem sempre consegue restituir os valores idealizados do amor tradicional, por vezes falha, cômica e absurda, é a mesma que por vezes oferece ameaça, incerteza e desilusão. O deslumbramento com a modernidade científica e suas promessas de progresso higiênico e tecnológico convivem, nos escritos de Neves e na sensibilidade de muitos de seus contemporâneos, com nuances, incertezas e tensões.

Os aspectos plurais e até mesmo contraditórios de seus escritos dizem respeito, também, a uma sensibilidade de uma experiência de profundas transformações sociais e tecnológicas, que possibilita múltiplos posicionamentos e compreensões da parte de Neves e seus contemporâneos. Gostaria de reforçar esse ponto diante da repercussão de seus escritos entre mulheres, feministas ou não, ainda que muitos deles corroborassem as representações conservadoras e essencializantes de mulheres e seu lugar na sociedade. Como argumentei, o que significava ser mulher, seu papel na sociedade e até mesmo lutar por uma transformação no mesmo eram significados em constante disputa, tanto por parte das mulheres envolvidas quanto de homens engajados nesses debates.

É curioso notar o caso de autores como Lima Barreto e Berilo Neves, por sua relação polêmica com os movimentos feministas. Barreto, que se declarava antifeminista, desacreditava o movimento feminista organizado e atacava pessoalmente militantes como Bertha Lutz, conclamou as mulheres a defenderem o divórcio como forma de minar a opressão estrutural que recaía sobre elas.²⁰³ Berilo Neves, que foi amplamente divulgado como antifeminista e escrevia paródias ridicularizando-as e reafirmando a “utilidade” mulheres apenas enquanto companheiras e reprodutoras, colaborou em revistas da FBPF e circulou em meios feministas. Além de levantar controvérsias, os dois escritores têm em comum o fato de contribuírem para desacreditar as vozes e a atuação política e pública de mulheres, mesmo quando pareçam falar em favor delas.

Sobretudo, gostaria de atentar para o modo por meio do qual o escritor pôde mobilizar e explorar ficcionalmente questões pertinentes à sociedade com que dialogava, colocando em questão ansiedades compartilhadas por muitos de seus contemporâneos, por meio da linguagem inovadora da ficção científica. As inquietações com relação à

²⁰³ ENGEL, 2009; LOPES, 2008.

transformação da paisagem urbana e à modernização do país se unem à crise da mudança das relações tradicionais entre os gêneros, processos a que a ciência de sua época não estava alheia. Ainda que a ciência da ficção de Neves nem sempre alcançasse resultados desejáveis, o escritor diz de uma situação de ajustes, disputas e transformações sociais em que ela está inevitavelmente presente. Seus contos têm um efeito ambíguo que combina maravilhamento e desconfiança em relação aos empreendimentos científicos, mas compartilham com seu tempo uma linguagem e pressupostos científicos definidores de identidades e papéis sociais de gênero, bem como o desejo por uma modernização que preserve valores tradicionais.

Gostaria de contribuir, com essa pesquisa, para lançar novos olhares sobre os modos por meio dos quais questões de gênero, ciência e cultura se relacionam, seja em nosso passado ou em nossa sociedade atual. Ainda hoje, os discursos científicos têm um papel fundamental nas práticas reguladoras de formação, divisão e atribuição de papéis sociais de gênero em nossa sociedade. Acrescentam-se aos discursos anatômicos e hormonais o conhecimento construído em torno da genética, por exemplo, em um contexto de novos debates e disputas políticas, a exemplo dos direitos reprodutivos de mulheres e das transgeneridades. A investigação dos modos com que gênero e ciência se inter cruzam ainda é um campo extremamente fértil e relevante em nossa contemporaneidade.

O diálogo entre gênero e ciência pode se manifestar em diversas formas culturais, entre elas a ficção científica, a fantasia de modo geral e o humor. Defendi que esses podem ser instigantes campos de investigação, sem estarem isentos de implicações políticas em seus contextos. Gostaria de reforçar novamente esse ponto com relação ao humor, sobretudo diante dos debates atuais sobre o limite e as consequências do mesmo. Diante de vozes de minorias que se levantam para acusar manifestações humorísticas de repressoras e preconceituosas, tentativas de despolitizar o humor vêm em resposta. Como no caso de Neves, lembro que o humor ganha força justamente por tocar premissas compartilhadas e debatidas por seus contemporâneos, concepções que não estão isentas das relações de poder na sociedade. Inspirada em Walter Benjamin, proponho que diante

das tentativas de estetização da política nosso olhar de historiadores, voltado para o passado ou para o presente, procure sempre operar uma politização da estética.²⁰⁴

²⁰⁴ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Primeira versão. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FONTES

Obras de Berilo Neves

- NEVES, Berilo. *A costela de Adão*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1929.
- NEVES, Berilo. *A mulher e o diabo*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1931.
- NEVES, Berilo. *Pampas e Cochilhas*. Porto Alegre: Livraria O Globo, 1932.
- NEVES, Berilo. *Lingua de trapo: aforismos e paradoxos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1934.
- NEVES, Berilo. *A costela de Adão*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1930.
- NEVES, Berilo. *A costela de Adão*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.
- NEVES, Berilo. *Seculo XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1934.
- NEVES, Berilo. *Cimento armado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1936.
- NEVES, Berilo. *Caminhos de Damasco: Crônicas e Fantasias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1939; NEVES, Berilo. *Eça de Queirós: romântico ou naturalista*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

Outras obras

- KEHL, Renato. *Lições de Eugenia* (2a ed.). Rio de Janeiro: Canton & Reile, 1935.
- SALGADO, Plínio. *Obras completas de Plínio Salgado*, vol. 8. São Paulo: Editora das Américas, 1955.

Publicações em periódicos

- “A Costella de Adão”. *Crítica*, Rio de Janeiro, 4 mai. 1929, p. 3.
- “A mulher e o diabo”. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 5 mai. 1932, p. 12.
- “Walkyrias”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 jul. 1934, p. 8.
- A Costella de Adão. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 7 mar. 1929, p. 2.
- A Costella de Adão. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 jan. 1930, p. 4.
- A ultima conquista... . *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1933, p. 1.
- As maravilhas da sciencia – o homem mecânico. *A Noite*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1931, p. 7.
- As obras de Berilo Neves vertidas para o polonez. *A Noite*, Rio de Janeiro, 7 set. 1936, p. 2.
- Associação Brasileira de Pharmaceuticos. *Diario Nacional*, São Paulo, 1 dez. 1929, p. 5.
- Berilo Neves. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 mar. 1934, p. 2.
- Berilo Neves. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1934, p. 36.
- Conferencia do escriptor Berilo Neves. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 mai. 1932.
- Dois livros de Berilo Neves. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 mai. 1932, p. 2.
- Eva no jury. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11 fev. 1933, p. 26.
- Fabricação de mulheres. *Eu sei tudo*, Rio de Janeiro, out. 1937, p. 27.
- Hontem, hoje, amanhã. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1938, p. 12.
- Hontem – Hoje – Amanhã. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1937, p. 8.
- Livros de Berilo Neves. *A Noite*, Rio de Janeiro, 4 dez. 1945, p. 45.
- Livros novos: “A Costella de Adão”. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1929, p. 4.
- Livros novos – “A mulher e o Diabo”, de Berilo Neves. *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 out. 1931, p. 6.

- Nas montras das livrarias – A “Costella de Adão” - Berillo Neves. *A manhã*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1929.
- Nas vésperas da partida de Olga Bergamini de Sá. *A Noite*, Rio de Janeiro, 22 abr. 1929, p. 8.
- Noticias e commentarios. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1928, p. 31.
- O direito de não ter esposa... A Noite ouve o escriptor Berilo Neves sobre o imposto do celibato. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1933, p. 1.
- O mez do Touring Club: A sessão commemorativa de hontem, á noite, na séde da Associação Brasileira de Imprensa. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 out. 1931, p. 3.
- O movimento intellectual (critica e informação literaria). *Diario Carioca*, 25 mai. 1929, p. 4.
- Publicações. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1934, p. 7.
- Sem fio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 21 mai. 1929, p. 4.
- Sem fio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 29 out. 1931, p. 4.
- Sem fio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 4 mar. 1932, p. 5.
- Solteirões de 30 a 60 annos pagariam o imposto do celibato!. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 17 out. 1936, p. 1.
- Touring Club do Brasil. *A Noite*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1932, p. 2.
- Um concurso á margem do concurso do mais perfeito sorriso da mulher carioca. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 5 out. 1927, p. 1.
- Uma conferência sobre humorismo. *Diário Nacional*, São Paulo, 28 mai. 1932, p. 4.
- Valerà a pena casar?. *O Momento*, Caxias, 5 set. 1938, p. 287.
- Vida social. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 mai. 1930, p. 5.
- BASTOS, Elizabeth. A comedia do almofadinha e a tragedia da melindrosa. *Correio da Manhã: Correio Feminino*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1935, p. 5.
- BASTOS, Elizabeth. Conselhos a minha filha. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1932, p. 4.
- BASTOS, Elizabeth. Eva 1937 – mal comprehendida. *Correio da Manhã: Suplemento Feminino*, Rio de Janeiro, 16 mai. 1937, p. 3.
- BASTOS, Elizabeth. Revolução no inferno. *Correio da Manhã: Correio Feminino*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1934, p. 5.
- BRANCA, Irma. Pacifico agitador Berilo Neves. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1936, p. 8.
- CAMPOS, Humberto de. Vida Literária. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 mar. 1929, p. 2.
- CARVALHO, Jarbas de. Culto de Eva. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 mar. 1929, p. 3.
- CELSON, Maria Eugenia. “A costella de Adão”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 jan. 1930, p. 4.
- DANTAS, Julio. Eva 1937. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1937, p. 4.
- FERNANDES, Carlos D. Autores e livros. *O Paiz*, 20 mar. 1929, p. 1.
- FREITAS, Elizabeth Bastos de. Conselhos a minha filha. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1932, p. 4.
- LIMA, Alceu Amoroso. O homem e a mulher (Ensaio de Characterologia). *A Ordem*, Rio de Janeiro, nov. 1937.
- MACHADO, Raul. “A Costela de Adão”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 7 abr. 1930, p. 7.
- MALTA, Tostes. Chronica dos livros. *A Noite*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1931, p. 7.
- MARTINS, Epaminondas. Ler e commentar. *Correio da Manhã – Suplemento*. Rio de Janeiro, 10 jan 1932, p. 1.
- MONIZ, Heitor. No mundo dos livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1932, p. 2.
- NEVES, Berilo. 1932. *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1931, p. 8.

- NEVES, Berilo. A emoção, curiosa doença cerebral. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1928, p. 1.
- NEVES, Berilo. A emoção, curiosa doença cerebral. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1934, p. 14.
- NEVES, Berilo. A felicidade e o imposto. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 21 jan. 1939, p. 3.
- NEVES, Berilo. A glandula do sentimento. *O Paiz*, 20 abr. 1928, p. 1.
- NEVES, Berilo. A sessão nocturna dos micróbios... . *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1927, p. 1.
- NEVES, Berilo. A republica das mulheres. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 5 fev. 1928, p. 1.
- NEVES, Berilo. A ultima conquista. *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 mai. 1933, p. 1.
- NEVES, Berilo. Às armas, cidadãs!. *A Noite*, Rio de Janeiro, 13 dez. 1932, p. 2.
- NEVES, Berilo. Carta a um matuto. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 22 nov. 1934, p. 17.
- NEVES, Berilo. Carta a uma leitora. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 15 set. 1936, p. 12.
- NEVES, Berilo. Carta a uma mulher. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1935, p. 14.
- NEVES, Berilo. Carta a uma mulher. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1937, p. 32.
- NEVES, Berilo. Casar é bom... . *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 24 nov. 1928, p. 18.
- NEVES, Berilo. Co-co-ri-có!...(Carta a uma feminista). *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 4 abr. 1934, p. 13.
- NEVES, Berilo. Curiosidade. *A Noite*, Rio de Janeiro, 20 ago. 1932, p. 2.
- NEVES, Berilo. Decalogo dos noivos. *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1932, p. 2.
- NEVES, Berilo. Diabo a quatro. *A Noite*, Rio de Janeiro, 10 mai. 1932, p. 2.
- NEVES, Berilo. Gymnophagia. *A Noite*, Rio de Janeiro, 26 abr. 1932, p. 2.
- NEVES, Berilo. O amor antigo. *Fon-fon*, Rio de Janeiro, 16 abr. 1932, p. 32.
- NEVES, Berilo. O inimigo do amor. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 21 mai. 1927, p. 1.
- NEVES, Berilo. O homem mecânico. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 12 nov. 1927, p. 1.
- NEVES, Berilo. O homem mecânico. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1928, p. 9.
- NEVES, Berilo. O julgamento do capitão Holmes. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1933, p. 15.
- NEVES, Berilo. O marido e a pátria. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 mar. 1932, p. 2.
- NEVES, Berilo. O microbio do amor. *A Noite Ilustrada*, 30 nov. 1932, p. 7.
- NEVES, Berilo. O succo do “yagé”. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 10 set. 1927, p. 1.
- NEVES, Berilo. Pela ordem e pela pátria. *Gazeta de notícias*, Rio de Janeiro, 9 jul. 1924, p. 6.
- NEVES, Berilo. Quid est mulier?. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 12 mai. 1928, p. 18.
- NEVES, Berilo. Sacco de gatos. *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 mai. 1932, p. 2.
- NEVES, Berilo. Salada de frutas. *A Noite*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1932, p. 2.
- NEVES, Berilo. Sangue artificial. *A Noite Ilustrada*, Rio de Janeiro, 23 abr. 1932, p. 7.
- NEVES, Berilo. Transformações. *A Noite*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1932, p. 2.
- NEVES, Berilo. Um chronista, uma mulher e uma notícia. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 19 fev. 1927, p. 1.
- NEVES, Berilo. Uma revolução no outro mundo. *A Noite Suplemento*, Rio de Janeiro, 24 dez. 1930, p. 14.

- NEVES, Berilo. Uma carta de amor do século XX. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 5 nov. 1927, p. 1.
- NEVES, Berilo. Velho thema. *Jornal das moças*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1938, p. 59.
- NEVES, Berilo. Verdades e mulheres. *A Noite*, Rio de Janeiro, 2 abr. 1932, p. 2.
- RIBEIRO, Fléxa. Literatura de ficção – O livro de estréia do sr. Berilo Neves. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 mar. 1929, p. 3.
- SILVA, Helio. Semanographo. Folha da Manhã, São Paulo, 26 ago. 1934, p. 8.
- SINTRA, Astrô. Adão desmascarado. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 5 out. 1929, p. 2.
- STAR. Ella não é uma mulher como as outras. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 25 set. 1938, p. 12.
- VIMAR, Maria. Decalogo das noivas. *A Noite*, Rio de Janeiro, 28 mar. 1932, p. 7.

BIBLIOGRAFIA

- ALLAN, Kathryn. *Bleeding chrome: Technology and the vulnerable body in feminist post-cyberpunk science fiction*. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – McMaster University, Ontario.
- ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus editorial, 1974.
- ALMEIDA, Nukácia M. Araújo de. *Revistas Femininas e Educação da Mulher: o Jornal das Moças. Anais do 13º Congresso de Leitura do Brasil*. 5. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf> Acesso em jul. 2013.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ANDRADE, Lucas de Melo. O Doutor Benignus na cientificidade brasileira dos oitocentos. *Caderno de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011.
- ARMUS, Diego (org). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940. *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.213-254.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Primeira versão. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Editora da USP, 1999.
- BESSE, Susan. Crimes of passion: the campaign against wife killing in Brazil -1910-1940. In: *Journal of Social History* 22:4 (verão de 1989).
- BOARINI, Maria Lúcia; YAMAMOTO, Oswaldo H. Higienismo e Eugenia: discursos que não envelhecem. *Psicologia Revista*, vol. 13, n.1, SP. Educ. 2004, p. 59-72.
- BREDER, Debora. Entre o “indizível horror da procriação” e a “sexualidade andróide”: notas sobre The Brood e Crash, de David Cronenberg. *Devires*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 112-129, jul-dez 2009.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALLADO, Ana Arruda. Uma Walkyria entra em cena em 1934. *Estudos feministas*, v. 2, n. 2, 1994, p. 345-355.
- CAMPOS, Augusto de (org.). *Pagu: vida-obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Ficção científica, percepção e ontologia: e se o mundo não passasse de algo simulado?. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13 (suplemento), p. 17-37, outubro 2006.
- CARDOSO, Rafael (org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- CARNEIRO, André. *Introdução ao estudo da “science-fiction”*. São Paulo: Conselho Estadual da Cultura, 1967.
- CASTAÑEDA, Luzia Aurelia. Eugenia e casamento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. 10(3): 901-30, set.-dez. 2003.
- CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

- CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil – 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- CHARTIER, Roger. Debate – Literatura e História. *Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, 2000, pp. 197-216.
- CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu* (4) 1995: pp. 37-47.
- CUNHA, Getúlio. Melindrosas e almofadinhas: feminilidades e masculinidades no Rio de Janeiro da década de 1920. *Anais do XXV Simpósio Nacional de História - História e Ética*, 2009, Fortaleza. DE LUCA, Tânia Regina. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.
- DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto; Unesp, 1997.
- DUARTE, Regina Horta. *A biologia militante: O Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: História e identidade nacional do Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ENGEL, Magali. Gênero e política em Lima Barreto. *Cadernos Pagu*, v. 32, p. 365-388, 2009.
- ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- FABRIS, Mariarosaria. Cinema: da modernidade ao modernismo. In: FABRIS, Annateresa (org). *Modernidade e modernismos no Brasil*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.
- GINWAY, Elizabeth. *Ficção científica brasileira – Mitos culturais e nacionalidade no País do Futuro*. São Paulo: Devir, 2005.
- GIROLDO, Ramiro; SANTOS, Rosana Cristina Zanellato. Transfigurações utópicas em O Presidente Negro de Monteiro Lobato. *Revista Fronteiras – PUC-SP*, vol. 4, n. 4, dezembro 2009.
- GIROLDO, Ramiro. Higienismo na ficção científica brasileira: da utopia à distopia. *Literatura e Autoritarismo - Contextos Históricos e Produção Literária*, n. 12, jul-dez 2008. Disponível em: < http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num12/art_09.php>. Acesso em dez. 2013.
- GOLINSKI, Ian. The care of the self and the masculine birth of science. *History of Science*, Cambridge, p. 125-145, 2002.
- HAHNER, June Edith. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5) 1995: pp. 07-41.
- HOCHMAN, Gilberto. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). *Educar*, Curitiba, n. 25, p. 127-141, 2005.
- HOCHMAN, Gilberto. Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e a construção do Estado (Brasil 1910-1930). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 40-61.
- KELLER, Evelyn Fox. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.13-34.
- KELLER, Evelyn Fox. *Reflections on gender and science*. New Haven: Yale University Press, 1985.

- LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo*: Maria Lacerda de Moura. São Paulo: Ática, 1984.
- LOPES, Maria Margaret. Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.73-95, jun. 2008.
- LOPES, Maria Margaret. “Aventureiras” na ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil. *Cadernos Pagu* (10) 1998: pp. 345-368.
- LOPES, Maria Margaret; SOUZA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. A construção de invisibilidade de mulheres na ciência: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz. *Niterói*, v.5, n.1, p. 97-109, 2. sem. 2004.
- LÖWY, Ilana. Gender and Science. *Gender & History*, v.11, n. 3, nov. 1999, pp. 514–527.
- LÖWY, Ilana. Universalidade da ciência e “conhecimentos situados”. *Cadernos Pagu* (15) 2000: pp.15-38.
- LUSTOSA, Isabel. *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: *História da vida privada no Brasil*: República: da Belle Époque à Era do Rádio. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MANN, George (org.). *The mammoth encyclopedia of science fiction*. New York: Carroll & Graf, 2001.
- MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. *Cadernos Pagu*, v.11, p.67-75, 1998.
- MELO, Chico Homem de; RAMOS, Elaine. *Linha do tempo do design gráfico no Brasil*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MOREIRA ALVES, Branca. *Em busca da nossa história: o movimento pelo voto feminino no Brasil – 1919/1932, fatos e ideologia*. 1977. Dissertação (Mestrado). IUPERJ, Rio de Janeiro.
- MOREIRA, Ildeu; MASSARANI, Luisa. A divulgação científica no Rio de Janeiro: algumas reflexões sobre a década de 1920. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VII(3): 627-651, nov. 2000-fev. 2001.
- OLIVEIRA, Bernardo Jefferson: Cinema e imaginário científico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13 (suplemento), p. 133-50, outubro 2006.
- OSTOS, Natascha Stefania Carvalho. *Terra adorada, Mãe gentil: Representações do feminino e da natureza no Brasil da Era Vargas (1930-1945)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, Belo Horizonte.
- OTERO, Léo Godoy. *Introdução a uma história da ficção científica*. São Paulo: Lua Nova, 1987.
- OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body: an archaeology of sex hormones*. New York: Routledge. 1994.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.
- PEREIRA, Fabiana da Camara Gonçalves. *Fantástica margem: o cânone e a ficção científica brasileira*. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras). PUC-RIO, Rio de Janeiro.
- PONTES, Heloísa. Vida e obra de uma menina nada comportada: Pagu e o Suplemento Literário do Diário de S. Paulo. *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho de 2006: pp.431-441.

- QUINLAN, Susan; SHARPE, Peggy. *Duas modernistas esquecidas: Adalzira Bittencourt e Ercília Nogueira Cobra: visões do passado, previsões do futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFG, 1996.
- RAGO, Elisabeth Juliska. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. *Cadernos Pagu* (15) 2000: pp.199-225.
- RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Luzia Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, v.11, p.89-98, 1998.
- RAMOS, Maria Bernadete. Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzira Bittencourt. *Revista Estudos Feministas*, ano 10, abril 2002.
- ROBERTS, Adam. *Science fiction*. New York: Routledge, 2006.
- ROBERTS, Adam. *The History of Science Fiction*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.
- ROHDEN, Fabíola. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.133-152, jun. 2008.
- ROHDEN, Fabíola. A obsessão da medicina com a questão da diferença entre os sexos. In: PISCITELI, et al (orgs.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- ROCQUE, Lucia de La; TEIXEIRA, Luiz Antonio. ‘Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura’. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol. VIII(1), 10-34, mar.-jun. 2001.
- ROSSI, Paolo. *Naufrágio sem espectador: a idéia de progresso*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2012.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, Vol.6, n° 2, jul/dez 1990.p. 21.
- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- SCHWARCZ, Lillia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEDEÑO, Eulalia Pérez. Institucionalización de la ciencia, valores epistémicos y contextuales: un caso ejemplar. *Cadernos Pagu* (15) 2000: pp.77-102.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001.
- SILVA, Alexander Meireles. *Admirável mundo novo da República Velha: o nascimento da ficção científica brasileira no começo do século XX*. 2008. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). UFRJ, Rio de Janeiro.
- SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana – 1890-1929*. Rio de Janeiro: Forense, 1989.
- SOIHET, Rachel. O corpo feminino como lugar de violência. *Projeto História – Corpo & Cultura*, São Paulo, n° 25, pp. 269-289, 2002.
- SOIHET, Rachel. *O feminismo tático de Bertha Lutz*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2006.
- SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005.

- SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. *Estudos Feministas*, v. 5, n. 1/97, 1997. p. 7-29.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007.
- STEPAN, Nancy L. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.
- STEPAN, Nancy L. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: ARMUS, Diego (org). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SUVIN, Darko. *Metamorphoses of science fiction*. New Haven: Yale University, 1979.
- TADEU, Tomaz (org). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- TAVARES, Bráulio. As origens da ficção científica no Brasil. *D. O. Leitura*, n. 138, nov. 1993. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- TOSI, Lucía. Mulher e ciência: a Revolução Científica, a caça às bruxas e a ciência moderna. *Cadernos Pagu* (10) 1998: pp.369-397.
- VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. RJ: Editora FGV, 1996.
- VERGARA, Moema de Rezende. As imagens femininas n'O Vulgarizador: público de ciência e mulheres no século XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.191-208, jun. 2008.
- VERGARA, Moema de Rezende. Modernidade e imagens de objetos de ciência e tecnologia em jornais ilustrados do final do século XIX. *Revista Museologia e Patrimônio*, v. 2, p. 1-13, 2009.
- VIEIRA, Maria Aparecida de Lima. *Mulheres na medicina: construindo espaços na São Paulo do século XX*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade São Francisco, Itatiba.

Sites consultados

- The Robots of Westinghouse. Disponível em: <<http://history-computer.com/Dreamers/Elektro.html>>. Acesso em nov. 2013.
- 1929 – Telelux Robot. Disponível em: <<http://cyberneticzoo.com/robots/1929-telelux-american>>. Acesso em nov. 2013.
- <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>